

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Educação

Anderson C. F. Brettas
Orientador: Prof.º Dr.º José Carlos Souza Araújo

HIPPOLYTE LEON DENIZARD RIVAIL, OU ALLAN KARDEC
Um professor pestalozziano na França do tempo das Revoluções

Uberlândia, MG, 2012

Anderson C. F. Brettas

HIPPOLYTE LEON DENIZARD RIVAIL, OU ALLAN KARDEC
Um professor pestalozziano na França do tempo das Revoluções

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a orientação do prof.º Dr. José Carlos Souza Araújo.

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Uberlândia, MG

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B845h Brettas, Anderson C.F., 1971-
2013 Hippolyte Leon Denizard Rivail, ou Allan Kardec : um professor
 pestalozziano na França das revoluções / Anderson C.F. Brettas. – 2012.

219 f. : il.

Orientador: José Carlos Souza Araújo.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educação -- Teses. 2. Educação e espiritismo -- Teses. 3. Kardec,
Allan -- 1804-1869 -- Teses. 4. Pestalozzi, Johann Heinrich, 1746-1827 --
Teses. I. Araújo, José Carlos Souza. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Anderson C. F. Brettas

HIPPOLYTE LEON DENIZARD RIVAIL, OU ALLAN KARDEC
Um professor pestalozziano na França do tempo das Revoluções

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Educação. Aprovada em 30/08/2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo / UFU (Orientador)

Prof. Dr. Wellington Teodoro da Silva / PUC-MG

Prof. Dr. Gustavo Araújo Batista / UNIUBE

Prof. Dr. Carlos Alberto Lucena / UFU

Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho / UFU

À Ítala Diana,
tia querida, mestre,
em seu “canto do cisne”.

Ao Paschoal e à Geralda Brettas
autênticos professores,
que já partiram.

À Ana Júlia,
nossa “nova Heloísa” das
melhores utopias rousseaunianas,
preparando o porvir.`

Como diria Milton Nascimento,
em “Encontros e Despedidas”:

São só dois lados / Da mesma viagem /
O trem que chega / É o mesmo trem /
Da partida... // A hora do encontro /
É também, despedida / A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar / É a vida desse meu lugar (...).

À Patrícia Kelly,
Uma “jóia do Nilo”,
pelas melhores razões.

AGRADECIMENTOS

“Nada surge do nada, nada acaba em nada”. A célebre frase atribuída a Epícuro de Samos, filósofo grego dos tempos helenísticos, embora permeada pela obviedade, é ignorada pela maioria. Seguramente, não chegamos aqui ao acaso, não prescindimos nessa caminhada de tantos aliados e parceiros que, em maior ou menor aspecto, deixaram suas contribuições.

Primeiro, o mais justo dos reconhecimentos: todo o apoio institucional da Pós-Graduação da UFU, desde os tempos do mestrado. A importante retaguarda da Secretaria, com o suporte do James e da Jeanne; pela atuação destacada de todos os professores, em especial a Sandra Lima, o Humberto Guido, o Geraldo Inácio, o Décio Gatti e o Carlos Henrique.

Ao José Carlos Araújo - muito mais do que um professor - um orientador na melhor acepção, um companheiro de jornada. Um amigo. O Carlos Lucena, pelas aulas, pelas participações na bancas e, principalmente, pelos exemplos: acadêmico e de vida.

Aos parceiros da mesma jornada e desafio, os colegas de doutorado, em especial à Cristiane, ao Geraldo, ao Sandro e ao Schenkel. Ao Wander, pela pertinente leitura quando escalado, e à Luciene, pelo apoio constante.

Do Instituto Federal do Triângulo Mineiro, aos colegas e amigos de trabalho, sobretudo o Wagner Jacinto, o Humberto Estevam e o Otaviano Pereira.

Em Patrocínio, dos tempos do Unicerp, ainda no início da caminhada, o reconhecimento pela amizade incondicional do Arlindo Gonçalves e do Laércio Vida.

São tantos aqueles que deixam alguma marca que é quase impossível, pela memória, os resgates justos e pontuais.

À todos, os meus mais sinceros reconhecimentos.

*Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo.
Aprendi a viver.*

Cora Coralina

*A única verdadeira viagem seria não ir em direção a novas paisagens,
mas possuir outros olhos, ver o universo com o olhar de outro,
de uma centena de outras pessoas, ver a centena de universos que
cada um vê, que cada um é.*

Marcel Proust

RESUMO

O espiritismo francês é relativamente difundido no Brasil - crença professada por cerca de dois por cento da população, cerca de quatro milhões de adeptos declarados - mas cujas categorias, como a crença da imortalidade da alma, na reencarnação e na possibilidade de contato com os mortos são difundidas na cultura nacional, compartilhadas em alguma medida por adeptos de todas as religiões. Por outro lado, os aspectos biográficos e intelectuais da figura de Allan Kardec, fundador da doutrina espírita, embora seja um nome popular, são pouco conhecidos, sobretudo na produção acadêmica. Allan Kardec é o pseudônimo de Hippolyte Leon Denizard Rivail (1804/1869), professor, pedagogo, escritor de livros didáticos, fundador e diretor de escolas na França. Estudou com um dos nomes mais influentes da pedagogia contemporânea, o suíço-alemão Johann Henrich Pestalozzi (1746/1827), na escola instalada no castelo de Yverdon, na Suíça e tornou-se um discípulo e propagandista das ideias liberais e democráticas da educação. A presente tese analisa a conjuntura histórica do século XIX, permeado por revoluções políticas como desdobramento da Revolução Francesa, pela emergência da sociedade urbana e industrial, pela difusão das categorias do pensamento científico moderno como cientificismo e evolucionismo - e os desdobramentos nas atividades de Denizard Rivail, como educador, depois como elaborador da doutrina espírita. A idéia central do trabalho é a articulação entre as idéias pedagógicas de Pestalozzi e a sistematização da doutrina espírita, apresentada como ciência, filosofia e religião. O esoterismo era relativamente popular na época e um episódio é paradigmático na história do moderno espiritualismo - conhecido como “o caso das irmãs Fox”, em que foi estabelecido, através de códigos, um suposto contato com uma morte na residência da família. O acontecimento teve repercussão e do outro lado do Atlântico, na Europa em processo de consolidação da modernidade burguesa, as chamadas mesas-girantes viraram modismo, cujas sessões, com o pretense contato com forças invisíveis, animavam os salões dos círculos sociais. Denizard Rivail - que se aposentou das atividades educacionais por conta de descontentamentos com os rumos da política de Luís Napoleão, cujo golpe em 1851 frustrou as utopias políticas da França revolucionária e instalou o Segundo Império francês (1852/1870), num arranjo que contou com o apoio da alta burguesia, setores aristocráticos e da Igreja Católica - se interessou pelo estudo das mesas girantes e procurou estender a razão e a lógica científica naqueles estudos. A adoção do pseudônimo Allan Kardec marca essa inflexão em sua vida. Estudiosos de várias áreas como a física, a astronomia, a medicina, entre outras, se dedicaram a essas pesquisas, mas o humanismo de Allan Kardec, apreendido pelas influências da educação, em especial de Pestalozzi, contribuiu para a constituição do espiritismo tal como é conhecido, com ênfase da promoção humana.

PALAVRAS-CHAVES: Espiritismo francês, Hippolyte Leon Denizard Rivail, Allan Kardec, Johann Henrich Pestalozzi.

ABSTRACT

French Spiritualism is relatively disseminated in Brazil - creed professed by about two percent of the population, about four million declared adherents - but whose categories, such as the belief in the immortality of the soul, in the reincarnation and in the possibility of contact with the dead, are disseminated in the national culture, shared to some extent by adherents of all religions. Moreover, the biographical and intellectual aspects of the figure of Allan Kardec, founder of the spiritualist doctrine, although it is a popular name, are little known, especially in academic production. Allan Kardec is the pseudonym of Hippolyte Leon Denizard Rivail (1804/1869), teacher, pedagogue, writer of textbooks, founder and director of schools in France. He studied with one of the most influential names in the contemporary pedagogy, Swiss-German Johann Heinrich Pestalozzi (1746/1827), in the school installed in the castle of Yverdon, Switzerland, and he became a disciple and propagandists of the liberal and democratic ideas of the education. This thesis analyzes the historical context of the nineteenth century, permeated by political upheaval as a consequence of the French Revolution, by the emergence of urban and industrial society, by the spread of the categories of modern scientific thought, as scientism and evolutionism, and the developments in the activities of Denizard Rivail, as an educator, then as a developer of spiritualist doctrine. The central idea of the thesis is the link between the pedagogical ideas of Pestalozzi and the systematization of the spiritualist doctrine, presented as science, philosophy and religion. The esotericism was relatively popular at the time, and one episode is paradigmatic in the history of modern spiritualism - known as "the case of the Fox sisters," in which was established through codes an alleged communication with a death in the family home. The event had repercussion and the other side of the Atlantic, in Europe in process of consolidation of the bourgeois modernity, the called turning tables became fashionable, whose sessions with the alleged contact with unseen forces cheered the halls of social circles. Denizard Rivail, who retired from the educational activities because of dissatisfaction with the direction of the policy of Louis Napoleon, whose coup in 1851 foiled the political utopias of revolutionary France and installed the Second French Empire (1852/1870), in an arrangement that had the support of the haute bourgeoisie, aristocratic sectors and the Catholic Church - he became interested in the study of the turning tables, and sought to extend the reason and the scientific logic in those studies. The adoption of the pseudonym Allan Kardec marks this inflection in his life. Scholars from various fields such as physics, astronomy, medicine, among others, have engaged in such research, but the humanism of Allan Kardec seized by the influences of education, especially of Pestalozzi, contributed to the creation of Spiritualism as it is known, with emphasis on human advancement.

KEY WORDS: French Spiritism, Hippolyte Leon Denizard Rivail, Allan Kardec, Johann Heinrich Pestalozzi.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	22
---------------------------	-----------

PRIMEIRA PARTE

A CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA E INDUSTRIAL

CAPÍTULO I – Liberté, Égalité, Fraternité: A França e a Europa do Século XIX, um breve ensaio histórico

1.1 – A Revolução Francesa e os ventos da liberdade.....	56
1.2 – A França Napoleônica.....	63
1.3 – A Revolução das Máquinas.....	65
1.4 - Sociedade industrial.....	69
1.5 – A Revolução de 1848 e a Primavera dos Povos.....	73
1.6 – O “fardo dos homens brancos”: tempos do neocolonialismo.....	79

CAPÍTULO II – Ideias, Concepções Científicas e Movimentos Culturais na Sociedade Industrial

2.1 – A Ilustração e a difusão das ideias liberais.....	86
2.2 – Progresso, Cientificismo, evolucionismo.....	91
2.3 – A cultura da era industrial, entre o Romantismo e o Realismo.....	99

SEGUNDA PARTE

DE PESTALOZZI A ALLAN KARDEC

CAPÍTULO III – As Ideias de J. H. Pestalozzi: Pedagogia nos Tempos do Romantismo

3.1 - O homem e a vida.....	118
3.2 - Ilustração e Romantismo na pedagogia de Pestalozzi.....	127
3.3 - As concepções educacionais de Pestalozzi.....	135

CAPÍTULO IV – O professor Hippolyte Leon Denizard Rivail

4.1 – A vida e a militância pela educação.....	144
4.2 – A didática pestalozziana.....	157

CAPÍTULO V – De H. L. D. Rivail a Alan Kardec: Ciência, Filosofia e Religião na Pedagogia do Espírito

5.1 - Das mesas girantes à gênese do espiritismo.....	164
5.2 – Ciência, Filosofia e Religião na sistematização da doutrina Espírita.....	172
5.3 – Educação e Espiritismo.....	181

CONCLUSÕES.....	202
------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	212
--------------------------	------------

SIGLAS DAS OBRAS DE ALLAN KARDEC

Pentateuco kardequiano

<i>Sigla</i>	<i>Obra</i>	<i>Ano da publicação</i>
LE	O Livro dos Espíritos	1857
LM	O Livro dos Médiuns	1861
ESSE	O Evangelho Segundo o Espiritismo	1864
CI	O Céu e o Inferno	1865
AG	A Gênese	1868

Obras complementares

RE	Revista Espírita	1858 a 1869
OQ	O Que é Espiritismo	1859
OP	Obras Póstumas	1890
IPME	Instruções Práticas sobre as manifestações espíritas	1858
EEMS	O Espiritismo em sua expressão mais simples	1862
VE	Viagem Espírita de 1862	1862

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Cartaz revolucionário: a cabeça do rei.....	60
Figura 2:	« La Liberté guidant le peuple ».....	109
Figura 3	« Orphan Girl in a Cemetery ».....	109
Figura 4	«Les cribleuses de blé ».....	110
Figura 5	«Jo, La belle Irlandaise».....	110
Figura 6	«Pestalozzi with the orphans in Stans».....	125
Figura 7	O “pai” Pestalozzi.....	162
Figura 8	O Castelo de Yverdon.....	162
Figura 9	Hippolyte Leon Denizard Rivail.....	163
Figura 10	A Mesa girante	163
Figura 11	Esoterismo nos salões requintados de Paris.....	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Participação de Denizard Rivail em Sociedades Científicas e/ou Diplomas e premiações recebidas.....	156
Quadro 2:	Lista de obras e textos de Denizard Rivail na educação.....	157

APRESENTAÇÃO

*Vivi como um mendigo,
para ensinar aos mendigos a viverem como homens.*

Johann Henrich Pestalozzi

Na noite do dia 28 de julho de 1971, no canal 4 de São Paulo, a TV Tupi, ZYB 855, o jornalista Almir Guimarães anunciava no programa Pinga-Fogo o entrevistado daquela edição:

Meus amigos de casa, amigos do auditório literalmente tomado, nosso boa noite. Estamos recebendo, nesta noite, no pinga-fogo, o maior e mais discutido médium brasileiro deste século na opinião de seus críticos e de seus biógrafos. No campo da doutrina espírita, sua posição aqui e no exterior é de maior destaque. Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Portugal, Espanha já o conhecem. (...) Sua vida, nestes 44 anos de atividade espiritual, tem sido um permanente exemplo de humildade, de trabalho e de amor ao próximo. (...) Nestes 44 anos, nosso entrevistado presidiu cerca de sete mil reuniões, atendeu a mais de 200 mil pessoas, sem cobrar por isso um centavo sequer, pelo contrário, todo o produto da venda de seus livros, que por ele foram psicografados, destina-se à Comunhão Espírita (...) lá na cidade de Uberaba, em Minas Gerais. Esta é, em síntese, meus amigos, os principais traços biográficos do nosso entrevistado desta noite. Uma existência toda dedicada ao exame, à análise da doutrina espírita, aí está ele, Francisco Cândido Xavier, Chico Xavier, o mais discutido médium deste século (...) [PINGA FOGO, DVD].

O médium espírita foi sabatinado por diversos profissionais da imprensa e pesquisadores, como Saulo Gomes, Reali Jr., Helle Alves, entre outros, sendo o programa retransmitido em rede nacional para dezesseis canais no país, algo raro naqueles tempos. Estimativas deram conta de uma audiência de 20 milhões de expectadores.

Previsto para uma hora de exibição, estendeu-se por três horas, e diante da repercussão, a emissora convidou Chico Xavier para outra edição do programa, no dia 21 de dezembro daquele ano, com quatro horas de duração.

O Diário de São Paulo, do mesmo grupo dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que detinha a concessão da extinta TV Tupi, reproduziu e publicou as falas de Chico Xavier, dedicando todas as páginas do suplemento “Jornal de Domingo” ao assunto:

Um homem, aspecto tímido, o rosto um pouco triste. Ele vai começar a falar sobre um assunto que vai tomar conta da cidade. Esse homem chama-se Francisco Cândido Xavier, médium espírita conhecido em quase todo o mundo. Um homem simples que vai falar sobre a geração de crianças em tubo de ensaio, das guerras, das violências do mundo. Um homem, sobretudo um homem que acredita na poesia de seus quatrocentos autores psicografados. (...) Chico Xavier vai falar. Depois que Chico Xavier falou, toda a cidade ficou cativada. O canal 4 repetiu todo o programa “Pinga Fogo” e a cidade ficou comentando nos seus bares, nos seus escritórios, no seu desespero, nas suas fugas. (9/8/1971, p.1)

A figura do médium mineiro Chico Xavier (1910/2002) na difusão e na aceitação do chamado espiritismo francês elaborado por Allan Kardec no Brasil é incontestável. Em sua vida escreveu mais de 400 livros, vendeu cerca de cinquenta milhões de exemplares, angariou uma legião de admiradores, pessoas de diferentes classes sociais, várias personalidades conhecidas na política, na televisão e na imprensa.

O tom respeitoso e solene, tanto do apresentador quanto dos integrantes da bancada do Pinga Fogo, e a reportagem do Diário da Noite naquele início dos anos

setenta, significaram uma inflexão no tratamento de Chico Xavier e da doutrina espírita por parte da mídia e da penetração social em geral

Ao longo da trajetória brasileira, desde a publicação da primeira obra sobre o tema em 1860, pelo professor Casimir Lieutard, um francês radicado na capital imperial, “Les temp sont arrivés” (“Os tempos chegaram”), choques e tensões marcaram o debate, acirrados pela hegemonia do catolicismo.

Em muitas situações, o espiritismo foi tratado como “caso de polícia”, e reuniões eram proibidas. No Rio de Janeiro, as sessões da “Sociedade Deus, Cristo e Caridade” foram encerradas pela intervenção das forças de segurança, e um grupo de espíritas liderado por um médico e político matogrossense, Antônio Pinheiro Guedes, recorreu ao próprio imperador D. Pedro II para solucionar o impasse (SANTOS, 1997, p.17-8).

Com o advento da República, a posição contra o espiritismo foi endurecida, talvez numa tentativa de apaziguamento com a Igreja, e o Código Penal de 1890 foi enfático: “É crime praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar talismãs e cartomancia (...) inculcar curas de moléstia (...) e subjugar a credulidade pública. Pena: prisão celular de 1 a 6 meses e multa de 100 a 500\$” (COLOMBO, 1998, p.59).

A expansão do espiritismo no Brasil coincide com o processo de urbanização, industrialização, expansão do ensino. Não ao acaso, no bojo da modernização capitalista da Era Vargas, com a reforma do Código Penal de 1940, o espiritismo deixou de ser tipificado como crime.

. Sobre a notoriedade obtida por Chico Xavier, impulsionada na esteira do sucesso do “Pinga Fogo”, a revista “O Cruzeiro” publicou naquele mesmo ano mensagens psicografadas por Chico Xavier. A revista “Manchete”, do grupo Bloch, fez uma entrevista com o médium que ocupou cinco páginas. E a revista “Realidade” dedicou sete páginas a Chico Xavier, ilustradas com fotografias (RIZZINI, 2001, p.72).

Quatro anos depois, na mesma TV Tupi, Ivani Ribeiro dirigiu a novela “A Viagem”, inspirada nas obras de Chico Xavier atribuídas ao espírito de André Luís, em especial “Nosso Lar”, e “A Vida Continua”. A produção foi ainda regravada pela Rede Globo em 1994, e reapresentada em 1997 e 2006, com grande audiência (globo.com, 2012).

Um importante aspecto sociológico a ser salientado nesse contexto é o caráter educacional e de classe do espiritismo, e os elementos dessa difusão pela mídia contribuem para corroborar a análise. A doutrina tem o enfoque na leitura e no estudo, e ao longo de sua constituição e disseminação pelo Brasil, atraiu sobretudo a classe média letrada.

Dados sobre religiões do brasileiro do Censo do IBGE feito em 2010 e divulgado em 2012, dão conta de que 2,9% da população, cerca de quatro milhões de pessoas, é declaradamente espírita kardecista, com predomínio no sudeste e sul do país, com presença mais acentuada nos grandes centros. Destes, 31,5% têm curso superior, a maior proporção entre as religiões brasileiras, apenas 1,4% não possuem instrução.

Em outro levantamento nacional, organizado pelo Instituto Datafolha em 2007 a partir de amostragem survey e publicado no Jornal do mesmo grupo, a “Folha de São Paulo”, no caderno especial “Religião”, em cruzamento abrangente, revelou que dentre os seguidores da doutrina de Allan Kardec, 66% têm escolaridade entre o ensino médio e a pós-graduação (FOLHA, 6/5/2007).

Várias categorias elaboradas e difundidas pelo espiritismo kardecista, ainda que compartilhadas com outras linhas espiritualistas ou com as chamadas religiosidades da “nova era”, estão amalgamadas na cultura brasileira, como a crença da reencarnação, a possibilidade efetiva de contato com os mortos, a existência de “almas gêmeas”, ou seja, o pressuposto da predestinação nas relações afetivas, entre outras. A pesquisa do

Datafolha, por exemplo, aferiu que 44% dos católicos acreditam totalmente na reencarnação. (id.).

Entretanto, se por um lado a relativa popularidade das questões que perpassam pelo espiritismo são notórias, por outro, a figura de Allan Kardec, sua trajetória de vida, os debates intelectuais de seu tempo, a articulação com as conjunções políticas, econômicas e culturais do século XIX, bem como os pressupostos metodológicos de sua doutrina, não são devidamente explorados, nem pelos adeptos do espiritismo, nem tampouco pela academia. Tanto o seu nome quanto a doutrina formulada estão estreitamente vinculados às questões da educação e da pedagogia, o que explica em grande parte a caracterização do perfil dos seguidores no Brasil e a ênfase na leitura e no estudo.

Allan Kardec é um pseudônimo de Hippolyte Leon Denizard Rivail (1804/1869), um homem culto, metódico, que viveu e foi sintonizado com as grandes questões colocadas no oitocentismo - as transformações econômicas advindas com a segunda revolução industrial, a afirmação do discurso científico, a influência da Ilustração e o predomínio da razão e das perspectivas do progresso, e, sobretudo, a expansão da educação na gênese da organização estatal e nacional do ensino.

Nascido em Lyon numa família com tradição na magistratura, Denizard Rivail foi educado na escola de um dos pensadores mais influentes da pedagogia contemporânea, o suíço-alemão Johann Henrich Pestalozzi (1746/1827), no castelo de Yverdun, na Suíça, mesmo educandário onde, entre outros, o almeão Friedrich Fröbel (1782/1852), precursor dos jardins de infância, foi visitante e aperfeiçoou sua formação.

Pestalozzi é um dos pioneiros na psicologização da educação, e é reconhecido na pedagogia principalmente pelos esforços em unir a vasta produção teórica com a prática, com o empreendimento de várias instituições de ensino. Foi um pensador que

ênfatezou o caráter social da educação, envidou esforços para o acolhimento de estudantes pobres e advogou pelo ensino público e democrático.

Denizard Rivail esteve no castelo de Yverdon entre 1815 e, presumivelmente, 1822, tornando-se um dos discípulos e propagandista entusiasmado de Pestalozzi. Foi professor, fundador de escolas na França, publicou diversos livros didáticos em gramática, aritmética, pedagogia, propôs planos de ensino em diferentes momentos da conturbada história política francesa, organizou em sua residência em Paris cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, Anatomia e Fisiologia Comparada.

Sobre as conexões entre Denizard Rivail e o pedagogo Pestalozzi, certo biógrafo italiano de Allan Kardec, Jean Vartier (1971, p.23), comparou¹: “Pestalozzi pode ser considerado como o pai espiritual de Rivail, da mesma forma que Jean-Jacques Rousseau foi o pai espiritual de Pestalozzi”. Tal como Rousseau e Pestalozzi, Rivail acredita que os problemas sociais poderiam ser superados com a renovação da educação.

Conceitualmente, o espiritismo francês desenvolvido por Denizard Rivail quando passou a assinar como Allan Kardec, pode ser compreendido como um sistema complexo de pensamento, abrangendo princípios filosóficos, científicos e religiosos. Seu eixo central é a idéia milenar baseada na doutrina hinduísta da reencarnação e a possibilidade concreta de comunicação entre os mortos – classificados, genericamente, como “espíritos desencarnados”– realizada por intermédio de pessoas dotadas de capacidade para o transe psíquico, os *médiuns*, durante a sessão espírita (HELLERN, 2002).

Num processo de sincretismo doutrinário, é acrescentado à lógica estrutural oriental da reencarnação o elemento essencial do cristianismo contido nos Evangelhos:

¹ Tradução nossa a partir do original : « Pestalozzi può essere considerato il padre spirituale di Rivail allo stesso modo che J.J. Rousseau fu il padre spirituale di Pestalozzi ».

a ética da caridade. Jesus Cristo é considerado a maior entidade já encarnada e o governador espiritual do planeta, e Allan Kardec entendeu que o maior mandamento é o amor ao próximo, considerado a virtude suprema.

A presente tese, apresentada ao doutorado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, vem no sentido de contribuir para a superação de uma lacuna no campo da história e historiografia da educação, e mesmo nas investigações das ciências da religião acerca das influências da pedagogia, em especial das formulações pestalozzianas, para a elaboração, sistematização e disseminação da doutrina elaborada por Allan Kardec.

O trabalho busca resgatar, interpretar e apresentar o personagem em foco em seus dois momentos, como professor e como codificador de um sistema que passou a ser denominado como “espiritismo francês”, à luz das transformações políticas, econômicas, sociais e culturais da França, num período histórico circunstanciado e denominado como a “era das revoluções.”

O objetivo central é correlacionar os aspectos conceituais e metodológicos que perpassam pelo pensamento pedagógico de Pestalozzi, e analisar e compreender em que medida as bases educacionais influenciaram a construção do espiritismo, tanto em sua constituição como nas estratégias de divulgação e, principalmente, em seus aspectos doutrinários.

A organização e a estruturação desta tese permeiam as dimensões que perpassam pela elucidação dos problemas destacados e pelos debates suscitados em torno do objeto delimitado.

A Revolução Francesa (1789/1799) desencadeada a partir da aliança entre burgueses e proletários, e inspirada nas balizas da Ilustração, é paradigmática para a história ocidental, demarcando a denominada “Idade Contemporânea”, termo aceito por

boa parte dos estudiosos ao assegurar o domínio político da classe hegemônica do capitalismo, a burguesia e estabelecer os principais parâmetros ideológicos, políticos e jurídicos do mundo atual com a concretização da igualdade civil.

O foco do *primeiro capítulo* é a constituição do século dezenove, período histórico em que ocorreu a consolidação do projeto de “modernidade”, conceito articulado por vários estudiosos sociais que, em linhas gerais, sem entrarmos nas especificidades da ampla discussão, procura dar conta da formação, do desenvolvimento e da expansão do mundo ocidental capitalista, cuja gênese ocorreu a partir da expansão ultramarina, ainda na passagem entre o feudalismo e o capitalismo.

Nesta unidade, acerca da época em que Pestalozzi apresentou suas proposições pedagógicas e influenciou sobremaneira a organização do ensino contemporâneo, e que viveu Denizard Rivail, destacamos a Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra setecentista, mas cuja expansão pelo continente Europeu ocorreu no XIX, com profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais. No campo político, em desdobramento às lutas revolucionárias francesas com a participação dos mesmos setores sociais, a burguesia, o proletariado e os remanescentes da aristocracia, diversas revoluções ocorrem, iniciadas na França e irradiadas pela Europa em ondas de agitação, demarcando sucessivos regimes: nos processos de 1830, com a derrubada de Carlos X e da Restauração Bourbon que ocorreu após o fim do período napoleônico; e em 1848, que assinalou o fim da “Monarquia de Julho”, o governo liberal do rei Luís Filipe.

A Revolução de 1848 é emblemática sob vários aspectos. Foi a primeira vez que o proletariado surgiu no cenário político de forma organizada, através dos socialistas franceses (um socialismo do tipo reformista). O líder Louis Blanc participou inclusive do primeiro gabinete formado. As vicissitudes do processo, por outro lado,

demonstraram a forte tensão entre as diferentes classes e os respectivos projetos políticos. Em dezembro de 1848, o conservador Luís Napoleão, sobrinho do general Bonaparte, foi eleito presidente e em 1852 deferiu um golpe (referendado em plebiscito), instalando o Segundo Império Francês (1852/1870), atitude que frustrou as melhores utopias que vinham da Ilustração, arranjo institucional que teve diversas repercussões na sociedade, na política e na cultura. Inclusive na trajetória de Hippolyte Leon Denizard Rivail.

No *segundo capítulo* a abordagem é acerca de algumas das principais idéias filosóficas, científicas e artísticas que permitem uma compreensão sobre os debates do oitocentismo. A formulação do Iluminismo, também chamado de Ilustração, embora tenha ocorrido no século anterior, fundamentou as matrizes do pensamento contemporâneo e projetou as idéias liberais – elementos que tangenciam concepções da política, da economia, da sociedade.

No bojo do processo de industrialização e urbanização, categorias como o “progresso”, o “cientificismo” e o “evolucionismo”, lançados a partir das luzes, ganham evidência, influenciando todos os campos do saber. As concepções Românticas e as Realistas, cuja transição ocorreu na esteira dos desdobramentos de 1848, marcaram um amplo espectro de atividades, da literatura à pintura, da pedagogia à filosofia, e assinalaram as tensões e as rupturas dos intelectuais à época

No *terceiro capítulo* é apresentado o pensador da pedagogia Johann Henrich Pestalozzi, seu percurso biográfico, sua produção intelectual, inserido no contexto do Romantismo pedagógico, herdeiro de Jean-Jacques Rousseau, e suas implicações na formação do pensamento e nas ações de Denizard Rivail, como professor e depois como Allan Kardec.

No *quarto capítulo* são destacadas a trajetória, as atuações e as formulações de Denizard Rivail enquanto ativista da educação, em sintonia com os debates políticos de sua época e a divulgação das idéias de Pestalozzi na França, seja através de uma produção teórica, seja na tentativa de implantação de escolas. Uma tônica em seus trabalhos e atividades era a formação de professores para a melhoria da educação.

Finalmente, no *quinto capítulo* abordamos a gênese do espiritismo, no bojo das transformações culturais do século XIX e das categorias em evidência – progresso, razão, cientificismo, evolucionismo – e a sistematização doutrinária operada por Denizard Rivail, como Allan Kardec, com as correlações pertinentes com a educação e a pedagogia pestalozziana.

A rigor, a consolidação do discurso científico da modernidade remeteu indubitavelmente ao domínio da razão sobre a fé, com a preponderância do método experimental. No oitocentismo, havia na França e na Europa uma profusão de crenças, ordens secretas e misticismos, alguns com a pretensão mais ou menos científicas, que aglutinavam intelectuais e políticos das variadas esferas.

Um mito fundacional do moderno espiritualismo ocidental é um episódio peculiar que ocorreu nos Estados Unidos, em 1848: o “caso das irmãs Fox”. Kate, Leah e Margareth Fox, filhas de uma família de origem canadense instalada no condado de Hydesville, no estado de Nova Iorque, escutavam batidas nas paredes em casa. Combinando pancadas produzidas com as letras do alfabeto, as irmãs teriam obtido a suposta identidade daquele que produzia os sons. Miticamente, era um mascate de nome Charles Rosma que, quatro anos antes, com trinta e um anos, teria sido assassinado naquela casa e enterrado na adega (RIZZINI, 1995, p.50-51).

Os fenômenos de Hydesville rapidamente se espalharam pelo mundo. Adaptado a partir de uma curiosa mesa que girava sem causa física aparente, respondendo a

perguntas dos participantes, a prática virou moda e objeto de divertimento nos requintados salões europeus.

Em 1855, já afastado das atividades do magistério, Hippolyte Rivail foi convidado por um amigo a participar dessas sessões. Estudioso do magnetismo animal, o professor ficou intrigado com o fenômeno visto e acreditou na atuação de forças invisíveis naquele processo. A curiosidade despertada pelos fenômenos tornou-se objeto de observação e pesquisa, com a busca de respostas lógicas que pudessem explicar o fato de objetos inertes produzirem efeitos físicos sem intervenções aparentes. Foi o início do “Espiritismo”, designação dada ao espiritualismo racionalizado proposto pelo pedagogo Denizard Rivail, que passou a assinar como Allan Kardec.

Outros estudiosos foram aglutinados pelo pedagogo, então recém aposentado, em torno dos estudos do mundo dos espíritos - a maioria do que denominamos como “ciências exatas” - o físico e químico Willian Crookes, o criminalista Cesare Lombroso, o astrônomo Camille Flammarion, entre outros.

A idéia central sustentada pela presente tese, portanto, reside no pressuposto de que os referenciais pedagógicos pestalozzianos foram imprescindíveis para a constituição do espiritismo francês por Allan Kardec, tanto no método quanto na abordagem. Denizard Rivail tinha uma proximidade com os temas das ciências da natureza e em torno de si reuniu principalmente estudiosos dessa área.

Contudo, mais do que a extensão do racionalismo para a compreensão do mundo invisível, o espiritismo, ao se apresentar como doutrina que conjuga a ciência com a filosofia e a religião, com o foco no desenvolvimento tanto intelectual quanto moral, traz em seu bojo todo o *humanismo* da pedagogia de Pestalozzi. Mestre esse da educação que, seguramente, imprimiu marcas profundas e indeléveis na formação de Hippolyte Leon Denizard Rivail.

Abordagem metodológica e tipologia das fontes

A pesquisa que corroborou o presente trabalho foi fundamentada a partir de consultas e análises do amplo acervo bibliográfico que compõe o tema, com o levantamento dos livros que buscam contextualizar o período XIX, obras acadêmicas e textos literários clássicos; produções no campo da pedagogia, da filosofia; livros de Johann Henrich Pestalozzi (todos em língua estrangeira, já que não há nenhuma tradução sequer em português); e, finalmente, trabalhos de Hippolyte Leon Denizard Rivail.

Em sua fase espírita, já assinando com o pseudônimo, Allan Kardec publicou o chamado “pentateuco kardequiano” com as cinco obras clássicas: “O Livro dos Espíritos” (concernente aos estudos filosóficos); “O Livro dos Médiuns” (parte científica e experimental); “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (ênfase na moral); “Céu e Inferno”; e “A Gênese”; além de “Obras Póstumas” e “O que é Espiritismo”.

Kardec lançou e dirigiu ainda, por onze anos, a “Revue Spirite – Journal D’Etudes Psychologiques”, lançada em 1858, que abordou assuntos diversos, desde a dimensão religiosa do espiritismo até discussões no campo científico, além de questões políticas, morais e educacionais. No Brasil, as editoras da FEB – Federação Espírita Brasileira - e do IDE – Instituto de Difusão Espírita - publicaram a coleção na íntegra, sistematizada em doze volumes.

Como professor e pedagogo, sua fase menos conhecida e abordada, as diversas produções são explicitadas nas biografias. Durante mais de meio século, a única obra que buscou reconstituir sua trajetória foi lançada em francês, por Henri Sausse, a “Biografia de Allan Kardec”.

As lacunas foram preenchidas pela publicação em três volumes bem documentados, da obra de Zéus Wantuil e Francisco Thiesen, “Allan Kardec:

meticulosa pesquisa bibliográfica”. Na Itália, Jean Vartier lançou na década de setenta, “Allan Kardec: La nascita dello spiritismo” e ainda na França André Moreil publicou “Vida e Obra de Allan Kardec”. Na Inglaterra, com o lançamento do “The Spirits Book”, o prefácio de Anne Blackwell, que conheceu e foi próxima a Allan Kardec, contém algumas revelações sobre a personalidade do codificador do espiritismo.

A rigor, estes foram os cinco principais trabalhos biográficos estudados, com recortes tanto em sua trajetória profissional na educação quanto na fase espiritualista.

No Brasil e na França é acessível um texto educacional do professor Rivail. Lançado aqui pela Editora Comenius como “Textos Pedagógicos” (1999); e na França, os originais do “Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique”, apresentado em 1828, durante o reinado de Carlos X. Foi possível acessar o prospecto do “Cours pratique et théorique D'ARITHMÉTIQUE, d'après les principes de Petalozzi, avec des modifications”, apresentado por Rivail numa espécie de magazine literária, a “Bibliographie de la France”, publicada em Paris em 1824.

Em dois arquivos efetuamos levantamentos, no Brasil, na FEB – Federação Espírita Brasileira - com sede em Brasília, e na França, na «Bibliothèque Nationale de France», onde foi possível localizar obras raras de Allan Kardec.

A rigor, em que pese a considerável produção do professor Denizard Rivail, sua trajetória como Allan Kardec ofuscou a jornada profissional e pedagógica, e as obras destacadas são os únicos documentos conhecidos dessa sua fase, tanto na França quanto no Brasil.

A historiografia do século XX ampliou sobremaneira a utilização de fontes para o estudo da história, principalmente os estudiosos franceses da “escola dos annales”. Quando pertinente, buscamos aportes em filmes e músicas para as contextualizações necessárias e reflexões adequadas.

Sobre as bases metodológicas, o trabalho combina o materialismo histórico de Karl Marx, na compreensão da relevância do desenvolvimento das forças produtivas na história, imprimindo as transformações políticas e sociais, com as categorias do pensamento de Max Weber.

Max Weber além de ser um autor clássico do pensamento sociológico, foi um exímio historiador, com estudos sobre a história agrária romana, a história das companhias da idade média, sua tese de doutoramento, com profundo conhecimento acerca das questões jurídicas e econômicas ligadas ao desenvolvimento do capitalismo. Foi um dos autores que melhor teorizou, buscou as explicações causais e definiu as singularidades do ocidente moderno.

O esforço de sua sociologia é a compreensão dos sentidos das uniformidades da conduta humana, buscando a síntese do geral e do singular, ou seja, da história e da cultura, sobre as motivações e expectativas da ação humana.

Em “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais”, Weber entendeu que:

A premissa transcendental de qualquer ciência da cultura reside não no fato de considerarmos valiosa uma ‘cultura’ determinada ou qualquer, mas sim na circunstância de sermos homens de cultura dotados da capacidade e da vontade de assumirmos uma posição consciente em face do mundo, e de lhe conferirmos um sentido (2006, p.18).

A opção por Weber na metodologia decorre de esforços para a compreensão do sentido das ações dos atores sociais, cujos significados são cristalizados em contextos sociais, culturais e econômicos nos quais estão inseridos. O processo do “desencantamento do mundo” (ou desmagificação) - típico da sociedade ocidental, principalmente na modernidade - procura compreender o declínio das explicações míticas e a expansão da razão na consolidação do projeto capitalista.

Allan Kardec, em “Viagem Espírita de 1862”, comentou sobre a relação entre espiritismo e magia: “Considerado desta maneira, o Espiritismo perde o caráter de misticismo que lhe censuram justamente aqueles que menos o conhecem. Não é mais a ciência do maravilhoso e do sobrenatural ressuscitada (...). [2007, p.249].

Kardec em nossa proposição experimentou um duplo movimento, a constituição de uma fé raciocinada, balizada em elementos racionais, típicos do “desencantamento” de seu tempo, e, posteriormente, um “reencantamento”, com a ênfase na filosofia e na religião com o aprofundamento do humanismo de Pestalozzi e de Rousseau na constituição de sua doutrina.

O sociólogo húngaro Georg Lukács é um estudioso criativo e profícuo que versou sobre temas da estética, do conhecimento, da filosofia, da política. Comunista do PC Húngaro, frequentou o círculo de Weber em Heidelberg, aproximou em parte de suas obras o marxismo com as proposições weberianas, sobretudo em seu “História e Consciência de Classes” (2012b).

Neste trabalho, em diversos pontos importantes, recorreremos a diversas obras literárias, e a análise é centrada em escolas artísticas européias que, em nosso entendimento, enriquecem o debate sobre a trajetória, as escolhas e as rupturas de Denizard Rivail.

Lukács, nessa perspectiva, é o referencial analítico no campo da teoria literária internacional, autor clássico que foi um dos mais influentes no século XX nessa matéria, em especial com a publicação de “A Teoria do Romance” (2012b).

A arte para Lukács tem como ponto de partida a vida cotidiana e, em seguida, retorna a ela, reiterando um movimento de “elevação” na consciência sensível dos homens, clara influência hegeliana. A arte tem seu caráter humanizador e reflete a

trajetória dos homens, e tal como a ciência, são formas de percepção da realidade objetiva na consciência.

O romancista, por excelência, tem a capacidade de expor a condição humana e os fatores que bloqueiam as possibilidades do pleno desenvolvimento. Lukács expressou suas preferências pelo Realismo e sua atribuída capacidade de imprimir uma crítica ao modo de produção capitalista, e apreciava em especial Honoré de Balzac que apesar de seu sentimentalismo em relação ao declínio do poder aristocrático, escrevia com veemência a deterioração dos valores morais com a ascensão da burguesia ao poder.

Nos itens a seguir, apresentamos uma exposição de algumas das proposições de Marx e Weber com aspectos que pontuam e demarcam as análises do presente trabalho.

Delineamentos conceituais e metodológicos

Marx e Weber, uma conjugação viável: o “webero marxismo”

A partir das contribuições intelectuais francesas no terreno da historiografia a partir da segunda década do século passado, novas teorias, métodos, fontes e abordagens revolucionaram as pesquisas. Ofereceram novo vigor aos estudos históricos, seja na política, economia, antropologia histórica; nas religiões, mentalidades; no imaginário; na literatura, arte, cinema; enfim, como pontuou Renato Janine Ribeiro, “... saber nos vários sentidos da palavra, de conhecimento e tempero, da ciência e cheiro... [refazendo] a história enquanto sabor – que se comunica aos cinco ou mais sentidos” (GINZBURG, 2006).

Se por um lado a história enquanto ciência abarcou várias direções e paradigmas, por outro, as grandes balizas epistemológicas colocadas no debate das ciências sociais entre a segunda metade do século XIX e o início do XX prosseguem paradigmáticas, em especial Karl Marx e Max Weber.

As contribuições de Marx no debate filosófico são demasiadamente extensas, mas nosso interesse em questão é a discussão acerca de sua concepção de história, contida na categoria do materialismo histórico.

O sistema filosófico marxista foi inovador, entre outros pontos, pela ênfase à práxis e no foco ao trabalhador no processo do desenvolvimento histórico (“...Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo”). Sua constituição ocorreu, fundamentalmente, a partir das influências da escola econômica liberal inglesa; do socialismo utópico francês do oitocentismo; e na filosofia alemã, com Kant, Hegel, e os neohegelianos como Feuerbach.

A historicidade em Hegel é colocada como a história do progresso da consciência de liberdade. No mundo, nada é estático, tudo está em movimento, o *via-a-*

ser, tudo é histórico (HEGEL, 2003). Entretanto, se em Hegel esse sujeito é o “espírito do mundo”, o ponto de partida de Karl Marx e de Friedrich Engels são os indivíduos reais, sua ação e, sobretudo, suas condições materiais de existência. Numa passagem célebre em “Ideologia Alemã”, professava: “Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.” (1993, p.12).

Marx em sua juventude se considerava como um “hegeliano de esquerda”, mas a partir do contato com Feuerbach manteve suas convicções sobre a progressão da história e o choque dialético, mas superou a noção de “espírito do mundo” e enfatizou as ações concretas do homem, o trabalho em questão para a compreensão da realidade social.

Tanto as ideologias políticas quanto convicções religiosas ou padrões estéticos decorrem, nessa concepção materialista da história, pelas formas às quais os homens organizam a produção:

São os homens que produzem as suas representações, as suas idéias etc., mas os homens reais, atuantes, e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo até as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode Ser mais que o Ser consciente, e o Ser dos homens é o seu processo da vida real... Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência que lhes correspondem, perdem imediatamente toda aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; serão, antes, os homens que, desenvolvendo a sua produção material e as suas relações materiais, transformam, com esta realidade que lhes é própria, o seu pensamento e os produtos deste pensamento (1993, p.24).

As idéias hegemônicas, nessa perspectiva, seriam o reflexo das construções ideológicas operadas pela classe social dominante, imagens e discursos disseminados que constituem a visão de mundo, as mentalidades e os padrões éticos compartilhados pela população.

O materialismo histórico tem o viés evolucionista e o confronto entre as classes sociais, plasmadas pela exploração do homem pelo homem (“A história de toda a

sociedade até agora existente é a história da luta de classes...” [1984, p.59]), imprimem o ritmo do desenvolvimento, fundamenta a explicação da relação entre os sujeitos em todos os momentos:

O homem livre e o escravo, o patrício e o plebeu, o barão feudal e o servo, o mestre de uma corporação e o oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante antagonismo entre si, travaram uma luta ininterrupta, umas vezes oculta, abertas outras, que acabou sempre com uma transformação revolucionária de toda sociedade ou com o declínio comum das classes em conflito (id., op.cit.).

Parte das rejeições a Karl Marx ocorre pela mescla entre seu projeto político e o método científico. Entendemos que uma coisa é a pretensão revolucionária de superação de capitalismo pela luta de classes, que desaguou em regimes e arranjos institucionais do que foi convencionado como Socialismo Real. Contudo, entendemos que questionar a contribuição científica e filosófica do marxismo para a compreensão das relações sociais e do desenvolvimento do processo histórico é demasiadamente complexo.

Outro problema do debate foi a configuração de um tipo de marxismo classificado como vulgar por boa parte dos analistas, simplificado a partir dos reflexos da Terceira Internacional, com a hegemonia stalinista. A explicação rasa da vida social e da história pela evolução da economia deu o tom do debate historiográfico. Eric Hobsbawm, historiador marxista inglês, em “Sobre História”, analisou:

O grosso do que consideramos como influência marxista sobre a historiografia certamente foi marxista vulgar no sentido acima descrito. Consiste na ênfase geral sobre os fatores econômicos e sociais na história, dominante a partir do fim da Segunda Guerra Mundial apenas em uma minoria de países (por exemplo, até recentemente, a Alemanha Ocidental e os Estados Unidos), e que continua a ganhar terreno. Devemos repetir que essa tendência, embora sem dúvida produto da influência marxista, não tem nenhuma ligação com o pensamento de Marx.(1998, p.161)

Boa parte das reflexões sobre Max Weber na academia brasileira também são imbuídas e permeadas pelos debates políticos e ideológicos do século XX, seja acerca

dos rumos do socialismo soviético ou pela reação estadunidense no bojo da Guerra-Fria com a difusão das idéias liberais. Debates mais acirrados do que propriamente o exame no campo da epistemologia.

No debate acadêmico brasileiro ocorre certa rejeição e, conseqüentemente, incompreensões decorrentes em parte pela influência dos Estados Unidos a partir dos teóricos liberais conservadores. A perspectiva weberiana do avanço da racionalidade no mundo ocidental e, sobretudo, a centralização da análise nas subjetividades, foi o fundamento para um conjunto de proposições constituídas num tempo em que o acirramento das disputas políticas era intenso.

A referência clássica da tradição do pensamento sociológico estadunidense é Talcott Parsons (1902/1979), cujos trabalhos tiveram mais relevo entre as décadas de 50 e 60. Sua tese de doutorado analisou a questão do capitalismo em Weber e Sombart, assunto que desenvolveu e culminou com a publicação, em 1937, de “Estrutura da Ação Social”, em que é apresentada a teoria parsoniana de Max Weber, próximo ao funcionalismo de Durkheim, numa ênfase às questões de normas e valores, noções difundidas na sociologia mundial (PARSONS, 2010).

Com relativa influência em parte da academia brasileira, a corrente denominada como “Individualismo Metodológico” conjugou suas análises e proposições no campo da ciência política e da sociologia em proximidade com os métodos da economia, como a “Teoria dos Jogos” (“Game Theory”), segmento da matemática aplicada que avalia as situações em que os atores sociais (ou “jogadores”) escolhem diferentes ações com o propósito de avaliar o melhor retorno; e a “Escolha Racional” (“Rational Choise”), noção que parte do pressuposto de que nas relações sociais os indivíduos procuram a satisfação de suas necessidades de forma racionalmente perfeita.

No filme “Uma Mente Brilhante” (2001), o cineasta Ron Roward abordou *uma* interpretação acerca da trajetória do controverso matemático John Forbes Nash (1928/-), vencedor no Prêmio Nobel em 1994, cujas formulações inspiraram a economia e as ciências sociais dos Estados Unidos. No filme, uma passagem curiosa contribui para o entendimento da “Teoria dos Jogos” acerca das tentativas de previsão sobre as decisões dos demais competidores para a definição das escolhas individuais.

John Nash estava num bar com os colegas da faculdade que se interessaram por uma loira que entrou, junto com amigas morenas. O então estudante Nash sentenciou: “Se todos nós escolhermos a loira, nós vamos nos bloquear e nenhum de nós vai conquistá-la. Então partimos para as morenas, mas elas vão nos rejeitar, pois ninguém gosta de ser a segunda opção. Mas e se ninguém for atrás da loira? Nós não competiremos e não insultaremos as amigas. Essa é a única forma de vencer.”

Essas proposições analíticas foram articuladas na lógica da competição capitalista, nos agentes na economia de mercado. A “Escolha Racional” ao enfatizar a abordagem econômica nos fenômenos sociais buscou a fundamentação na filosofia individualista do utilitarismo anglo-saxão. Ao entender as relações sociais a partir da agregação ordenada e das escolhas deliberadas pelos indivíduos, a apropriação em Max Weber foi a solução para a fundamentação de suas proposições analíticas.

Por outro lado, os sociólogos Löic Wacquant e Craig Calhoun, em célebre artigo “Interesse, Racionalidade e Cultura”, publicado no Brasil pela Revista Brasileira de Ciências Sociais (1991), desferiram duras críticas às questões conceituais suscitadas pelos teóricos do individualismo metodológico, desde a fonte de financiamento de suas pesquisas, ligadas às grandes corporações, até o suporte (considerado espúrio) em Max Weber, cujas análises sobre as subjetividades e a racionalidade do capitalismo foram

incorporadas àquele segmento liberal para a legitimação de uma posição política, e para suprir suas “sérias deficiências e limitações conceituais” (1991, p.76-93).

Karl Marx (1818/1883) escreveu suas obras no contexto da Segunda Revolução Industrial, do acirramento e aprofundamento das diferenças entre o capital e o trabalho. Max Weber (1864/1920), que também é um autor original, produziu em momentos tensos da história, em especial da trajetória da Alemanha do II Reich (1871/1918), período em que corrida neocolonial estava no ápice, desembocando na Primeira Grande Guerra.

São momentos do capitalismo distintos, e longe de representar posições antagônicas e “antípodas”², podem ser lidos e combinados nas análises históricas e sociológicas.

Em “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Weber enfatiza e demarca o caráter do seu estudo, ou seja, destacou indiretamente que o propósito de suas análises não era a contraposição do materialismo histórico, mas demonstrar outras possibilidades para a leitura do desenvolvimento econômico:

[os ensaios] tentam, num ponto importante, abordar o lado do problema que geralmente é o mais difícil de ser apanhado: a relatividade de formação de uma “mentalidade econômica, do *ethos* de um sistema econômico. No caso, trata-se do exemplo das relações entre o moderno *ethos* econômico e a ética racional do protestantismo ascético. Aqui só estuda, portanto, um lado da relação causal. [...] Esses estudos, portanto, não pretendem ser análises completas de culturas, nem mesmo que breves. Pelo contrário, eles procuram destacar propositadamente em cada cultura aqueles aspectos nos que difere e difere da civilização ocidental. Orientam-se, pois, definitivamente para os problemas que parecem importantes para a compreensão da cultura ocidental *deste* ponto de vista. Tendo em vista esse objetivo, não parecia possível qualquer outro procedimento. Mas, para evitar mal-entendidos, deve-se dar uma ênfase especial à limitação do citado objetivo. [grifos do original] (1994, p.12).

² Utilizo essa expressão para remeter o reconhecimento a um grande mestre e amigo que já partiu - Vinícius Caldeira Brant, velho professor dos tempos da Fafich, nas aulas de Sociologia do Trabalho. Presidente da UNE em 1962 (no mandato anterior a José Serra), militante do catolicismo social da JUC, foi duramente perseguido pelo regime militar. Sem formação regular, tinha o título (mais do que merecido) de “notório saber”.

Foram vários os autores no campo da história e das ciências sociais que ressaltaram a contribuição weberiana para a interpretação dos fatores culturais, éticos, religiosos, psicológicos, entre outros, para a gênese e o desenvolvimento do capitalismo. A rigor, um importante legado das proposições weberianas é justamente a perspectiva de que a sociedade não é regida por uma determinação unilateral (a econômica, no caso da ênfase marxista, ou somente religiosa, ou somente política), mas pela articulação e encadeamento de um conjunto de relações sociais

Estudiosos de diferentes matizes procuraram estabelecer os pontos de confluência entre Marx e Weber. Na sociologia estadunidense, o cientista social Wright Mills (1916/1962), interessante contraponto à hegemonia de Parsons, foi um estudioso weberiano politicamente engajado, articulando as noções de classe e conflito social a partir da interpretação de ambos os cientistas alemães (MILLS, 2010).

O húngaro Karl Mannheim (1893/1947) recebeu importantes influências do marxismo. Estudou sociologia e filosofia em Budapeste onde fez parte de um grupo de estudos do comunista George Lukács, e em Heidelberg foi aluno do irmão de Weber, o também sociólogo Alfred Weber. Mannheim, conhecido pelas reflexões na área da sociologia do conhecimento, afastou-se do pensamento de Marx por não acreditar no processo revolucionário para a melhoria da sociedade, mas manteve-se em interlocução com alguns pressupostos do marxismo, via Hegel, e a crença acerca da superação pelo homem do domínio imposto pelos processos históricos, com fundamentos de Weber. (MANNHEIM, 2012). Foi chamado pejorativamente muitas vezes tanto de “marxista burguês” como “weberiano marxista” (MISSE, 2011, p.18).

Na historiografia do século XX, com importantes reflexos e contribuições nas produções acadêmicas brasileiras e considerável repercussão na história da educação, a escola dos annales representou importantes saltos em superação ao positivismo que

caracterizava esse campo de estudos. Nos dizeres de Michelet, historiador do século XIX, e um dos pioneiros na crítica da abordagem tradicionalista, “A história (...) parecia-me ainda fraca em seus dois métodos: muito pouco material (...) falando de leis, de atos políticos, não de idéias e costumes (...)” (LE GOFF & NORA, 1976).

Fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, no difícil período do entre - guerras e da crise de Nova Iorque, os estudiosos dos annalles procuraram estabelecer a proximidade entre a história e a sociologia. Entre seus pressupostos, o entendimento da história a partir de processos de longa duração e a ênfase na pesquisa das mentalidades.

A publicação por Marc Bloch em 1924 do consagrado “Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio França e Inglaterra” significou uma inovação na historiografia quanto aos objetos, inaugurando a história das mentalidades. Imbuído pelas concepções de representação coletiva em Durkheim e seu sobrinho e colaborador, Marcel Mauss (2011), estabeleceu a comparação entre a crença do poder curativo dos reis e a autoridade das poderosas monarquias francesas e inglesas.

Marc Bloch, que duas décadas depois seria fuzilado pelos nazistas, avançou nos estudos de história da religião ao eleger a fé como um objeto de análise (obviamente, o foco não era a discussão do suposto poder da cura dos monarcas, mas a crença coletiva nessas faculdades).

A terceira geração dos annalles, por outro lado, liderada por Jacques Le Goff e Pierre Nora, também conhecida como “nova história”, abordou e procurou estabelecer o estudo das formas de representação e das estruturas mentais das sociedades, em superação às concepções da história das mentalidades. A partir dos anos 80, surgiu ainda a nova história cultural em sobreposição à nova história, cujo expoente na França foi Roger Chartier.

Em linhas gerais, os paradigmas dos estudiosos que propõem a abordagem da história cultural transitam entre as reflexões a partir das representações, com inspiração na sociologia francesa, Durkheim e Mauss, ou pela busca de convergências entre o movimento dos annales e o materialismo histórico.

A nova história cultural, compreendemos, peca tanto por uma falta de unidade epistemológica quanto pela extensa multiplicidade de temas abordados, além da imprecisão da definição acerca de cultura. Como assinalou Peter Burke em “O que é história cultural”, os métodos que caracterizam tal corrente são quase tão diversos quanto os objetos estudados.

No nosso entendimento, as grandes questões e desafios da modernidade capitalista continuam prementes. No domínio das ciências sociais e da história, cujas reflexões embasam os estudos da historiografia da educação, as balizas clássicas continuam fundamentais para as buscas das respostas às problemáticas apresentadas, cujos pressupostos são continuamente reapropriados e readequados.

Max Weber e o “desencantamento do mundo”

No domínio das ciências sociais, Max Weber representou a superação da tradição positivista e suas postulações pelas leis gerais que regem o funcionamento da sociedade, modelo científico balizado na física newtoniana. Weber admitia que a busca pelo conceito e o entendimento das regularidades eram importantes para as ciências, mas não uma meta em si, apenas um meio.

O sociólogo alemão se interessava pela conjugação de interesses com as motivações, expectativas subjetivas, agrupadas num fenômeno cultural historicamente significativo.

No mundo tradicional, “encantado”, o domínio das atividades sobrenaturais era facultado aos poucos iniciados.

Jorge Ben Jor, um nome consagrado da Música Popular Brasileira, em duas canções apresentou momentos emblemáticos da trajetória do esoterismo na cultura ocidental. Em “Hermes de Trismegisto e sua tábua de esmeralda”, (BEN: 1974) homenageia o personagem mítico antecessor de Platão, precursor de todos os estudos nesse campo:

Hermes Trismegisto escreveu / com uma ponta de diamante em
uma lâmina de esmeralda // O que está embaixo é como o que
está no alto, / e o que está no alto é como o que está embaixo. //
(...) É a força de toda força, / pois ela vencerá qualquer coisa
sutil / e penetrará qualquer coisa sólida. / Assim, o mundo foi
criado. / Disso sairão admiráveis adaptações, / das quais aqui o
meio é dado. // Por isso fui chamado Hermes Trismegisto, /
Por isso fui chamado Hermes Trismegisto, // tendo as três
partes da filosofia universal. / tendo as três partes da filosofia
universal. // O que disse da Obra Solar está completo. /
O que disse da Obra Solar está completo.

Em outra música, “Os alquimistas estão chegando”, o músico e compositor carioca versa sobre personagens lendários dos tempos medievais:

Os Alquimistas / Estão chegando / Estão chegando / Os
Alquimistas...(2x) // (...) Eles são discretos / E silenciosos /
Moram bem longe dos homens / Escolhem com carinho / A
hora e o tempo / Do seu precioso trabalho... // São pacientes,
assíduos / E perseverantes / Executam / Segundo as regras
herméticas / Desde a trituração, a fixação / A destilação e a
coagulação... // Trazem consigo, cadinhos / Vasos de vidro /
Potes de louça / Todos bem e iluminados / Evitam qualquer
relação / Com pessoas / De temperamento sórdido / De
temperamento sórdido / De temperamento sórdido (...) //

As composições poéticas, com um tom irreverente, do músico carioca possibilitam visualizar representações do esoterismo e do caráter místico que perpassa pela temática.

A primeira passagem exposta trata de um personagem precursor de todo o esoterismo ocidental, anterior a Platão. Sincretismo entre a filosofia grega e a religião

egípcia, Hermes de Trismegisto, o “três vezes grande”, é uma figura identificada com o deus Thot do Egito, e Hermes da Grécia, ambos da escrita e da magia (YATES, 1995).

No vocábulo recorrente, a palavra “hermetismo” denota algo fechado: “*sm.* Característica do que é difícil de compreender; obscuridade: *O hermetismo de um filme pode afastar os expectadores.*” (AULETE, 2008, p.535).

O chamado hermetismo foi reintroduzido no ocidente a partir do filósofo e padre dominicano Giordano Bruno (1548/1600), morto pela fogueira da Inquisição, cujas traduções do *Corpus Hermeticum* foram feitas por Marsílio Ficino (1433/1499), encomendadas pelo banqueiro e famoso mecenas do Renascimento, Cosimo de Médici (1389/1464) (YATES, op.cit.; D’AVILA, 2008).

“... Eles são discretos e silenciosos, Moram bem longe dos homens, Escolhem com carinho, A hora e o tempo, Do seu precioso trabalho”. Campo de ação de estudiosos que mesclavam pesquisas empíricas com uma conjugação de crenças e misticismos originários da antiguidade e do oriente, muito populares na Idade Média européia, onde os magos buscavam a suposta pedra filosofal, a transformação do chumbo em ouro e a descoberta do elixir da longa vida.

Com o processo da modernidade, a razão foi superando a fé e o mundo ocidental capitalista afirmou a secularização da vida política e social.

Weber empreendeu grande parte de seus estudos na compreensão da racionalidade e do desencantamento inerentes à moderna sociedade capitalista. Para ele, a sociedade moderna não é melhor por ser racional, mas o processo da razão é um fenômeno histórico do ocidente, seu objeto de estudo.

Entre seus conceitos e categorias analíticas compartilhados na linguagem dos cientistas sociais, o conceito do “desencantamento do mundo” é, seguramente, um dos mais difundidos e, ao mesmo tempo, profundos termos do sistema weberiano,

constructo que pretende explicar a ruptura entre a época que precede o capitalismo industrial e anterior. Portanto, ao desenvolvimento da racionalidade científica, tempo em que o relacionamento entre o homem e o mundo era influenciado pela tradição religiosa e humana, o “encantamento”, onde o mundo da subjetividade e da realidade objetiva, unificados, se confundia.

No entanto, a “quebra” desse encanto ocorreu com o desenvolvimento da sociedade industrial moderna, e esse “...caráter profanador da mentalidade científica implic[ou] a destruição radical das ‘ilusões’ animistas e religiosas” (COLLETTI, 1980, p.263).

Essa racionalização descrita por Weber, característica da modernidade, engloba o desenvolvimento da ciência, da tecnologia e da burocratização. Se a religião e os costumes organizavam as sociedades antigas e definiam os valores e atitudes das pessoas, a sociedade moderna tende para a racionalização em todas as esferas da vida, da política e as atividades econômicas, até as práticas religiosas.

O sociólogo Antônio Flávio Pierucci foi um dos principais estudiosos de Weber no Brasil. A partir de leitura e interpretação dos originais alemães e da etimologia do termo, sustentou, em seu estilo peculiar, que a melhor acepção do termo seria “desmagificação”:

É que desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sortilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma, quebrar o encantamento. (...) ‘Desencantamento’, em alemão *Entzauberung*, significa literalmente “desmagificação”. *Zauber* quer dizer magia, sortilégio, feitiço, encantamento e por extensão encanto, enlevo, fascínio, charme, atração, sedução... *Der Zauberer* nomeia o mágico, o mago, o feiticeiro, o brubo, o encantador. (2005, p.8).

Max Weber buscou a inspiração para a expressão (“*Entzauberung der Welt*”) nas reflexões e formulações do filósofo e poeta romântico Schiller.

A rigor, Weber enunciou dois movimentos para o desencantamento do mundo: a atuação das seitas protestantes e o processo da tecnificação do avanço da indústria e da ciência moderna.

Em “A Ética protestante e o espírito do capitalismo”, obra em que analisou as relações entre a ética e os ideais puritanos que influenciaram o desenvolvimento do capitalismo, destacou os primórdios do processo de desencantamento na esfera do discurso religioso.

As denominações anabatistas, ao lado dos predestinacionistas, sobretudo dos calvinistas estritos, executaram a mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação, e assim levaram o ‘desencantamento’ religioso do mundo às suas últimas consequências (1994, p.155).

Esse puritanismo ascético propalado pelos protestantes alcançou sua melhor síntese com o processo da modernidade.

Na “Ciência como vocação”, tema de uma conferência proferida em 1917 em Munique, onde abordou o papel do conhecimento científico no mundo moderno, Weber ressaltou que a ciência é um dos elementos essenciais para o processo de desencantamento do mundo:

O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem na vida pública os valores supremos e mais sublimes. Tais valores encontraram refúgio na transcendência da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíproca entre indivíduos isolados. (2004, p.51)

Weber vê como objetivo primordial da sociologia a captação da relação de sentido da ação humana, ou seja, chegamos a conhecer um fenômeno social quando o compreendemos como fato carregado de sentido que aponta para outros fatos significativos. O sentido, quando se manifesta, dá à ação concreta o seu caráter, quer seja ele político, econômico ou religioso. O objetivo do sociólogo é compreender este

processo, desvendando os nexos causais que dão sentido à ação social em determinado contexto.

A sociologia é uma ciência que procura compreender a ação social. O termo compreensão remete para o sentido do entendimento.

Cada sociedade tem sua cultura, e na sociologia weberiana os cientistas sociais se esforçam para compreender como os homens vivem diversas formas de existência, que se tornam inteligíveis à luz do sistema próprio de crenças e de conhecimentos de cada sociedade considerada. Raymond Aron, em *Etapas do Pensamento Sociológico*, destacou essas conexões entre a história e a sociologia no pensamento weberiano:

Nas ciências da realidade humana devem-se distinguir duas orientações: uma no sentido da história, do relato daquilo que não acontecerá uma segunda vez, a outra no sentido da sociologia, isto é, da reconstrução conceitual das instituições sociais e do seu funcionamento. Estas duas orientações são complementares. (...). Quando o objeto do conhecimento é a humanidade, é legítimo o interesse pelas características singulares de um indivíduo, de uma época ou de um grupo, tanto quanto pelas leis que comandam o funcionamento e o desenvolvimento das sociedades. As ciências que se orientam para a realidade humana são as ciências da cultura, que se esforçam por compreender ou explicar as obras no curso de seu devenir, não só as obras de arte, mas também as leis, as instituições, os regimes políticos, as experiências religiosas, as teorias científica (ARON, 2002, p.735-6).

Nessa perspectiva, a ciência weberiana, portanto, se define como um esforço destinado a compreender e a explicar os valores aos quais os homens aderiram e as obras que construíram.

* * *

Em 2009, participei de um congresso de americanistas na Cidade do México (a 53ª edição do ICA) e durante quase uma semana tive a oportunidade de conviver com um grupo de estudiosos franceses, acadêmicos que investigam em diferentes abordagens, na história e na antropologia, a magia e o espiritualismo ocidental, na perspectiva materialista e marxista. Dentre eles, Silvia Mancini, da universidade de

Lausanne, na Suíça, Bertrand Méheust, do Lycée Camille Claudel e Antoine Faivre, da École des Hautes Études, pesquisador com uma vasta produção sobre hermetismo, espiritualismo estadunidense e francês.

No Simpósio do congresso organizado pelo grupo em questão, « Techniques du corps et de l'esprit dans les deux Amériques. Continuités et discontinuités culturelles »³, apresentei um trabalho de cunho antropológico sobre espiritismo e cura, focalizando atividades mediúnicas do médico e médium uberlandense Nelson, que diz incorporar o espírito do Doutor Hansen.

Num momento mais descontraído, numa noite no centro velho da “ciudad” que outrora abrigou Tenochtitlán, conversávamos sobre o esoterismo na França e no Brasil e Faivre desconversava quando o assunto era Kardec. Numa certa altura, após insistência, disse qual era o ‘problema’, no sentido conceitual: com o espiritismo kardecista, o espiritualismo e o esoterismo ficaram, numa tradução aproximada, “sem graça”.

A partir das reflexões dessa fala, dita num tom e numa circunstância informal, das leituras das produções no campo das pesquisas esotéricas pela academia, que o experiente professor consideraria objetos ‘interessantes’ de análise, e o estudo das intrincadas conjunções da política francesa em especial, a disseminação das idéias culturais, a rica e profunda literatura do período, o ambiente da afirmação da racionalidade científica, entre outros aspectos, cheguei até as categorias que permeiam este trabalho.

³ Ver, entre outras produções, MARTINO, Ernesto de. “El Mudo Mágico”, com posfácio de Silvia Mancini. Buenos Aires, Araucaria, 2004.

PRIMEIRA PARTE

CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA E INDUSTRIAL

CAPÍTULO I

Liberté, Égalité, Fraternité: A França e a Europa

do Século XIX, um breve ensaio histórico

*Allons enfants de la Patrie / Le jour de gloire est arrivé ! /
Contre nous de la tyrannie / L'étendard sanglant est levé /
L'étendard sanglant est levé / Entendez-vous dans nos
campagnes / Mugir ces féroces soldats? / Ils viennent jusque
dans vos bras. Égorger vos fils, vos compagnes! // Aux armes
citoyens / Formez vos bataillons / Marchons, marchons /
Qu'un sang impur abreuve nos sillons.*

La Marselhesa⁴

Durante a Revolução Francesa

*Estou preparado para ser batizado com as águas do sufrágio universal,
mas eu não pretendo viver com os pés em uma poça*⁵

Napoleão III

Em 1848, no encerramento do ciclo das revoluções

1.1 – A Revolução Francesa e os ventos da liberdade

A Revolução Francesa (1789/1799) é um marco para a designação do que é convencionalmente chamado de “Idade Contemporânea”, termo aceito pela maioria dos

⁴ Avante, filhos da Pátria, / O dia da Glória chegou. / Contra nós, a tirania / O estandarte encarnado se eleva! / Ouvis nos campos rugirem / Esses ferozes soldados? / Vêm eles até nós / Degolar nossos filhos, nossas mulheres. // Às armas cidadãos! / Formai vossos batalhões! / Marchemos, marchemos! Nossa terra do sangue impuro se saciará! (Tradução nossa. Letra disponível no sítio da Presidência da República Francesa: < <http://www.elysee.fr/president/la-presidence/les-symboles-de-la-republique-francaise/la-marseillaise/la-marseillaise-de-rouget-de-lisle.637.html>>)

⁵ “I am prepared to be baptized with the Waters of universal suffrage, but I do not intend to live with my feet in a puddle”. [tradução nossa] (JONES, 1994, p.212)

historiadores. Significou no plano político o enfraquecimento do absolutismo monárquico de direito divino e os privilégios de nascimento da nobreza que compunha a divisão social em estamentos. Os fundamentos da sociedade burguesa e capitalista foram constituídos e o movimento francês influenciou campanhas similares em quase toda a Europa, bem como os processos de emancipação na América.

A Revolução foi a primeira no mundo deflagrada a partir de princípios filosóficos, no caso, inspirada na Ilustração e os clamores por liberdade, por igualdade e por fraternidade, que nortearam o movimento, são célebres. Por outro lado, para os diferentes segmentos que participaram da Revolução, uma aliança eclética que reunia desde o campesinato, passando pelos “sans-cullotes” até a alta burguesia, as percepções acerca desses princípios eram obviamente diferentes.

Sobre o entusiasmo coletivo e o engajamento na construção da Revolução, Michel Vovelle, historiador francês dos annales, destacou que havia mesmo uma difusão no imaginário coletivo acerca do caráter memorável daqueles acontecimentos vivenciados. Além de escritores e cronistas em geral, mas, também, “conscientes de viver um período excepcional, desenhistas, aquarelistas e gravadores começaram então a propor uma crônica precisa dos acontecimentos.” (1997, p.162).

Dos vários símbolos da Revolução, a “Marselhesa” ainda hoje é um importante elemento da identidade nacional francesa, inspirando o imaginário republicano do país. Disseminado durante a Revolução, sobretudo pelas colunas do governo de Marselha, com o título original “Canto de Guerra para o Exército do Reno”, buscava estimular soldados que combatiam na fronteira do Rio Reno os exércitos enviados pela realeza absolutista européia em auxílio à enfraquecida monarquia dos Bourbons da França (ROULLET, 2012).

A “Marselhesa”, que na realidade foi composto em Estrasburgo por um jovem oficial, incorporado num batalhão cujo nome era sugestivo - "Les enfants de la patrie" (ou, “Os filhos da pátria”) - é um canto revolucionário que virou o hino de um país. Decretado “Canto Nacional” em 1795, e mesmo proibido durante o Império e a Restauração, foi orquestrada em 1830 por Berlioz após a Revolução que derrubou Carlos X, e reconhecido como hino na Terceira República, em 1879 (FRANCE. FR, 2012).

Nas telas da ‘sétima arte’, três filmes em especial, considerados clássicos do cinema europeu, são representações perspicazes daqueles acontecimentos e suscitam importantes reflexões: “A Marselhesa”, de Jean Renoir, lançado em 1937; “Casanova e a Revolução”, do italiano Ettore Scola, de 1982; e “Danton”, produção franco-polonesa, também de 1982, de Andrzej Wajda.

São películas produzidas em tempos diferentes, por cineastas diferentes e abordagens distintas. Contudo, o elemento da preocupação com a “ordem”, entendida em todas as dimensões, dos aspectos políticos às situações da vida cotidiana, permeia os enredos.

Financiada pela Frente Popular, efêmero governo de esquerda liderado por Leo Blum e instalado na França às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o filme “A Marselhesa”, tem sua contextualização no momento mais tenso da Revolução Francesa, circunstanciada entre a tomada da Bastilha (1789) até a queda de Luis XVI (1792).

A história é um libelo das aspirações populares pela construção de um país mais justo e igualitário. Sem retratar Danton, Robespierre ou Marat, expoentes do processo, a narrativa focaliza a trajetória de homens comuns de Marselha que marcham até Paris para lutar contra as forças monarquistas apoiadas pelo exército prussiano.

O filme inicia com uma situação insólita. Um pobre camponês foi preso, acusado de matar o pombo de um nobre. No julgamento, o prefeito dialoga com o dono da ave, a quem caberia a prerrogativa da justiça: “Acha justo mandar alguém para a forca por causa de um pombo?”, indagou o prefeito, e o nobre replicou: “O pombo não tem nada a ver com esta história, mas é o símbolo da ordem que eu tenho que defender.” Então o prefeito disse: “Seu símbolo é um tanto magrinho. Se tirarmos as penas não deve pesar muito”, e foi respondido: “Se os deixarmos matar nossos pombos, em breve queimarão nossos castelos”.

Acima de tudo, a ordem e a tranquilidade do povo marcam o desenvolvimento do roteiro. A rigor, a luta armada é um último recurso utilizado como reação à truculência do adversário. Na obra de Renoir quase não há cenas de batalha. A única ocorre quase no final, quando as tropas leais à monarquia atiram sobre os revolucionários que intentavam a negociação pela rendição das tropas reais.

“Casanova e a Revolução”, título brasileiro de “La Nuit de Varennes”, do consagrado diretor Ettore Scola, desenvolve o enredo com personagens reais e fictícios, destacando a tentativa fracassada de fuga da França do monarca Luís XVI, pela noite, numa carruagem, em julho de 1791, depois de a Assembléia Nacional aprovar a Constituição, dois anos do início da Revolução. Na nova Carta, o Estado passou a ser organizado a partir de uma monarquia constitucional e o poder Executivo, que coube ao rei, foi limitado pelo Legislativo constituído pela Assembléia.

O filme busca reconstituir o drama dos personagens ecléticos que seguiram o rei em outra carruagem, a partir dos eventos políticos que sacudiam a França, cujas discussões e apresentação das idéias são, em sua maioria, contraditórias.

Casanova pontua as tensões entre o velho e o novo, simbolizando o Antigo Regime que declinava, revolucionado por novos hábitos e novos personagens e, não ao acaso, a tradução de seu título para o italiano foi “*Il mondo nuovo*”.

Na fuga em questão, Luís XVI foi reconhecido por populares e preso em Varennes, próximo à fronteira com a Áustria. De volta a Paris, o rei passou a ser mantido sob vigilância e, em 1793, Luís e sua esposa Maria Antonieta, acusados de traição, foram executados na guilhotina.

A reprodução a seguir é de um cartaz difundido na França do período do terror:

GRAVURA 1 – Cartaz revolucionário: a cabeça do rei



Fonte: OSTERMANN & KUNZE, 1995, p.68

A peça era acompanhada pela seguinte legenda: "Matéria de reflexão para os charlatões coroados: que um sangue impuro regue os nossos campos". No imaginário revolucionário, o corte das cabeças pode ser interpretado como uma representação simbólica da ruptura com as idéias do Antigo Regime.

A produção “Danton”, acrescido no Brasil pelo subtítulo “O Processo da Revolução”, aborda o período do “Terror Jacobino”, entre 1793 e 1794, como é

conhecido o momento em que o Partido Jacobino, mais alinhado às demandas populares, assumiu o controle político na fase republicana da Revolução - a da “Convenção Nacional” (1792/1795). A produção focaliza a narrativa nas figuras emblemáticas dos radicais, o carismático agitador George Jacques Danton (1759/1794), e Maximilien Robespierre (1758/1794) que inclusive liderou o governo.

A primeira e a última cena são parecidas. Logo após o início do filme, um garoto, retrato da inocência, fica em pé numa bacia, enquanto a irmã lhe banha e tenta recitar a “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, documento inspirado no Iluminismo, referência universal sobre os direitos humanos aprovado pela Assembléia Nacional no começo da Revolução, em 1789. Sempre que faltavam as palavras corretas, estendia a mão e a irmã lhe batia nos nós dos dedos. Como assinalou Robert Darnton em “O Beijo de Lamourette”, mais do que lavar o menino, “(...) ela [lavava] o seu cérebro para cair nas graças do distinto hóspede de seu pai, o Cidadão Robespierre” (1990, p.57).

A Fase do Terror, estimulada pelos jacobinos, foi uma tentativa de resposta tanto às tentativas de sublevação contra o regime, sobretudo na região de Vendéia, quanto à reação das potências estrangeiras absolutistas que, apoiadas pela Inglaterra, as coroas da Áustria, da Prússia, da Rússia, se articulavam em torno da “Primeira Coligação” contra a Revolução. Como estratégia, a Convenção instituiu o “Comitê de Salvação Pública”, encarregado da restituição da ordem e o “Tribunal Revolucionário”, liderado por Danton e Robespierre para julgar os contra-revolucionários.

No final, a última cena acentua o paradoxo da primeira experiência da esquerda no poder e dos desatinos dos líderes. O garoto recita corretamente os versos da “Declaração dos Direitos”, após os esforços e sofrimentos para decorar, justamente para

Robespierre, em crise de consciência pela decapitação de adversários e até de aliados da Revolução, entre eles Danton.

Sob o domínio do Terror, o “Tribunal Revolucionário” encarcerou mais de trezentas mil pessoas, condenando à morte mais de dezessete mil. Com a vitória do exército francês nas diversas frentes de batalha, no interior e no combate no estrangeiro e sem o apoio popular dos chamados sans-culotte, os jacobinos caíram e grupos moderados voltavam ao centro dos episódios políticos. Com o “Golpe do Termidor”, a alta burguesia voltava ao poder. Preso em 27 de junho de 1794, Robespierre foi guilhotinado dois dias depois. E a liderança do general Bonaparte, vitorioso nas campanhas militares no exterior, emergia no cenário revolucionário (HOBSBAWM, 2005, p.102-13).

“Ó Liberdade! Quantos crimes foram cometidos em teu nome!” foi o grito de Madame Rolland diante da guilhotina em oito de novembro de 1793. Figura proeminente do Partido Girondino, intelectual admiradora, entre outros, de Plutarco e Rousseau, em especial do romance “A Nova Heloísa” (1994), Manon Rolland foi uma entusiasta pela República, figura ativa da arena política revolucionária (DECAUX & CASTELLOT, 1979).

Como destacou Michel Winock em “As Vozes da Liberdade”, o grito de Madame Rolland ressoa até hoje: “A revolução fez da liberdade ‘o primeiro direito do homem’ (Jaurès); fracassou, contudo, em dar-lhe uma base institucional, enraizá-la nos costumes, e não encontrou outra saída que não a espada de Bonaparte” (2006, p. 9-11).

Essa questão da preocupação com a ordem, com a normalidade institucional, em seu sentido político, econômico, social, norteou boa parte das preocupações e aspirações do século XIX, tanto políticas quanto intelectuais, seja no desenvolvimento econômico,

seja nas formulações dos positivistas que culminaram com o lançamento da Sociologia enquanto ciência da sociedade.

A Revolução Francesa terminou com o golpe de Estado do então já consagrado general Napoleão Bonaparte. Convidado a fazer parte do governo do Diretório, em 9 de novembro de 1799, ou 18 Brumário no calendário da República, assumiu com plenos poderes, obtendo o título de “Cônsul”.

1.2 – A França Napoleônica

Quando Hippolyte Léon Denizard Rivail veio ao mundo, em Lyon, na França, a três de outubro de 1804, os momentos mais duros e turbulentos da então história recente de seu país, que tiveram repercussões em todo o mundo como assinalado, já haviam sido superados. Naquele ano, Napoleão Bonaparte promulgava o Código Civil, o primeiro da contemporaneidade, inspirado no direito romano e que assegurava a igualdade de todos os indivíduos perante a lei e o direito à propriedade privada, entre outros elementos que influenciam as diretrizes legais de todo o ocidente capitalista.

Foi efetuada uma reforma do ensino e a educação passou a ser responsabilidade do Estado, foram criados os liceus - espécie de internatos, e o ensino superior foi enfatizado, com a instalação de escolas de Direito, Política e Técnica Naval.

Em linhas gerais, o período napoleônico é o momento da consolidação das instituições burguesas no país, garantindo os avanços da Revolução, com a pacificação dos setores sociais em disputa. O plano internacional foi caracterizado pela escalada da hegemonia francesa no continente.

Em 1804, ou “ano XII da Revolução”, como era organizado o calendário, a nova Constituição proclamou Bonaparte como primeiro-cônsul vitalício que, não satisfeito,

convocou ainda um plebiscito que lhe referendou o título de imperador, sendo coroado na Catedral de Notre Dame como Napoleão I.

Em que pese a inclinação totalitária, o imperador gozava de popularidade, afinal conseguiu garantir a ordem e a estabilidade desejadas, e com o Código Civil assegurou as conquistas burguesas da Revolução Francesa, cujos momentos mais radicais ainda permeavam a memória coletiva.

A infância de Hippolyte Rivail foi vivida na França napoleônica, governo demarcado pelo Consulado (1799-1804), pelo Império (1804-1814) e pelo passageiro governo dos Cem Dias (1815). Em 1813 a fase imperial entrava em declínio, com a frustrada investida francesa na Rússia e após a derrota na Prússia pela coligação comandada pelos ingleses, Bonaparte partiu para o exílio na Ilha de Elba, na Itália e os Bourbons, esmagados na Revolução, retornam com a Restauração de Luís XVIII; mas Bonaparte teve ainda um último suspiro com a volta ao poder que durou pouco mais de três meses.

Nesse contexto em que os fantasmas da ‘desordem’ política e social pairavam, provavelmente após a queda definitiva de Napoleão, o garoto Rivail, cuja família tinha posição privilegiada - o pai Jean-Baptiste Antoine Rivail atuava na magistratura, e sua mãe, Jeanne Louise Duhamel, originária de Bourg, também possuía ascendência tradicional – foi mandado para a Suíça, para o estudo no Castelo de Yverdun, o Instituto de Pestalozzi (THIESEN, 1999, pp.29-31; SAUSSE, 2012, p.26-8).

Após o fim do período napoleônico, sacramentado pela épica derrota de Waterloo, em 1815, o Bourbon Luís XVIII seguiu no poder. A Constituição aprovada pelo novo rei buscava conciliar os princípios do Antigo Regime com certas conquistas da Revolução - como a igualdade civil, a separação entre os poderes e a liberdade de imprensa.

Denizard Rivail voltou para a França, à Lyon e, posteriormente, à Paris, presumivelmente em 1822, no fim do governo de Luís XVIII, que faleceu em 1824 - assumindo o poder seu irmão, Carlos X.

Apesar das transformações contidas no processo de industrialização e urbanização, elementos do mundo rural e aristocrático ainda persistiam. Todavia, à medida que as forças do capitalismo avançavam, como assinalou o historiador Arno Meyer, as permanências tornavam-se mais rarefeitas. Os setores aristocráticos mantinham o poder pela renda garantida pela propriedade das terras, bem como pela representatividade mantida nos parlamentos em diversos países europeus (MEYER, 1987, p.16-19).

Por outro lado, as transformações eram intensas e profundas, impulsionadas a partir do desenvolvimento do capitalismo em sua etapa industrial, com impactos na redefinição da ordem política, do ordenamento jurídico, das atividades econômicas, da consolidação da vida urbana, do poder da burguesia. O conhecimento científico, as estruturas mentais e todas as manifestações da cultura popular e da cultura erudita atingem novos patamares, configurações que constituem o arcabouço da sociedade contemporânea.

1.3- A Revolução das Máquinas

Em 11 de março de 1776, a Birmingham Gazette, tradicional jornal que circulou entre os séculos XVIII e XIX, noticiava um acontecimento extraordinário:

Na última sexta-feira, uma máquina a vapor construída segundo os novos princípios do Sr.Watt foi posta em funcionamento em Bloomfield Colliery (...) na presença de alguns homens de ciência cuja curiosidade fora estimulada pela possibilidade de ver os primeiros movimentos de uma máquina tão singular e poderosa (...). Com esse exemplo as dúvidas dos inexperientes se dissipam e a importância e a utilidade da invenção se firmam decididamente (...) [Foi] inventada pelo Sr.Watt após muitos anos de estudo e grande variedade de experiências custosas e trabalhosas.” (HUBERMAN, p.171)

Birmingham já era um centro comercial e manufatureiro na idade média, e com a Revolução Industrial cresceu notavelmente, se tornando a segunda maior cidade inglesa.

Meio século depois, a invenção do Sir. Watt transformaria o panorama inglês. O número de teares a vapor chegou a 2.400, em 1813, 85.000 em 1833; e subiu para 224.000 em 1850. Por outro lado, o número de tecelões caiu de 250.000, nos anos 20, para 100.000 nos anos 40, e 50.000 nos anos 50 (SINGER, 1994, p.35).

Em linhas gerais, a chamada Revolução Industrial foi um processo amplo que consistiu em um conjunto de mudanças na forma de produção, desencadeando profundas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, com a consolidação do modo de produção capitalista. Seu berço foi a Inglaterra, no século XVIII, tendo como precursor o setor têxtil e durante algum tempo foi um fenômeno exclusivamente inglês. Todavia, no XIX expandiu-se pelo continente Europeu chegando à América, nos Estados Unidos; e no começo do XX à Ásia, no Japão.

Na França, o processo foi mais lento e gradativo e a Revolução Francesa e o período napoleônico contribuíram com a liberação das forças contidas do desenvolvimento econômico e impulsionaram a produção em massa. Contudo, diante das imposições navais inglesas, o mercado francês ficou restrito à Europa. Após 1830, no governo constitucional de Luís Filipe, foi implementada uma política efetiva de industrialização e incremento ao transporte ferroviário.

As inovações tecnológicas, indubitavelmente, foram fundamentais para o desenvolvimento industrial. Citando apenas alguns exemplos e etapas, John Kay inventou, em 1735, a “lançadeira volante” e que aumentou em seis vezes a capacidade de tecelagem. James Hargreaves, por sua vez, incrementou a produção de fios com a “spinning-jenny”, uma máquina de fiar que gerava simultaneamente oitenta fios. Em

1785 Edmond Cartwright apresentou o tear mecânico. E a máquina a vapor, exaltada pelo Birmingham Gazette, de James Watt solucionou o problema da energia e cravou um novo paradigma na produção, a utilização da energia não humana (DOBB, 1983, p.187-190).

Entretanto, o processo industrial é complexo, mais do que as soluções técnicas, sua implementação dependeu das conjunções estruturais inerentes ao próprio desenvolvimento e consolidação do sistema capitalista. E a primazia inglesa ocorreu pela criação das condições essenciais para o desencadeamento dessas transformações.

Ao longo do desenrolar da modernidade, desde o século XVI, com a superação do modo de produção feudal, paulatinamente ocorreu o acúmulo de capitais através da construção e do comércio naval, o tráfico de escravos, a liberação da mão-de-obra, com a intensificação do êxodo rural advindo da política de “cercamentos dos campos” (“enclosures”), e o próprio aumento demográfico - com a diminuição da mortalidade e a melhora da qualidade de vida.

Já no limiar dos anos 1700, a Inglaterra apresentava uma conjuntura econômica favorável como destacou Pierre Deyon, historiador francês da Escola dos Annales:

Manufaturas bem protegidas, uma marinha poderosa, uma agricultura próspera e lucrativa, instituições parlamentares e políticas favorecendo a consulta e o confronto dos interesses, a Inglaterra estava pronta para a grande aventura industrial. As duas revoluções políticas que ela atravessara no século XVII tinham liquidado as confrarias, as guildas, os privilégios, muitos vestígios, obstáculos e preconceitos herdados do passado, e contribuíram para fazer do mercantilismo um meio muito eficaz de poder e de progresso nacional. (1973, p.34)

No plano político, Deyon mencionou na citação em destaque duas revoluções políticas: a “Revolução Puritana” (1642-1649) e a “Revolução Gloriosa” (1688), movimentos pioneiros que suplantaram o absolutismo monárquico e consolidaram o poder político da burguesia mercantil e dos setores agrários capitalistas.

Com a “Revolução Gloriosa”, foi deposto o último dos Stuarts, Jaime II, e o novo monarca, o príncipe holandês Guilherme de Orange, jurou e assinou o “Bill of Rights”, princípio em que “o rei reina, mas não governa”, com o Parlamento executando as prerrogativas do executivo. Surgia a primeira monarquia constitucional da história.

Como sinalizou Mousnier, “A Revolução de 1688 representou a vitória da burguesia capitalista, dos mercadores da City de Londres, dos gentis-homens do campo aburguesados pelo capitalismo agrícola. Praticamente, a Revolução correspondeu ao triunfo da teoria do contrato entre o Rei e a Nação” (MOUSNIER, 1995, p.310).

As primeiras fábricas de tecido, cujas máquinas eram movidas à energia hidráulica, eram erguidas ao longo das margens dos rios. Obviamente, isso limitava a expansão das fábricas para os centros produtores ou importadores de matérias-primas. Com a invenção da máquina a vapor, em 1711, por um certo serralheiro inglês, Thomas Newcomen, a revolução ganhava um impulso fundamental.

No setor de transportes, duas invenções foram importantíssimas: o navio a vapor, construído por Rober Fulton (1807), e a locomotiva a vapor; idealizada por George Stephenson (1814). O avanço industrial mudava o panorama, imprimindo uma nova configuração espacial, característica da modernidade. O poder e a velocidade da era industrial tudo transformavam. Eric Hosbsbawm enfatizou:

A estrada de ferro, arrastando sua enorme serpente emplumada de fumaça à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que fazia as pirâmides do Egito e os aquedutos romanos e até mesmo a grande muralha da China empalidecerem de provincialismo, era o próprio símbolo do triunfo do homem pela tecnologia.(HOBSBAWM,2005, p.72)

Como destacou esse historiador inglês, acentuando os impactos culturais dos trens, nenhuma outra inovação do processo industrial inflamou tanto a imaginação

quanto a ferrovia - o único produto da industrialização absorvido pela imagística da poesia erudita e popular.

A rigor, os resultados da revolução industrial foram intensos, com o desenvolvimento da produção de massa e o aprofundamento da divisão do trabalho. A consolidação econômica do capitalismo e a afirmação do estado liberal repercutiram sobremaneira na vida social e cultural, com o aumento demográfico, a urbanização e, principalmente, a polarização da sociedade em duas classes distintas: a burguesia e o proletariado.

1.4 – Sociedade Industrial

A rigor, o século XIX, como nenhum período precedente, trouxe em seu bojo uma variedade social. Diferente das sociedades fortemente hierarquizadas que existiram até o setecentismo, a era industrial e urbana acentuou a tendência à diversificação e à mobilidade social. O conceito de classe passou a ser, a partir da Europa, o elemento definidor das relações sociais.

Em “Economia e Sociedade” (1999), Max Weber discutiu o caráter patrimonialista do feudalismo, posto que a organização política então obedecia uma hierarquia à qual as relações sociais de dominação e subordinação decorriam das obrigações contraídas entre os diferentes setores, tendo como base a posse e o uso da terra. No início da formação da modernidade, a educação já se caracterizava pelo modo formal da aprendizagem – empírica ou racional –, mas ainda prevalecia o prestígio obtido hereditária ou profissionalmente, seguindo essa lógica estamental, analisada por Weber.

Esse formato prevaleceu do desenvolvimento da sociedade feudal até a Ilustração e a Revolução Francesa, pelo menos nos principais países da Europa. O clero

e a nobreza superpunham ao restante da população e os aristocratas ocupavam a administração estatal, afinada com o poder clerical.

Como discutido neste capítulo, uma das novidades do mundo industrial e capitalista no plano social, com o êxito das revoluções burguesas, foi a superação da sociedade dividida em estamentos, também chamados de “Estados”, e a emergência de duas classes sociais fundamentais e antagônicas, a burguesia e o proletariado, com a igualdade entre os homens assegurada no ordenamento jurídico.

As passagens a seguir denotam os contrastes entre o mundo burguês e a realidade operária, vivenciadas nesse novo cenário de organização (e luta) social.

O historiador estadunidense de origem alemã, Peter Gay, é especialista na “era vitoriana” inglesa. Para ele, “O século burguês foi uma era de melhoramentos, mais para os burgueses, talvez, do que para qualquer outro grupo de pessoas. Sua ideologia carregada de esperanças não era apenas uma máscara para encobrir o desespero, mas uma crença sincera no progresso.” (GAY, 1988, p.85).

A chamada “Era Vitoriana” corresponde ao período do reinado da Rainha Vitória, ao longo do século XIX, a partir de 1837 até o limiar do XX. Caracterizado por um período de paz, avanço econômico e prosperidade social (a “Pax Britannica”), foi concomitante com a consolidação da Revolução Industrial, desenvolvendo uma numerosa e educada classe média.

Joseph Schumpeter, em “História da Análise Econômica”, ressaltou essa condição de estabilidade, prosperidade, seguida do entusiasmo com o progresso:

A superioridade da indústria inglesa, em 1840, não era desafiada por qualquer futuro imaginável. E esta superioridade só teria a ganhar, se as matérias-primas e os gêneros alimentícios fossem baratos. Isto não era ilusão: a nação estava tão satisfeita com o que considerava um resultado de sua política que as críticas foram quase silenciadas até a depressão da década de 80. (1964, p.28)

A segunda metade da Era Vitoriana coincidiu com a primeira parte da Belle Époque francesa, ocorrido principalmente na Europa continental, uma etapa marcada por transformações culturais que impactaram o cotidiano, tanto da Europa quanto de diferentes partes do mundo. Foi desenvolvida a partir no último quartel do XIX, com duração até a deflagração da Primeira Guerra Mundial.

Todavia, mais do que um período datado historicamente, designou um estado de espírito que ressaltou a vida urbana, imprimiu uma nova mentalidade, a certeza do progresso e da estabilidade política e econômica (GAY, 1988, p.55).

Por outro lado, o processo do crescimento das cidades foi contraditório, permeado pela expansão da pobreza. Máximo Gorki, ícone da literatura da Rússia brutalizada pela industrialização, dependente de capitais ingleses a partir das invasões napoleônicas, descreveu o cotidiano do operário em “Mãe”:

Todos os dias, o apito pungente da fábrica cortava o ar esfumaçado e pegajoso que envolvia o bairro operário e, obedientes ao chamado, seres sombrios, de músculos ainda cansados, deixavam seus casebres, acanhados e escuros, feito baratas assustadas. Sob o frio amanhecer, seguiam pela rua esburacada em direção às enormes jaulas de pedra da fábrica que os aguardava desdenhosa (...) Vozes sonolentas emitiam roucas saudações, palavras dilaceravam, raivosamente, o ar. Mas eram diferentes os sons que acolhiam os operários: pesadas máquinas em funcionamento, o resfolegar do vapor (...) O dia consumia-se na fábrica, suas máquinas sugavam de seus músculos toda a energia de que necessitavam. Mais um dia irremediavelmente riscado de suas vidas; o homem dera mais um passo em direção ao túmulo; mas ele antevia, apenas, o gozo imediato do descanso, as alegrias do bar repleto de fumaça e sentia-se satisfeito. (GORKI, 1972, p.9)

Entre 1851 e 1901, na Inglaterra da Era Vitoriana, a população inglesa saltou de 17 milhões para quase 31 milhões. O fluxo migratório era intenso, deslocando contingentes populacionais do campo para a cidade, sobretudo nas áreas industriais. Comparativamente, a população irlandesa no mesmo período declinou de 8 milhões para 4,5 milhões em 1901 (THOMPSON, 1987).

Nesse cenário de deterioração, Friedrich Engels, na obra clássica a “Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, descreveu, narrativa elaborada a partir de suas experiências efetivas em cidades industriais inglesas como Manchester, na Inglaterra, entre 1842 a 1844:

Estas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para a da casa de frente e os edifícios apresentam, por outro lado, uma acumulação de andares que a luz mal pode penetrar no pátio ou na ruela que os separa. Nessa parte da cidade, não há nem esgotos nem banheiros públicos ou sanitários nas casas, e é por isso que as imundícies, detritos ou excrementos de, pelo menos, 50.000 pessoas são lançados todas as noites nas valetas, de tal modo que, apesar da limpeza das ruas, há uma massa de excrementos secos com emanações nauseabundas que não só ferem a vista e o olfato, como, por outro lado, representam um perigo extremo para a saúde dos habitantes (ENGELS, 1985, p.47).

Como frisou Engels, a mortalidade por doenças, sobretudo entre os trabalhadores, era mais intensa nas zonas industriais do que no meio rural. Em Liverpool ou Manchester, doenças como a coqueluche, a varíola ou o sarampo vitimavam quatro vezes mais pessoas do que nas áreas rurais próxima. Mortes por convulsões eram dez vezes maiores do que no campo.

Autor juntamente com Karl Marx, do socialismo científico - parceria que durou a vida toda - Engels atribui aos trabalhadores urbanos e industriais, a partir dessa obra paradigmática, o status de classe, enfatizando a dinâmica revolucionária e o caráter emancipatório do proletariado.

O contraste entre os bairros ricos e pobres era brutal. O historiador Edward Thompson reproduziu a afirmação de um reformador sanitário em Londres, em 1839: “Apesar dos esforços sistemáticos, em larga escala, para alargar as ruas (...) aumentar e aperfeiçoar a drenagem e a rede de esgotos (...) nas regiões em que residem as classes mais ricas, nada foi feito para melhorar as condições dos distritos habitados pelos pobres” (1987, p.187).

A aglomeração em áreas deterioradas era motivo de preocupação pública, afinal, as epidemias de doença como a febre tifóide ou o cólera avançavam sobre as cidades e a partir da segunda metade do século XIX os problemas foram gradativamente atenuados com as reformas urbanísticas.

1.5 – A Revolução de 1848 e a Primavera dos Povos

O ano de 1848 é emblemático na história. Na Europa, em nome da liberdade e pelo fim da opressão, num ambiente corroído pela crise econômica, uma onda revolucionária sacudiu o continente.

Na França, a “Monarquia de Julho” do governo de Luís Filipe, o “rei burguês”, instalado desde 1830 a partir de outro surto de revoluções, em meio a uma séria crise do capitalismo, descontentamentos diversos, e ainda envolto em corrupção e conservadorismo, seria derrubada por agitações populares e a ação sistemática de uma ampla oposição que conjugava republicanos, liberais e socialistas, no episódio que ficaria conhecido como “Revolução de Fevereiro”.

A partir da França, o movimento se expandiu para os domínios austro-húngaros e da Confederação Germânica, e na Itália, em prol da unificação nacional e em outras regiões da Europa centro-oriental. Essas explosões marcadas pelas barricadas populares, uma profusão de rebeliões liberais, democráticas e nacionalistas, são conhecidas como “Primavera dos Povos”.

1848 pode ser considerado o ano da primeira revolução potencialmente global, como assinalou o historiador inglês Eric Hobsbawm:

Na França, o centro natural e detonador das revoluções européias, a república foi proclamada em 24 de fevereiro. Por volta de 2 de março, a revolução havia ganhado o sudoeste alemão; em 6 de março a Bavária, 11 de março Berlim, 13 de março Viena, e quase imediatamente a Hungria; em 18 de março Milão e, em seguida, a Itália (onde uma revolta independente havia tomado a Sicília). Nesta época, o mais

rápido serviço de informação acessível a qualquer pessoa (os serviços do banco Rothschild) não podia trazer notícias de Paris a Viena em menos de cinco dias. Em poucas semanas nenhum governo ficou de pé numa área da Europa que hoje é ocupada completa ou parcialmente por dez estados, sem contar as repercussões em um bom número de outros. (HOBBSAWM, 1996).

Até no Brasil, onde D.Pedro II conseguia imprimir relativo equilíbrio institucional, quando comparado com os períodos anteriores, o Partido Liberal pernambucano, a “turma da praia”, levantou-se contra o comando dos Cavalcantis, em defesa da ampliação das liberdades civis (FAUSTO, 1998, p.176-9).

O ciclo iniciado em 1789 na Revolução Francesa atingia seu ápice, circunstanciando um período que Hobsbawm nomeou como a “Era das Revoluções” (2005), período onde a burguesia arrebatou o poder político das monarquias absolutistas assentadas nas velhas aristocracias de direito divino.

Nessa linha de reflexão, Jean-Luc Mayaud, historiador francês de Lyon 2, sintetizou: "Os historiadores reconhecem em 1848 a filha de 1789 que estabelece o fim definitivo do antigo sistema econômico e social, que inova com a proclamação do sufrágio universal masculino, assinalada enfim pelo espírito de 1848."⁶ (MAYAUD, 1989, p.327).

1848 trouxe ainda, outra novidade: a aparição da classe proletária enquanto movimento organizado. Com o crescimento industrial e o agravamento das condições de trabalho e a ampliação da desigualdade social, a classe trabalhadora apresentava suas reivindicações socialistas (um socialismo com caráter reformista).

Não ao acaso, em que pese a pouca importância política naquelas revoluções, Karl Marx e o inseparável Friederich Engels lançavam no mesmo ano, em Bruxelas, a

⁶ Tradução nossa : « Les historiens reconnaissent en 1848 la fille de 1789 qui fixe la fin définitive de l’Ancien regime économique et social, qui innove par la plocamation du suffrage universal masculin, qui marque enfin par l’esprit de 1848 »

primeira edição do “Manifesto Comunista” (1848), um documento de apenas quarenta páginas que se tornou um dos maiores bestsellers da história da imprensa. Em setembro, envolvido na intrincada política prussiana, Marx seria preso e, mesmo absolvido após contundente defesa, seguiu para o exílio em Londres.

Se, por um lado, na aparência, as revoluções na França e na Europa sinalizavam para um período de profundas transformações sociais, por outro, na essência, tal perspectiva foi frustrada pelo projeto de hegemonia burguesa.

No breve período de seis meses de sua explosão, como alientou Hobsbawm, a derrota da “Primavera dos Povos” foi seguramente previsível. Dezoito meses depois, todos os regimes derrubados foram restaurados, exceto na França que, por sua vez, o regime de Napoleão III manteve “...todas as distâncias possíveis em relação à revolução à qual devia sua própria existência” (1996).

Na França, com a derrubada de Luís Filipe, foi instalada a Segunda República francesa e o socialista Louis Blanc compôs o governo provisório, gabinete composto também por burgueses liberais e pelo operariado. A presidência coube a Alphonse de Lamartine (1790/1869), que além de político liberal, era escritor e poeta.

Denominando também como “República Social”, o governo provisório garantiu conquistas importantes, como o fim da pena de morte, a aplicação do sufrágio universal e articulou as “oficinas nacionais” - empreendimentos públicos que garantiam emprego para milhares de desempregados em construções, aterros e fábricas. Contudo, intensos embates ocorreram entre os diferentes grupos e interesses em disputa pelo poder.

Em abril, foram realizadas eleições para a formação da Assembléia Constituinte. Os liberais moderados, grupo constituído pelos grandes proprietários rurais, venceram com ampla maioria, encerrando o curto ciclo do governo provisório.

O poderoso “Partido da Ordem” conseguiu derrotar a revolução social, mas não foi capaz de conseguir o apoio das massas (id, op. cit.). Em junho, com a polarização entre socialistas e a burguesia, uma nova onda de agitações sacudiu Paris.

Alexis de Tocqueville (1803/1859), importante escritor e pensador contemporâneo, foi deputado em várias legislaturas, vitorioso desde as eleições de 1839. De origem aristocrática, sua preocupação central era a manutenção da ordem. No clássico “Lembranças de 1848”, sobre a eclosão das jornadas de junho, o conde de Tocqueville, testemunha dos fatos, descreveu:

Eis-me, enfim, chegado à Insurreição de Junho, a maior e a mais singular que teve lugar na nossa história e talvez em qualquer outra: a maior, pois durante quatro dias, mais de 100 mil homens nela engajaram, e cinco generais pereceram: a mais singular, pois os insurgentes combateram sem gritos de guerra, sem líderes, sem bandeira (...) O que a distinguiu ainda, entre todos os acontecimentos do gênero que se sucederam nos últimos sessenta anos na França, foi que ela não teve por objetivo mudar a forma de governo, mas alterar a ordem da sociedade. Não foi, para dizer a verdade, uma luta política (no sentido que até então tínhamos dado à palavra), mas um combate de classe, uma espécie de guerra servil. Isso caracterizou a Revolução de Fevereiro quanto aos fatos, do mesmo modo que as teorias socialistas a haviam caracterizado quanto às idéias; ou antes, ela saiu naturalmente dessas idéias, como o filho sai da mãe, e nela não se deve mais que um esforço brutal e cego, mas poderoso, dos operários para escapar às necessidades de sua condição (que lhes havia sido descrita como uma opressão ilegítima) e para abrir a fórceps um caminho em direção àquele bem-estar imaginário (que lhes havia sido mostrado de longe como um direito. (1991, pp.149-50)

Diante da radicalização do movimento, a Assembléia Nacional decretou estado de sítio e nomeou o ministro da guerra, o general Louis-Eugène Cavaignac, como chefe do poder Executivo, com poderes ditatoriais para conter a radicalização popular.

Com uma violenta repressão, os insurretos de Paris foram contidos. Nos quatro dias que duraram os combates, mais de mil e quinhentos revoltosos foram mortos, mais de doze mil presos e quatro mil deportados para a Argélia. Os direitos individuais foram suspensos, as oficinas nacionais fechadas, os jornais foram suspensos.

Uma nova constituição, com caráter republicano, foi aprovada, prevendo o sufrágio direto para o legislativo com mandato de três anos e o poder executivo a cargo de um presidente eleito para um período de quatro anos.

Em dezembro, nas eleições presidenciais, Luís Napoleão, sobrinho do “grande imperador” Bonaparte, foi o eleito, vencendo com maioria esmagadora – 5,5 milhões em 7,4 milhões de votos, derrotando o general Cavaignac.

Seu mandato foi marcado pela busca da conciliação e da pacificação e o ideal de progresso era ressaltado. Institucionalmente, a investidura de Luís Bonaparte como presidente terminaria em 1852. Entretanto, articulou um golpe de Estado em dezembro de 1851 que acabou com a República e o tornou imperador da França. Era o fim da efêmera Segunda República francesa e o início da ditadura do Segundo Império (1852/1870), regime legitimado a partir de plebiscito, como na época do tio Napoleão.

Um das passagens mais célebres de Marx, sobre a repetição da história como farsa, é uma referência a esses desdobramentos do processo político francês:

Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa. Caussidière por Danton, Luís Blanc por Robespierre, a Montanha de 1845-1851 pela Montanha de 1793-1795, o sobrinho pelo tio. E a mesma caricatura ocorre nas circunstâncias que acompanham a segunda edição do Dezoito Brumário! (MARX, 1988, p.329).

Marx aludiu ironicamente ao golpe de estado como o “18 Brumário de Luís Bonaparte”, em comparação com as tramas políticas que conduziram o general Napoleão ao poder na França pós revolucionária, o golpe conhecido com o mesmo nome, em 1799.

O escritor Victor Hugo, um republicano convicto, em “Napoleão o pequeno”, segue nessa linha de desprezo pela figura do sobrinho de Napoleão:

Ah, a França divaga. É preciso de algum modo acordar esta nação... falar com o soldado que tem uma gravura do Imperador na sua choupana e que vota em qualquer coisa por causa disso. Esse povo é bom e honesto. Compreenderá. Sim, camponês, eles são dois, o grande e o pequeno, o ilustre e o infame, Napoleão e Napoleão. (HUGO, 1996)

Alexis de Tocqueville chegou a participar do governo de Luís Bonaparte em 1849, entre junho e outubro, quando ocupou a pasta dos negócios exteriores do ministério Odilon Barrot. Entretanto, licenciou-se da Assembléia em 1850 por problemas de saúde, e com o golpe de dezembro denunciou o que considerou como a farsa bonapartista e afastou-se definitivamente da política (JASMIM, 2005, p.34). Eric Hobsbawm, em análise sobre o caráter político da ascensão e da consolidação de Luís Bonaparte, teorizou:

Ele viria a ser o primeiro dos chefes de estado modernos que governaria não apenas baseado na força das armas, mas também com aquela espécie de demagogia e de relações públicas tão mais facilmente operadas do alto do estado do que de qualquer outro lugar. Sua experiência demonstra não apenas que a "ordem social" podia aparecer como uma força capaz de atrair a "esquerda", mas também uma era ou um país onde os cidadãos tinham sido mobilizados para participar na política. (1996, p.42)

A frase atribuída a Napoleão III apresentada na epígrafe deste capítulo, sintetiza a mescla e a confusão entre democracia e autoritarismo que perpassaram pelo Segundo Império: “Estou preparado para ser batizado com as águas do sufrágio universal, mas eu não pretendo viver com os pés em uma poça...”

O governo de Bonaparte contou com uma base de apoio assentada na burguesia, no clero e nas forças armadas. Foi, sem dúvida, um período de prosperidade econômica, com o empreendimento de numerosas obras públicas, em especial em Paris, onde o prefeito George-Eugène Haussmann construiu os famosos e elegantes bulevares e magníficos parques. Entretanto, por outro lado, a ditadura, a marginalização do

legislativo e a repressão às forças oposicionistas e o conservadorismo caracterizaram o regime bonapartista.

1.6 - O “fardo dos homens brancos”: tempos do neocolonialismo

O peruano Mario Vargas Llosa, Nobel em Literatura, no romance “O Sonho do Celta” (2011), com um estilo que combina ficção com pesquisas históricas, reconstrói a trajetória do irlandês Roger Casement, funcionário da Coroa Britânica que conheceu a violência da colonização na África e na América do Sul, das selvas do Congo Belga à extração da borracha na Amazônia do Peru. Encarcerado em um presídio de segurança máxima no fim da vida, acusado de alta traição pelo governo inglês, apenas cinco anos depois de ter sido agraciado com o título de Cavaleiro, viveu o horror do imperialismo e a opressão dos povos nativos, e mostrou ao mundo as injustiças da colonização.

Quando Casement foi alçado à condição de Cônsul e enveredou o Rio Congo acima, o personagem nutria o imaginário plasmado pelas teorias evolucionistas que pululavam no oitocentismo do velho mundo. Exemplo clássico, ao exaltar o imperialismo inglês, Rudyard Kipling, um dos autores mais prestigiados da Inglaterra em prosa e poesia, escreveu em um de seus poemas: "Aceitai o fardo do homem branco, / Enviai os melhores dos vossos filhos, / Condenai vossos filhos ao exílio, / Para que sejam os servidores de seus cativos." (HOBSBAWM, 2003, p.121-2).

Nesse entusiasmo pelo desenvolvimento e na certeza civilizadora, Casement ainda jovem, quando iniciado na cruzada na África, reproduzia as idéias do progresso em voga:

Levar produtos para a África e importar as matérias-primas que o solo africano produzia era, mais que uma operação mercantil, uma iniciativa em prol do progresso de povos parados na pré-história, imersos no canibalismo e no tráfico de escravos. O comércio levava para lá a religião, a moral, a lei, os valores da Europa moderna, culta, livre e democrática, num progresso que acabaria por transformar os desventurados das tribos em

homens e mulheres de nosso tempo. Nessa empreitada, o Império Britânico estava na vanguarda da Europa, e eles deveriam ficar orgulhosos por participar dela e do trabalho que realizavam da Elder Dempster Line. (LLOSA, 2011, p.24)

Após servir em Old Calabar (Nigéria), Lourenço Marques (Maputo) e São Paulo de Luanda (Angola), Casement assumiu o cargo de Cônsul da Grã-Bretanha em Boma, aldeia congolosa. A primeira viagem rio Congo acima, entretanto, mudaria sua vida.

Roger estava a seis anos no interior africano quando Joseph Conrad (1857/1924), autor do paradigmático “Coração das Trevas” (2008), chegou na planície de Lufundi. O livro – que também serviu de base para o filme “Apocalypse Now!” (1979), de Francis Ford Coppola – alcançou popularidade e contribuiu para a divulgação da realidade da exploração neocolonialista perpetrada pelos europeus, em especial o domínio da Bélgica sobre parte do centro africano.

O Rei belga Leopoldo II transformou as vastas e inexploradas regiões que circundavam o rio Congo. Conduzindo um dos mais horrendos genocídios da história, que dizimou cerca de 10 milhões de nativos, o monarca acumulou uma imensa fortuna com a exploração do látex. Por outro lado, as mobilizações para tornar públicos os crimes perpetrados por Leopoldo significaram o primeiro grande movimento por direitos humanos do século XX (HOCHSCHILD, 1999).

Superando a visão eurocêntrica sintetizada pela dicotomia “barbérie x civilidade”, que legitimavam as atrocidades cometidas em nome dos valores da sociedade dita moderna, as denúncias de Conrad davam conta de episódios em que oficiais belgas ornamentavam orgulhosamente as cercas de seus jardins e casas com crânios humanos.

Roger Casement, ao lado do amigo Joseph Conrad, passou a denunciar os abusos e os maus-tratos, e a valorizar a liberdade, voltando-se contra o governo. Também numa

linha crítica, o escritor e jornalista irlandês Bernard Shaw (1856/1950) interpretou o imperialismo britânico no século XIX e a mentalidade colonialista do inglês:

Na qualidade de grande defensor da liberdade e independência, conquista a metade do mundo e chama isso de colonização. Quando precisa de um novo mercado para suas mercadorias falsificadas de Manchester, envia um missionário para ensinar o evangelho da paz. Os nativos matam o missionário, e ele corre às armas em defesa da Cristandade; e se apossa do mercado como uma dádiva do céu. (SHAW, 1954, p.26),

O imperialismo foi o “filho da industrialização”, nos dizeres de Jules Ferry (CLOUGH & MOODIE, 1978, p.167), movimento do capital que assinalou o apogeu da hegemonia da Europa. A expansão via conquistas coloniais pode ser considerada uma etapa no processo de mundialização da ordem capitalista, onde as populações da África e da Ásia foram incorporadas na lógica européia. Até 1915, cerca de um quarto da superfície do planeta foi distribuído ou redistribuído entre meia dúzia de Estados (HOBSBAWM, 2003, p.89-92)

O conquistador inglês Cecil Rhodes foi um personagem central do projeto britânico de expansão para a África. Dono da maior companhia produtora de diamantes do mundo, era adepto do darwinismo social e acreditava na suposta superioridade dos brancos. É notória uma caricata divagação sua:

O mundo está todo parcelado, e o que resta dele está sendo dividido, conquistado, colonizado. Pense nas estrelas que vemos à noite, esses vastos mundos que jamais poderemos atingir. Eu anexaria os planetas, se pudesse; penso sempre nisso. “Entristece-me vê-los tão claramente, e ao mesmo tempo tão distantes.” (*apud* HUBERMAN, 1986).

Em um período de menos de dez anos, Rhodes e sua companhia invadiram ou expandiram a autoridade britânica sobre uma região correspondente aos atuais Zimbábue, Botswana, Zâmbia e Malawi, uma área correspondente a três vezes o tamanho da França (LITVIN, 2003, p.94).

Sobre o projeto neocolonialista, Lênin, um dos principais expoentes da Revolução Russa e seguramente o melhor intérprete do sistema filosófico de Marx no campo da práxis, assinalou que a expansão imperial ocorrera a partir de uma dinâmica do capitalismo, de tendência monopolista, através da concentração de capital de empresas e bancos. (LÊNIN, 1979, p.88). As pequenas e médias empresas, portanto, cediam espaço aos grandes conglomerados, e o desenvolvimento econômico a exigir a busca de matérias-primas estratégicas, como o petróleo, o cobre, o carvão, o ferro.

A França conquistara a Argélia, Tunísia, costa da Somália, Madagascar, entre outros. Por seu turno, a Inglaterra dominou a Rodésia, União Sul-Africana, Nigéria, Costa do Ouro e Serra Leoa. Pioneiros na corrida colonial do século XVI, Portugal manteve o domínio de Angola, Moçambique e parte da Guiné, e a Espanha o Marrocos e o Rio do Ouro. Retardatários no desenvolvimento industrial, coube à Alemanha o atual Camarões, sudoeste da África e parte da África Ocidental, e à Itália o litoral da Líbia, Somália e Eritreia (HOBSBAWM, 2003).

O sentimento de cruzada religiosa que caracterizou as expansões da passagem da idade média para a moderna, dos séculos XV ao XVI, cedeu lugar às teorias raciais, ao discurso civilizatório, marcas do oitocentismo - idéias que davam conta de que caberia aos europeus levar aos povos nativos da Ásia e África os costumes, o progresso, enfim, a cultura dos presumidos “civilizados”.

A rigor, todas as correntes do pensamento e das atividades culturais do século retrasado, do Liberalismo ao Socialismo, do Romantismo ao Realismo e Naturalismo em suas diversas expressões; da biologia darwinista ao positivismo, foram influenciadas e imbuídas em alguma medida pela ampliação dos horizontes econômicos e geopolíticos no projeto imperialista.

E várias dessas proposições contribuíram para o arcabouço teórico do aparato de dominação colonial européia, como o evolucionismo e o darwinismo social. Francisco Iglésias (1923/1999), intelectual brasileiro, teceu reflexões sobre as questões ideológicas presentes no colonialismo ao relacionar o pensamento liberal ao evolucionismo:

O evolucionismo concretiza mais ainda o lado brutal do liberalismo, de seu desinteresse pelo proletariado ou pelos povos que vivem em condição de dominados. O uso dos conceitos de luta, seleção natural, sobrevivência dos mais aptos – aplicação dos princípios da Biologia à ciência social – vai criar uma ideologia de dominação, de imperialismo. De fato, se há povos mais evoluídos que outros, é decorrência da seleção natural, que sanciona o direito dos mais evoluídos sobre os menos evoluídos. Os princípios de certa ciência social vão ser aproveitados principalmente por políticos, comerciantes ou aventureiros, que têm justificação para seu comportamento, racionalização para a atitude que adotam. (1981, p.100)

Paradoxalmente, foi no ápice da expansão neocolonial que os movimentos de massa organizados pelos trabalhadores assalariados mais emergiram, exigindo a derrubada do capitalismo. As instituições políticas e culturais do liberalismo burguês foram estendidas à classe trabalhadora, inclusive, e pela primeira vez na história, às mulheres, e nas nascentes democracias os eleitores solaparam o liberalismo burguês na maioria dos países.

Os países da América Latina, nacionalidades plasmadas pela primeira expansão européia, o colonialismo clássico dos séculos XV e XVI, conquistaram as independências por movimentos influenciados tanto pelo apoio dos ingleses, interessados na expansão do mercado, quanto pelo enfraquecimento das potências do velho mundo diante das vicissitudes políticas do século industrial.

Vários autores de uma linha crítica associam a atual globalização com o imperialismo em questão, numa alusão às similaridades no processo de expansão do capitalismo (TOURAINÉ, 2009; CHOMSKI, 2006, entre outros). Consideramos o

debate pertinente, e se entendermos a globalização como um conceito que abarca, além do econômico, aspectos políticos e culturais, no neocolonialismo, tais impactos foram também fundamentais para a construção das identidades dos nascentes Estados.

Além das filiais dos bancos, das firmas de engenharia e dos canhões, idéias, valores, princípios filosóficos, jurídicos, culturais, entre outros, transitaram no continente e em outras partes do mundo, na velocidade das transformações dos transportes e das comunicações.

No Brasil, diante dos desafios de constituição de um Estado dotado de um sentido nacional, a influência européia foi marcante, sobretudo o francesismo. Pontuando três exemplos em questões a partir das temáticas deste trabalho, vale ressaltar que o próprio movimento Republicano foi constituído a partir da filosofia Positivista. O kardecismo aqui penetrou com maior intensidade do que na França, adquirindo contornos mais religiosos do que científicos e as influências de Pestalozzi foram fundamentais para a organização do ensino em várias províncias, inclusive em Minas Gerais (BRETTAS, 2010).

Allan Kardec tinha conhecimento da chegada e da repercussão do Espiritismo no Brasil. Em novembro de 1865, na Revista Espírita (pp.442-4) noticiou e comentou uma querela no “Diário da Bahia” sobre a origem das mesas girantes. O periódico reproduziu o artigo de certo médico francês, Dr.Déchambre, publicado na “Gazette Médicale de Paris”, sobre as origens na antiguidade das mesas girantes, discussão que para Kardec era insignificante.

No aspecto da cultura, vale frisar que a disseminação de valores é uma via de mão dupla. Com a intensificação do movimento comercial, o aumento do trânsito de pessoas efervescia os portos e as estações ferroviárias do mundo e, obviamente, acentuava o fluxo de idéias, inclusive para a Europa.

A corrente da antropologia estadunidense que se contrapôs ao evolucionismo e difundiu o conceito do relativismo cultural, o culturalismo, tendo Franz Boas (1858/1942) como um dos expoentes, sustentou a tese de que cada cultura tem sua particularidade histórica, e o processo de difusão da cultura é processado em direções variadas (BOAS, 2008).

No bojo dessas relações influenciadoras e multifacetadas, diversas noções orientais pululavam na Europa. Embora em momento algum Allan Kardec tenha utilizado a palavra ou o conceito de karma, essa noção foi absorvida pelo espiritismo em seu desenvolvimento, a partir das influências do hinduísmo, ilustrando as presenças na cultura europeia de elementos de outras partes do mundo, no caso as asiáticas.

No contexto das inúmeras transformações ocorridas ao longo da Ilustração e do desenrolar do oitocentismo, as formulações científicas, as concepções estéticas e os movimentos culturais foram influenciados sobremaneira pelas transformações econômicas e políticas, na busca pelo moderno e no fascínio das novidades. Esses são os pontos discutidos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

IDÉIAS, CONCEPÇÕES CIENTÍFICAS E MOVIMENTOS CULTURAIS NA SOCIEDADE INDUSTRIAL

*Nunca Madame Bovary estuvo tan bella como en esta época:
tenía esa indefinible belleza que resulta de la alegría, del
entusiasmo, del éxito, y que no es más que la armonía del
temperamento con las circunstancias.*

Gustave Flaubert
Autor francês, precursor do realismo

2.1 - Ilustração e a difusão das idéias liberais

Em 1770, na esteira das transformações de seu tempo, um advogado chamado Séguier analisava:

Os filósofos se erigiram como preceptores do gênero humano. Liberdade de pensar, eis seu brado, e esse brado se propagou de uma extremidade à outra do mundo. Com uma das mãos tentaram abalar o trono; com a outra, quiseram derrubar os altares. Sua finalidade era modificar nas consciências as instituições civis e religiosas e, por assim dizer, a revolução se processou (DUPÂQUIER& LACHIVER, 1970, p.221).

Seis anos depois, a partir de descontentamentos oriundos da forte tributação imposta pelos ingleses, o primeiro Estado autônomo do continente americano, os Estados Unidos expressavam na Declaração de Independência, a 4 de julho de 1776:

"Cremos como verdades evidentes, por si próprias, que todos os homens nasceram iguais, que receberam do seu Criador alguns direitos inalienáveis; que entre esses direitos estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade; que é para assegurar esses direitos que os Governos foram instituídos (...)" (DRIVER, 2006, p.12).

O percurso do movimento revolucionário burguês, iniciado na Independência dos Estados Unidos – também denominado como Revolução Americana (1775/1783) - foi o sinal de alerta para a burguesia européia. Para Hobsbawm, a Declaração da Independência foi o prelúdio de um ciclo revolucionário que somente se estancaria com as repressões de 1848: “Este documento é um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária.” (2012, p.84).

A Constituição estadunidense foi promulgada em 1787, com forte conotação Iluminista, garantindo os direitos individuais do cidadão e a propriedade privada, optando pela República Federativa. Por outro lado, manteve a escravidão.

O movimento intelectual do Iluminismo, ou Ilustração, surgiu em fins do século XVII, na Inglaterra. Contudo, a maior expressão foi alcançada na França, no século XVIII, representando a grande revolução cultural da contemporaneidade. Com a consagração da liberdade de pensamento e expressão como condição para a liberdade humana, muitas das proposições apresentadas pelos filósofos Iluministas constituem elementos essenciais da sociedade ocidental.

Como destacou o ativista francês Sèguier, no início deste capítulo, o ideário Iluminista refletia as transformações de todas as ordens da sociedade europeia moderna – a crítica ao Antigo Regime, ao absolutismo monárquico fundamentado no direito divino dos reis, à sociedade estamental com a divisão em três Estados, à ingerência da Igreja nos negócios estatais.

Na perspectiva filosófica, as origens do movimento podem ser situadas na “Revolução Científica” do século XVII, tempo próspero na ciência, com o interesse crescente pelo método experimental. René Descartes (1596/1650), autor entre outros, do “Discurso sobre o Método” e das “Meditações Metafísicas” (2004), é considerado o fundador do Racionalismo moderno, bem como do método racional, autor que buscou a superação da tradição escolástica e a reconstrução das ciências a partir da rigorosa investigação da razão.

Da política à Religião, diversos pensadores a partir de Descartes aplicaram o racionalismo com foco na razão e no progresso. E essa ênfase conferida à razão, entendida como inerente à condição humana, foi uma das principais características do pensamento Iluminista.

O filósofo, político e ensaísta inglês Francis Bacon (1561/1626), também considerado um dos fundadores da ciência moderna, entendia que a verdadeira finalidade científica era a contribuição para o desenvolvimento e a melhoria das condições de vida do ser humano. O conhecimento é apenas um meio vigoroso e seguro de conquistar poder sobre a natureza. Em linhas gerais, o método baconiano partia de inúmeras observações (as particularidades), objetivando uma lei ou verdade (generalizações). O conhecimento verdadeiro é o produto da concordância e da variação dos fenômenos que, devidamente observados, apresentam a causa real dos fenômenos (BACON, 2005).

No nível político-ideológico, os pensadores Iluministas opunham ao Absolutismo, rejeitando o direito divino dos reis e a religião do Estado, pregando a soberania do povo e a separação dos poderes

O Iluminismo atribuiu à liberdade o direito incontestável de todo ser humano. Denis Diderot (1713/1784), diretor juntamente com D’Alembert (1717/1783) da

publicação da Enciclopédia, cujo prospecto foi apresentado em 1750, no verbete “Autoridade Política”, em refutação ao direito divino, estabeleceu a legitimidade do poder a partir do consentimento dos homens: “Nenhum homem recebeu da natureza o direito de comandar os outros. A liberdade é um presente do céu, e cada indivíduo da mesma espécie tem o direito de usufruir dela tão logo tiver o uso da razão”.

A Enciclopédia foi audaciosa e paradigmática, como sintetizou Robert Darnton acerca de suas pretensões:

Classificar, delinear, dividir, sistematizar, criar um mapa mundi do saber. Esta era a ideia dos Iluministas Diderot e D’Alambert: ordenar o mundo em categorias em uma enciclopédia com 17 volumes de texto. O projeto enciclopedista talvez seja a influência mais visível do iluminismo em nosso cotidiano. A escola, a divisão do conhecimento em disciplinas específicas, os livros didáticos, os telejornais revelam claramente essa busca classificatória. A Enciclopédia iniciava com um quadro esquemático do conhecimento humano, uma permanência que perpassa desde organogramas de empresas até as classificações da biologia (1986, pp.272-3).

Dos principais intelectuais do Iluminismo, o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712/1778), principal influência de Pestalozzi e, conseqüentemente, do professor Denizard Rivail, foi o único pensador que não focalizou a questão da propriedade privada em suas análises; pelo contrário, entendia que na posse particular da terra residiriam os males da humanidade:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupariam ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: ‘Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!’ (ROUSSEAU, 1997, p.87).

Rousseau teve uma influência considerável nos pensadores sociais do século XIX, sobretudo os formuladores das teorias socialistas. Remeteu a fonte do poder na

vontade da maioria, principal fundamento da moderna democracia, ao deslocar a soberania do Estado para a sociedade civil.

O Iluminismo não ficou restrito à França. Foi um movimento universalista, difundido por quase toda a Europa e pelas colônias americanas. Jean-Michel Besnier, historiador francês, caracterizou o espírito Iluminista como a unanimidade em considerar a razão como boa fortuna da humanidade, e o culto do saber – saber do mundo e saber de si mesmo – como o seu dever incondicional, princípios corroborados e difundidos pela Revolução Francesa:

A Revolução, tendo como testemunha toda a Europa, consagrou o apogeu do interesse pela razão que define exatamente o espírito das Luzes. Sem ela, a razão teria revelado tão vividamente o universal por ela fundado e perseguido incansavelmente? Neste sentido, a Europa dos filósofos efetivamente encontrou sua verdade na Revolução (1989, p. 43).

No Século XVIII, a Europa dos filósofos se uniu ao newtonianismo como causa comum: dele retira a idéia de uma razão imutável, bem como a idéia de um mundo homogêneo, acessível pela via da observação e da experiência.

A rigor, os temas debatidos pela intelectualidade das luzes orbitavam em torno da liberdade, do progresso e do homem. A partir da noção racionalista do século anterior, acerca do universo em movimento, tudo seria compreendido pelo mutável.

Na perspectiva da valorização da liberdade e no progresso contínuo da humanidade, todos os pensadores iluministas conferiram papel relevante à educação e apresentaram propostas para o avanço do ensino. Os princípios da ciência e da razão deveriam nortear a educação das pessoas. Dentre esses teóricos, o Marquês de Condorcet (1743/1794), salientou:

Os cidadãos saberão escapar das astúcias dos ambiciosos e, ao mesmo tempo, sentir a necessidade de confiar seus interesses a homens esclarecidos. Uma falsa instrução produz a presunção; uma instrução racional ensina a desconfiar de seus próprios conhecimentos. O homem pouco instruído, mas bem instruído, sabe reconhecer a superioridade de outrem sobre ele e concordar com isso sem dificuldade (2008, p.212).

A primeira vez que o voto censitário, pela renda, foi superado, ocorreu na França revolucionária. Porém, o sistema instituído foi o voto universal masculino, e mesmo posteriormente, ao longo do século XIX, as mulheres eram excluídas da cidadania e a equiparação dos direitos nas democracias ocidentais viria no século XX. Condorcet, em sua visão educacional, já entendia e advogava que o direito à educação deveria ser estendido às mulheres:

Com efeito, como toda a instrução se limita a expor as verdades, a desenvolver suas provas, não se vê como a diferença dos sexos exigiria uma diferença na escolha das verdades ou na maneira de prová-las. Se o sistema completo da instrução comum – que tem como finalidade ensinar aos indivíduos da espécie humana o que lhes é necessário saber para cumprir seus deveres – parecer por demais amplo para as mulheres, que não são chamadas a nenhuma função política, pode-se limitar seu acesso aos primeiros graus, mas sem proibir que as que tiverem disposições mais felizes e cujas famílias as quiserem tornar cultas possam ter acesso aos outros graus (2008, p.57).

Para os Iluministas, a escola deveria ser leiga e livre, superando os privilégios classistas, e o ensino encargo do Estado, com a obrigatoriedade do ensino básico e ênfase no ensino das línguas nacionais.

O Século XVIII foi o momento de transição entre o sistema do Antigo Regime e a afirmação dos ideais liberais da moderna sociedade capitalista. Como em todas as transições, coexistem o velho e o novo, as forças da tradição e as da transformação. A influência dos jesuítas na organização do ensino continuava ativa, contudo, as pressões para a laicização do ensino eram intensas. Mesmo em algumas monarquias nacionais, ocorreu o rompimento entre o Estado e a ordem jesuítica.

Na esteira do projeto Iluminista, diversos soberanos europeus associaram alguns princípios das luzes com o Antigo Regime, garantindo avanços pontuais, estratégia em alguns, talvez, para uma sobrevivência do sistema. Era o chamado “despotismo esclarecido”. Citando alguns exemplos, com ênfase nos projetos educacionais, Frederico II (1740/1786), imperador prussiano, amigo de Voltaire, que, entre outras medidas, tornou a instrução primária obrigatória para todos; José II (1780/1790), na Áustria, que expulsou os jesuítas; também na Espanha de Carlos III (1759/1788) a Companhia de Jesus foi extinta em 1772; o mesmo que em Portugal de Marquês de Pombal (1750/1777), ministro de Dom José I.

Decerto, as pressões e os impulsos políticos não foram acompanhados de um planejamento pedagógico adequado. O rompimento com os jesuítas criou uma lacuna no processo de educação que demorou a ser superado.

Em relação à cultura popular do tempo das luzes, uma ampla camada da população, por outro lado, não tinha acesso à literatura Iluminista, seja pelo custo dos livros, seja pela dificuldade do entendimento do conteúdo filosófico. Nem por isso essas pessoas ficavam sem acesso a um tipo de literatura clandestina e dos panfletos. Robert Darnton, em “Boêmia Literária e Revolução”, analisou o “submundo” das letras no Antigo Regime:

Os clientes de Mauvelain (editor em Troyes, França) não queriam obras abstratas nem teóricas. Não encomendavam uma única obra dos quatro grandes philosophes: Montesquieu, Voltaire, Diderot e Rousseau. Ao contrário, deram preferência a popularizadores e vulgarizadores do Iluminismo: Raynal, Mercier, Mirabeau (1987, p.141).

Essa chamada “subliteratura” tinha como alvo de crítica a Igreja, a Corte e a aristocracia, e através do sensacionalismo sexual (em temas como o adultério), buscavam desmistificar o sistema em decadência.

No plano político e ideológico, o Liberalismo foi, certamente, a expressão mais acentuada dos movimentos revolucionários do final do século XVIII, como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. No terreno da economia, nas transformações aprofundadas pela derrocada das realidades absolutas, a afirmação do capitalismo com a Revolução Industrial e a hegemonia política conquistada com as Revoluções Burguesas, vários teóricos buscaram fundamentar uma nova ordem que garantisse a manutenção do próprio sistema capitalista.

O Liberalismo, em sua expressão econômica, representou o abandono das intervenções mercantilistas em favor do livre mercado.

Por outro lado, o mercantilismo não se configurou como escola de pensamento econômico, nem tampouco apresentou um corpo sistematizado de teorias. Pode ser considerado como um conjunto de ações e estratégias a partir das expansões ultramarinas que visavam a manutenção do sistema capitalista, com a ação estatal na regulação e no desenvolvimento das atividades produtivas.

No processo de unificação das monarquias nacionais, a classe burguesa esteve comprometida com os reis e com a política mercantilista, que lhe rendia o monopólio do comércio. Porém, com a expansão dos negócios e, sobretudo, com a diversificação no seio desta camada, os empresários passaram a ansiar pela liberdade de comércio e dos empreendimentos.

Os precursores do pensamento Liberal na economia foram os franceses. Ainda no século XVIII, os economistas François Quesnay e Vincent de Gournay lançaram a escola fisiocrata (ou agrarianista), tendência que defendia o individualismo econômico baseado no “governo da natureza” (daí o termo *fisiocracia*). Para eles, a necessidade do governo, legitimado pelo consentimento dos cidadãos, decorria da necessidade da

proteção aos bens e às pessoas. Pregavam o fim dos monopólios, das corporações e das taxas aduaneiras.

“Laissez-faire, laissez-passer, le monde va de lui-même...” (“deixe fazer, deixe passar, o mundo caminha por si mesmo”), frase atribuída a Gournay sintetizou os princípios fundados pelos fisiocratas, a liberdade de mercado, a livre concorrência (MERQUIOR, 1991).

Todavia, as bases do liberalismo econômico, em sua melhor expressão contemporânea, vieram com os britânicos. A Escola Clássica inglesa contou com a contribuição conceitual de importantes autores, como Stuart Mill (1806/1873), Malthus (1766/1843), David Ricardo (1772/1823).

Mas foi o escocês Adam Smith (1723/1790) o principal teórico das idéias que fundamentaram o liberalismo econômico. Em seu livro paradigmático, “Riqueza das Nações”, sustentou que não é nem a agricultura, como preconizavam os fisiocratas, nem o comércio, princípio mercantilista, que geraria a riqueza, mas o trabalho, livre do intervencionismo estatal (2010).

A produção enfatizada em seu aspecto social é o elemento central da abordagem smithiana, entendimento que superou os seus antecessores e influenciou, entre outros, Karl Marx. A explicação da riqueza das diferentes nações residiria na eficácia do trabalho através de sua divisão social.

O oitocentismo foi o período das liberdades econômicas, da não ingerência estatal nos negócios privados. Karl Polanyi, na reconhecida obra “A Grande Transformação: as origens de nossa época” (1980), definiu a ideia hegemônica à época, de um presumido mercado auto-regulável, como uma grande utopia, cujos desdobramentos desencadeariam na Primeira Grande Guerra e na crise da bolsa de 1929.

A filosofia liberal jamais falhou tão redondamente como na compreensão do problema da mudança. Animada por uma fé emocional na espontaneidade, a atitude de senso comum em relação à mudança foi substituída por uma pronta aceitação mística das consequências sociais do progresso econômico, quaisquer que eles fossem. As verdades elementares da ciência política e da arte foram primeiro desacreditadas, e depois esquecidas (1980, p.51).

Finalmente, é importante ressaltar que, embora associados, Iluminismo e Liberalismo são movimentos distintos. O movimento difundido por importantes filósofos – Rousseau, Diderot, D’Alembert, Voltaire, Montesquieu – foi anterior à Revolução Francesa, e o Liberalismo, posterior.

Gestada nas lutas contra a opressão nobiliárquica, a bandeira da liberdade foi o instrumento revolucionário, um Iluminismo vivenciado na prática, a partir de formulações teóricas Iluministas, tendo como referência o individualismo e a defesa da propriedade privada. Mas o Liberalismo enquanto instrumento partidário foi o arcabouço da burguesia ascendente, assumindo caracteres conservadores nas lutas revolucionárias contra a classe trabalhadora, como em 1848.

Portanto, a confusão conceitual reside na oscilação que o termo assume a partir dos embates políticos em cada momento, ora tendendo pela defesa efetiva da liberdade, ora pelo cerceamento das mesmas liberdades em nome da ordem institucional.

2.2 – Progresso, Cientificismo e Evolucionismo

A oposição entre o novo e o velho, o atual e o passado, é uma dialética na leitura da história. No Renascimento, de forma até injustificada como mostram as pesquisas recentes, foi alardeada a noção de que a Idade Média europeia teria sido a pretensa “noite das trevas dos mil anos”, em alusão à religiosidade que permeava as relações sociais na época do feudalismo. Sem dúvidas, as contribuições da filosofia, da ciência,

da arquitetura e das artes em geral dos tempos medievos foram consideravelmente relevantes.

Os pensadores da Ilustração trouxeram no cerne de suas reflexões uma visão otimista da história, patenteada pela noção de progresso, crença disseminada sobremaneira pelos intelectuais do século XIX. A premissa fundamental dessa ideia, aplicada no sentido histórico, é o suposto de que os acontecimentos avançam num aperfeiçoamento constante, no sentido mais desejável. Todas as manifestações científicas ou artísticas da cultura ocidental do século XIX foram imbuídas em alguma medida por essa perspectiva.

Na Ilustração, autores como Condorcet, Voltaire e Turgot foram os precursores dessa concepção, e no oitocentismo, com o impulso dos Românticos, sobretudo Johann Gottlieb Fichte (1762/1814), filósofo precursor de Hegel e Marx no idealismo, com influência na pedagogia de Pestalozzi. Nele, o progresso passa a ser ressaltado como inerente e uma necessidade, com seus vieses políticos:

[...] a vida intelectual da espécie humana avança por si mesma, como se por uma lei não-consciente da natureza. A língua se concentra, a imaginação se eleva, a rapidez de apreensão aumenta, o gosto se torna mais delicado e assim *morrem* formas numa época posterior que eram a expressão verdadeira de uma época anterior; assim, muitas vezes o que de modo algum ganha perfeição interna maior deve ser extraído da forma externa morta e introduzido na forma da espécie humana presente (1999, p.160).

A defesa do progresso pelo positivismo também seria enfática, com grande repercussão, em postulação dessa noção como o sentido e a direção da ciência, com ênfase no “desenvolvimento da ordem”, estendido à vida inorgânica e animal (COMTE, 1996). Como assinalou Jacques Le Goff, em “História e Memória” (1990, p.10), depois da Revolução Francesa, a noção de progresso se baseou numa leitura reacionária da história, como esforço de contraposição política.

Concomitante com o desenvolvimento da segunda Revolução Industrial, houve uma expansão e popularização notável da ciência. Em 1831 foi fundada na Inglaterra a “Associação Britânica para o Progresso da Ciência” - modelo que seria repetido nos Estados Unidos em 1848.

Conceitualmente, cientificismo é a designação da atitude de quem parte do pressuposto acerca da preponderância da ciência em comparação com outras atividades humanas, considerando que não há limites para a validade do conhecimento da ciência (ABBAGNANO, 2007, p.165). Com o avanço, sobretudo das ciências naturais, foi moldada a suposição da primazia das ciências naturais sobre as demais, com o domínio dos métodos estatísticos e dos elementos empiricamente verificáveis.

O Positivismo, cujo principal nome foi Augusto Comte (1798/1857), foi desenvolvido a partir das questões suscitadas pelo Iluminismo, das crises sociais e morais advindas com os desfechos da Revolução Francesa, da consolidação da sociedade industrial.

Pensador Republicano com idéias liberais, engajado em atividades literárias e políticas, Comte é o fundador da moderna sociologia que, para ele, representou o coroamento da evolução do conhecimento, com a aplicação dos métodos das ciências naturais à compreensão dos fenômenos sociais. A questão da ordem era cara aos pensadores sociais, na França avassalada pelas sucessivas revoluções e mudanças na condução política.

A proposta filosófica positivista reside no radical afastamento dos postulados teológicos e metafísicos, fases superadas da história, com a existência humana sendo permeada por valores considerados completamente humanos.

O termo positivismo apareceu pela primeira vez com Saint-Simon (1760/1830), ao procurar estabelecer o método mais eficaz da ciência e sua extensão para a filosofia.

Considerado um socialista utópico, esboçou a criação de uma nova ordem política e econômica, delineada no progresso científico e industrial, onde todos os homens nessa sociedade compartilhariam dos mesmos interesses e receberiam o justo salário pelo trabalho efetuado.

Na bandeira do Brasil, a inscrição “Ordem e Progresso” traduziu o projeto político republicano, ao mesmo tempo em que escancarou a afinidade entre os militares brasileiros e a escola positivista francesa. Todavia, como apresentado, a ideia de progresso antecedeu a filosofia de Comte.

As teorias do naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809/1882) extrapolaram o terreno da biologia e também influenciaram diversas vertentes científicas, filosóficas e culturais do oitocentismo.

Em linhas gerais, Darwin defendeu a teoria da transformação das espécies vivas umas nas outras, a partir da seleção natural e sexual das espécies. A evolução é entendida como a transformação da população, não do indivíduo. O darwinismo passou a incorporar outros pensamentos, alguns sem conexão com a obra paradigmática de Darwin “A Origem das Espécies” (2010), combinando o horizonte evolucionista com o conceito de progresso.

Evolucionismo é o conjunto de linhas e doutrinas filosóficas que pressupõem a evolução, em todos os tipos e formas de realidade, sendo um mecanismo para a explicação do real em seu conjunto. É uma perspectiva metafísica que influenciou várias doutrinas, desde as materialistas até as espiritualistas. O termo foi cunhado, provavelmente, por Hebert Spencer (1820/1903), no ensaio sobre o “Progresso” de 1857. Mas, certamente, foi a partir da obra de Darwin que o conceito alcançou notoriedade.

Na Antropologia, ciência que em sua gênese foi imbuída da perspectiva da evolução, teve como autor relevante nessa primeira fase o estadunidense Lewin Henry Morgan (1818/1881), considerado o precursor da etnologia. Ele efetuou pesquisas de campo entre os iroqueses, onde articulou as noções entre cultura e sociedade, distinguindo três estados de evolução da humanidade: a selvageria, a barbárie e a civilização.

Os constructos de Morgan influenciaram autores de diferentes matizes, desde o Positivismo de Augusto Comte, que exaltou a sociedade industrial européia, até o marxismo. O texto de Engels, “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado” foi balizado nessa orientação.

O século XIX foi o tempo em que as questões da ciência passaram para o domínio público. Analisaremos no quinto capítulo deste trabalho como Denizard Rivail, um intelectual sintonizado com as transformações, absorveu, ainda que em relativa medida, o conjunto de proposições colocado no debate da sociedade industrial européia.

2.3 – A cultura da era industrial entre o Romantismo e o Realismo

As transformações políticas, econômicas e sociais do Século XIX não ficaram restritas à produção de massas. A ampliação das cidades e do espaço urbano, a melhora gradativa dos serviços públicos, o desenvolvimento dos transportes, influenciaram, além das pesquisas científicas embasadas no desenvolvimento tecnológico, novas manifestações artísticas e intelectuais.

Na primeira metade do século XIX, com o crescimento das cidades, o contraste entre a riqueza e a pobreza era acentuado. Em Paris, a população saltou de 600 mil

habitantes - em 1789, para um milhão e duzentos - em 1851, e, a rigor, seu traçado urbano permaneceu inalterado até então (COLLIN, 1994; GALBRAITH, 1979).

A rigor, ao longo do século XIX, pessoas ligadas às letras tiveram participação efetiva em todas as lutas políticas. Independente do regime em voga ou suas correntes em disputa, os intelectuais assumiram suas posições, fundaram jornais e revistas, comprometeram-se em artigos e livros e muitas vezes experimentaram prisão ou exílio (WINOCK, 2006).

Os exemplos são variados. Honoré de Balzac (1799/1850), autor de uma extensa obra sistematizada na “Comédia Humana” - um impressionante conjunto de noventa e cinco romances, novelas e contos. Buscou retratar os aspectos da sociedade francesa da época, compreendida a partir da queda de Napoleão Bonaparte em 1815. Era um conservador partidário da monarquia e criticava em seus temas aspectos relativos ao dinheiro, às ambições desmedidas, a hipocrisia familiar, com ataques aos valores e ao imaginário burguês (BALZAC, 2010).

Sthendal, pseudônimo de Henri-Marie Beyle (1783/1842), escreveu “O Vermelho e o Negro”, crônica que analisou a França da época da Restauração, enfocada na monarquia de Carlos X. Admirador confesso de Napoleão Bonaparte, ocupou diversos cargos imperiais e participou de campanhas militares na Itália.

Uma das vozes mais ruidosas do oitocentismo francês foi Victor Hugo (1802/1855), que se envolveu em política por toda a vida. Foi um autor de livros e discursos com forte conteúdo político e social. No clássico “Os Miseráveis”, opositor ferrenho de Luís Napoleão, descreveu uma das tantas barricadas erguidas pela população nas agitações de 1848:

A barricada de Santo Antônio era monstruosa, tinha altura de três andares de casas e setecentos pés de largura. Fechava, de um a outro ângulo, a vasta emboscadura do arrabalde, isto é, três ruas; cheia de barrancos, de lixos, com uma abertura longa e estreita como um grande rasgão, sustentada e resguardada por grandes amontoações que eram por si mesmas outros grandes bastiões, formando cabos num e noutro ponto, fortemente apoiada aos dois grandes promontórios de casas de arrabalde, surgia como um dique extraordinário no fundo do temível local que se presenciou o 14 de junho (...). Se o oceano fizesse diques devia construí-los assim. Naquele disforme estava impressa a fúria da onda. Qual onda? A multidão (2012).

Outros nomes clássicos da intelectualidade francesa vivenciaram também intensa atividade política. Alexis de Tocqueville (1805/1859) pertencia a uma importante família aristocrática da Normandia e foi deputado em sucessivas legislaturas entre 1839 e o golpe de 1851 (JASMIN, 2005).

Balzac, Stendhal e Victor Hugo, em que pesem as diferenças no posicionamento político e na origem de classe, foram autores Românticos em uma fase da vida em o movimento esteve em evidência, na primeira metade do século XIX.

O Romantismo surgiu em oposição aos valores sociais da burguesia em evidência. Ocorreu na Alemanha, na Espanha, na França e em boa parte da Europa, e seus autores criticavam as mudanças da sociedade industrial, a racionalidade sistematizada, a Ilustração, e exaltavam os sentimentos amorosos (MAYOS, p. 363-408). Alguns membros do Romantismo também criticavam as condições de vida e trabalho da classe operária e os dramas das camadas populares eram representados.

Na Alemanha foram expoentes do Romantismo, Johann Wolfgang Goethe (1749/1832), autor de “Fausto” e “Os Sofrimentos do Jovem Werther”; Friedrich von Schiller (1759/1805), filósofo, teatrólogo e romancista; o filósofo Johann Gottlieb Fichte (1762/1814), precursor do idealismo. Friedrich Hegel (1770/1831) e Karl Marx (1818/1883) na juventude nutriram inspirações nessa fonte.

O Romantismo, constituído historicamente a partir da revolução cultural do “Sturm und Drang” (“tempestade e ímpeto”), amplo movimento que a partir da Alemanha influenciou toda a Europa, produzindo nas diversas áreas nacionais uma retomada de temas vinculados a uma cultura fortemente espiritualista, tradicionalista e liberal ao mesmo tempo, atentou aos temas do conflito, do trágico, do heróico, assim como os da nação, povo, história, influenciando vários âmbitos da cultura, inclusive a Pedagogia (BRETTAS, 2010).

No campo educacional, o período Romântico produziu uma renovação teórica que ativou, por um lado, uma nova idéia de formação (o desenvolvimento espiritual através da cultura) vinculada a uma nova concepção de espírito humano (posto como centro do mundo, como presença ativa) e uma reafirmação da educação, da relação educativa, da escola e da família como momentos centrais da formação humana (CAMBI, 1999, p.415).

Um dos grandes nomes do Romantismo pedagógico foi Johann Henrich Pestalozzi, inspirador intelectual do professor Hippolyte Leon Denizard Rivail. Em suas proposições educacionais enfatizava as conexões entre a pedagogia e a sociedade pela disciplina e pelo trabalho, bem como a formação do homem, vista como exercício de liberdade, e da participação na vida coletiva, econômica e social.

Esse enfoque na liberdade, verificado posteriormente no filósofo Fichte e em Friedrich Fröebel (1782/1852), buscou caracterizar a função sociopolítica e ideológica

da educação, cujas ações devem emancipar e integrar o sujeito, responsável na sociedade industrial e liberal a caminho. Na Alemanha, a reformulação da escola elementar (cujas tradições remontavam a Lutero) foi efetuada por influências de Pestalozzi.

Na literatura, a temática social foi exaltada na obra de alguns Românticos que criticavam a deterioração das condições de trabalho dos operários. Pela pena de Victor Hugo, “Os Miseráveis” (2012) é uma das melhores descrições da conjuntura política e social da França do governo de Luís Filipe, na denominada Insurreição Democrática (1830/1848).

O personagem Jean Valjean cumpriu dezenove anos de prisão e trabalhos forçados, condenado por roubo de comida. Solto, foi acolhido por um gentil bispo que lhe ofereceu alimento e acomodação. Contudo, imbuído de rancores pela dureza do destino, roubou durante a madrugada a prataria do sacerdote, e na fuga é preso. Levado pela polícia, o bispo o defende, dizendo que lhe deu aquela prataria, e ainda pergunta-lhe porque esquecera os castiçais que valeriam pelo menos dois mil Francos. Esse gesto extremamente nobre do religioso devolve a fé àquele homem amargurado que a tinha perdido.

Numa perspectiva antropológica rousseuniana – mesmo sendo o Iluminismo criticado, Rousseau é considerado um dos primeiro Românticos, pela sua visão social e a exaltação à natureza - o personagem não era necessariamente mal, apenas um miserável que fora impelido ao crime pelas circunstâncias sociais impostas - “Num inverno rigoroso, perdeu o emprego e a fome bateu à sua porta. Desesperado recorreu ao crime: quebrou a vitrine de uma padaria para roubar um pão...” (HUGO: 2012, p.28).

Antes da prisão, Valjean possuía seus valores, humanidade essa restituída pelo gesto do religioso que o acolhera, num momento que nem ele acreditava em si mesmo.

“Os Miseráveis”, de Victor Hugo, é uma crítica ao enfraquecimento das noções de liberdade, igualdade e fraternidade, e um libelo que procura disseminar a ideia que o progresso material não pode ser dissociado da inclusão social.

Na segunda metade do século XIX, a partir de 1850, com o processo de ascensão de Luís Bonaparte no cenário político francês e a aliança entre a burguesia e os setores da aristocracia rural, que redundou na formação do Segundo Império, as utopias políticas e sociais foram frustradas e o Realismo superou o Romantismo.

Na literatura e nas artes em geral, os representantes deste movimento estavam inclinados a retratar a realidade de um modo direto e impessoal, sem o uso do sentimentalismo e o apelo à imaginação.

Influenciados pela filosofia positivista e pelas ideias do determinismo e do evolucionismo, tinham preocupação com o enredo, cujos personagens eram submetidos às leis naturais e procuravam descrever a realidade de maneira direta, objetiva e impessoal, sem o envolvimento emocional no objeto de estudo. O escritor é um cientista: observa, cataloga, analisa impessoalmente os personagens, procurando descrever seus hábitos e costumes (BOSI, 2006, p.164).

A inflexão na trajetória dos intelectuais a partir dos rumos de 1848 e as decepções com a política de Luís Napoleão, coroado depois como Napoleão III buscando revivificar o mito do tio, é semelhante, em nosso entendimento, com o destino de Hippolyte Léon Denizard Rivail, que após 1851 encerra suas atividades no magistério e mais tarde se dedicaria às pesquisas acerca das mesas girantes (assuntos desenvolvidos no quarto e quinto capítulos deste trabalho).

Numa perspectiva cultural, seu ativismo na educação corresponderia aos pressupostos de uma pedagogia Romântica, embasada em Rousseau e Pestalozzi e,

posteriormente, com a suposta descoberta de uma lógica sobre o mundo natural, parte para as investigações num enfoque Realista, pelo menos no que ele supunha ser o real.

Gustave Flaubert (1821/1880) é considerado o autor pioneiro do Realismo, e o marco dessa literatura foi a publicação de *Madame Bovary* (2010), romance considerado imoral na época, permeado por contundentes críticas aos valores burgueses.

O livro descreve a história de Emma, uma provinciana pequeno-burguesa, bonita e sonhadora, que aprendeu a ver a vida através da lente da literatura sentimentalista. Emma casou com um médico também do interior, tão apaixonado pela esposa como entediante. Angustiado e frustrado, nem o nascimento da filha alegria o casamento.

Busca nos prazeres do adultério formas de liberdade e felicidade:

O padre ergueu-se para pegar no crucifixo; então ela estendeu o pescoço, como quem tem sede, e, colando os lábios ao corpo do Homem-Deus, depôs nele, com toda a sua força expirante, o maior beijo de amor que jamais dera. Depois o padre recitou o *Miseratur* e o *Indulgentiam*, molhou o polegar direito no óleo e começou a unção; primeiro sobre os olhos, que tanto tinham cobijado todas as suntuosidades mundanas; depois sobre as narinas, gulosas de brisas tépidas e de perfumes amorosos; depois sobre a boca, que tanto se abrira para a mentira, que tanto gemera de orgulho e gritara de luxúria; depois sobre as mãos, que se deleitavam com os contatos suaves, e, finalmente, na planta dos pés, outrora tão velozes quando corriam a saciar os desejos e que agora nunca mais tornariam a caminhar. (FLAUBERT, 2010)

Madame Bovary, pela ênfase na realidade, é um marco literário na psicologia. Lançado em 1856, após cinco anos de intenso trabalho, o livro foi censurado por suposta imoralidade e Flaubert foi processado num inquérito instaurado no ano seguinte, na Sexta Corte Correccional do Tribunal do Sena, em Paris.⁷ Irônico - sempre quando era indagado sobre quem era *Madame Bovary* - disparava numa referência que se tornou célebre: ‘*Madame Bovary* sou eu’.

⁷ « Procès intenté à M. Gustave Flaubert devant le tribunal correctionnel de Paris (6e Chambre) sous la présidence de M. Dubarle, audiences des 31 janvier et 7 février 1857 : réquisitoire et jugement. ». *Acervo da Bibliothèque Municipale de Lisieux (07.IX.2000)*

Na Inglaterra, Charles Dickens (1812/1870) foi um autor reconhecido pelos romances, um Realismo que denunciava as injustiças sociais, como “Oliver Twist” (DICKENS, 2007). O tema social foi recorrente também na profícua literatura russa, principalmente com Dostoievski (1821/1881) e Leon Tolstói (1828/1910), cujos romances influenciariam a geração dos socialistas revolucionários de 1917.

Após 1875, um movimento artístico acentuou ainda as preocupações sociais contidas no Realismo e surgiu o Naturalismo, com a observação fiel da realidade, a demonstração dos condicionantes ambientais e hereditários na formação do indivíduo.

Um dos principais expoentes do Naturalismo foi Émile Zolá (1840/1902), uma figura libertária da França da “Belle-époque”. Em “O Germinal” (2011), também adaptado ao cinema na direção de Claude Berri (1993), escrito a partir da experiência de Zolá por quase dois meses no trabalho como mineiro na extração de carvão, descreve o processo de formação do movimento operário e as condições degradantes do trabalho da atividade mineral na França do XIX.

O pensamento de Emile Zolá e dos Naturalistas, de um modo geral, tinha aproximação com o evolucionismo, tal como os Realistas, e em especial com Charles Darwin, com a teoria da evolução das espécies. Coadunavam com os positivistas na crença do progresso e na exaltação das descobertas científicas do século XIX (ZOLA, 1995).

Balzac é um autor situado na transição entre o Romantismo e o Realismo, dotado de agudas observações psicológicas e críticas à sociedade burguesa que emergiu na França a partir da queda de Napoleão, retratando cenas da vida privada parisiense. Mesmo Flaubert sendo considerado o pai do Realismo com *Madame Bovary*, os romances balzaquianos da década de trinta já continham caracteres realistas (e sendo um

conservador em matéria de política e inclinado com a aristocracia, decerto Balzac não nutria utopias com as transformações da sociedade capitalista).

Em “Eugénie Grandet” (1998), retratou a paixão despertada em uma jovem de vinte e três anos que dá nome ao livro, filha única de um rico e avarento vinhateiro, pelo seu primo parisiense e aristocrático que foi ao interior recomendado por seu pai que, em seguida, se suicidou por conta de dívidas.

As famílias da região disputavam a mão de Eugénie, interessados em sua fortuna, mas o amor foi despertado pelo primo de Paris, Charles Grandet:

Na vida pura e monótona das moças chega uma hora deliciosa em que o sol lhes derrama os seus raios na alma, em que a flor lhes exprime os pensamentos, em que as palpitações do coração comunicam ao cérebro seu calor fecundo e dissolvem as idéias num desejo vago; hora de inocente melancolia e suaves alegrias! Quando as crianças começam a ver, elas sorriem; quando uma moça entrevê o sentimento na natureza, sorri como sorria em criança. Se a luz é o primeiro amor da vida, não é o amor a luz do coração? Chegara para Eugénie o momento de ver claro nas coisas deste mundo (1988, p.60).

Em Eugénie Grandet as características do romance balzaquiano e do Realismo literário emergem: as descrições minuciosas e demoradas dos ambientes, a pintura dos personagens em profundidade que passam a integrar o cotidiano como pessoas vivas e a crítica ao dinheiro, à usura, ao ouro - os maiores animadores da dolorosa comédia humana.

Eugénie sofre as maiores provações por conta do amor e termina a vida solitária, vivendo na mesma casa onde cresceu, contando apenas com a solidariedade da empregada dos Grandet, Nanon:

(....) Esse nobre coração que só pulsava pelos sentimentos mais ternos devia, pois, submeter-se aos cálculos do interesse humano. O dinheiro devia comunicar seus matizes frios a essa vida celeste e infundir desconfianças pelos sentimentos a uma mulher que era toda sentimento. – ‘Só tu gostas de mim’ – dizia ela a Nanon, A mão desta mulher trata as feridas secretas de todas as famílias. Eugénie caminha para o céu, acompanhada por um cortejo de benefícios. A grandeza de sua alma atenua as mesquinhezas de sua educação e os costumes de sua vida antiga. Tal é a história dessa mulher, que, vivendo no

mundo, não pertence ao mundo; que, feita para ser magnificamente esposa e mãe, não tem marido, nem filhos, nem família (id., p.196).

Na pintura, se na França napoleônica predominou o Neoclassicismo, pintores românticos franceses como Eugène Delacroix (1798/1863) ressaltavam a cor expressiva ao invés do desenho - o sentimento também superava a razão e o dinamismo eram impressos nos desenhos.

Delacroix foi o autor de “A Liberdade Guiando o Povo” (“La Liberté guidant le peuple”), uma das principais produções do romantismo na pintura. A obra é uma alusão à Revolução Liberal de 1830 que derrubou Carlos X, tendo uma mulher com a bandeira revolucionária tricolor numa mão e uma baioneta em outra, representação da liberdade guiando o povo sobre os corpos dos derrotados.

Ao longo do século XIX, ocorreram na Paris da “Belle Époque” cinco mostras internacionais de arte, com orientações estéticas que influenciariam artistas do mundo todo. Em 1855 aconteceu o embate célebre entre os adeptos do Neoclassicismo, como Dominique Ingres (1780/1867) e os românticos seguidores de Delacroix, que triunfaram, expandindo o movimento cultural que representavam.

Tal como ocorreu com a literatura, na segunda metade do século, ocorreu uma inflexão na pintura em direção à vida cotidiana. O Realismo também era apresentado na mesma exposição de 1855 e suas pinceladas buscavam a verdade, não ignorando os aspectos menos estéticos do que observados. Gustave Coubert (1819/1877), principal nome do Realismo nessa área, teve então suas peças recusadas, sendo consideradas prosaicas.

Mas, por outro lado, Coubert não se abateu e construiu um pavilhão próximo ao salão, com uma exposição de quarenta e quatro telas que denominou como Realista, fundando esse movimento.

Inspirados nos movimentos políticos da época, a marca da pintura Realista era a reprodução das cenas da vida diária e as personagens de seus quadros não denotam emoção, mais parecendo parte integrante da paisagem.

Os Realistas almejavam o equilíbrio entre a cor e o desenho, a emoção e a inteligência - e 1867 assinalou o apogeu da escola realista. Coubert e sua obra foram o centro das atenções da exposição internacional de Paris daquele ano.

Na sequência, são apresentadas reproduções de telas do Romântico Decroix e do Realista Coubert:

GRAVURA 2 – « La Liberté guidant le peuple »



Fonte: Musée National Eugène Delacroix. Disponível em: <http://www.musee-delacroix.fr/fr/>

GRAVURA 3 – « Orphan Girl in a Cemetery »



Fonte: ArtCyclopedia – The ultimate guide to great art online. Disponível em: http://www.artcyclopedia.com/artists/delacroix_eugene.html

As telas de Delacroix são dotadas de um refinamento e ao mesmo tempo expressividade cromática intensa, composições de profundo contraste entre luz e sombra, com o sentimentalismo expresso através da cor.

Característico da escola Romântica, a tela clássica sobre a Revolução de 1830 é um obra engajada politicamente. Os lutadores representam uma mistura entre as classes social, desde a alta burguesia, representada pelo homem com uma cartola, pela classe média com um jovem segurando as pistolas, até os trabalhadores. Em comum, o ardor revolucionário.

Comparativamente, a seguir são apresentadas reproduções do Realismo na pintura:

GRAVURA 3 – «Les cribieuses de blé »
(Mulheres peneirando trigo)



Fonte: Musée des Beaux Arts de Nantes. Disponível em: <<http://www.museedesbeauxarts.nantes.fr/>>

Gravura 4 - «Jo, La belle Irlandaise»
(Jo, a bela irlandesa)



Fonte: The Metropolitan Museum of Art – New York. Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/Collections/search-the-collections/110000434>>

Despidos da exaltação das telas do Romantismo, o pintor Realista procurou reproduzir os objetos com a mesma neutralidade que orientava as ciências do tempo, de forma desapaixonada, tratados de forma simples. A exatidão dos desenhos era captada a

partir de minuciosos esboços que depois eram trabalhados nos ateliers (BELL, 2008, p.328-9).

Colbert foi considerado também como o criador do Realismo social na pintura, pela sua tendência em retratar os temas da vida cotidiana das classes populares, como na obra destacada “Mulheres peneirando trigo”.

* * *

Questões místicas e esotéricas, como a influência dos mortos no cotidiano ou a noção de reencarnação, eram temas com certa recorrência na literatura, principalmente na fase do Realismo. Por suposto, em alguns casos, o romance pode ter sido a maneira de expressar as crenças espiritualistas de seus autores, sem a adesão direta.

Balzac também teve sua fase literária mística. Em “Seráphita” (1835), cujo enredo se desenrola num castelo da Noruega. O personagem, filho de pais adeptos da doutrina do sueco Emanuel Swedenborg, é um andrógino que sonha em transcender a existência humana em busca de um amor perfeito. Dotado de uma capacidade mental além do comum, preferia uma vida solitária e contemplativa. Em outro romance que alcançou popularidade, “Ursule Morouët” (1836), se debruçou sobre temas ligados ao ocultismo, como a faculdade da transmissão do pensamento e as eficácias do mesmerismo

A narrativa é desencadeada pelo bom doutor Minoret, tutor da inocente Ursule, um agnóstico tocado pela graça e pela fé; talvez, era o alterego de Balzac. O bom médico procura convencer o leitor acerca de suas crenças, apoiando suas considerações em diversas referências documentais.

A Senhora George Sand, o pseudônimo masculino de Amandine Aurore Lucile Duplin (1804/1876), foi uma figura emblemática para o entendimento do ecletismo dos intelectuais oitocentistas. Considerada como uma das precursoras do feminismo, foi

uma romancista com uma considerável produção. Socialista, envolvida no processo revolucionário de 1848, transitou entre o Romantismo e o Realismo, tanto na produção literária quanto na pintura. Amante do músico Frédéric Chopin (1810/1849), foi amiga de homens influentes de seu tempo e dialogou com os principais artistas franceses.

Georg Sand se tornou adepta da doutrina de Allan Kardec e os temas espíritas, sobretudo a questão da reencarnação, eram frequentes em sua literatura. Na obra “Mademoiselle de la Quintinie”, por exemplo, a personagem afronta um religioso em relação aos dogmas católicos:

“Senhor abade, quando quiserdes que demos um passo para a vossa igreja, começai por nos fazer ver um concílio reunido e decretando mentira e blasfêmia o inferno das penas eternas, e tereis o direito de nos exclamar: Vinde a nós, vós todos que quereis conhecer a Deus.” (KARDEC, RE, dezembro de 1866, p.514).

O misticismo no Realismo literário russo foi um gênero que despertou o interesse intelectual de Georg Lukács, assunto inclusive discutido no círculo de Max Weber em Heidelberg, cujos estudiosos se opunham ao desencantamento capitalista do mundo. Consta que dessas conversas, Lukács teria influenciado Weber em algumas considerações no ensaio “Rejeições Religiosas de mundo e suas direções” (MÜNSTER, 1997, p.105). Decerto, o cenário social russo, com o atraso na modernidade econômica, corresponderia a etapas tradicionais do desenvolvimento da Europa Ocidental, sendo possível a verificação do “encantamento do mundo”.

Um dos expoentes da literatura moderna da Rússia, O escritor Nikolai Vasilievich Gogol (1809/1852), mesclou duras críticas sociais e políticas, com temas místicos que perpassavam algumas de suas obras.

Em “O Capote e outras histórias”, apresentou narrativas que remetem para o folclore ucraniano. No conto “O Capote”, um burocrata do terceiro escalão de uma repartição pública, sonhava com um capote para protegê-lo do frio. Conseguiu com

muita dificuldade comprar um, mas viveu curto momento de felicidade: foi roubado e morreu, ressurgindo como um fantasma que passou a perseguir os proprietários de luxuosos capotes. Noutro conto, “Viy”, Gogol perpassa pelo imaginário popular do misticismo ucraniano, com a terrível história de um seminarista às voltas numa missão contra o além.

A geração dos literatos Gogol, Fiódor Dostoiévski (1821/1881), Leon Tolstoi (1828/1910), Anton Tchekhov (1860/1904) tiveram, seguramente, grande repercussão na formação do pensamento social russo e na articulação de uma consciência política nacional. Como diria Dostoiévski, “todos nós saímos de *O Capote* de Gogol”.

Outra figura russa que repercutiu nos debates intelectuais da Europa da passagem do século XIX para o XX, inclusive no círculo de Weber e Lukács em Hidelberg, foi o filósofo, poeta e teólogo Wladimir Solovyov Sergeyevich (1853/1900), que construiu uma filosofia que representou o sincretismo entre os elementos do helenismo, em especial o neoplatonismo de Plotino (205/270), o budismo, os estudos hebraicos da Cabala, com o cristianismo ortodoxo.

Solovyov, que chegou a narrar e publicar seus três pretensos encontros com Sophia, uma entidade espiritual à qual jurava amor, era amigo próximo de Dostoiévski, com influências recíprocas (KOSTALEVSKY, 1997).

No clássico “Os Irmãos Karamazov”, um dos personagens, Ivan Karamazov, foi inspirado em Solovyov. Numa passagem, a respeito de um artigo publicado numa revista, o personagem comentou, a partir de reflexões filosóficas: “(...) é nisso que consiste toda a lei natural, de sorte que, destruindo-se nos homens a fé em sua imortalidade, neles se exaure de imediato não só o amor como também toda e qualquer força para que continue a vida no mundo” (2012, p. 109).

* * *

Ao longo do capítulo, foram apresentadas algumas das relevantes questões do debate do século XIX, com importantes conexões em todas as áreas e esferas: na sociedade, na política, na religião, na jurídica.

A rigor, toda a fundação das instituições contemporâneas, bem como a matriz dos principais fundamentos da educação e os postulados pedagógicos, está assentada nos princípios suscitados pelos filósofos da Ilustração.

Na próxima parte do trabalho, passamos a enfocar diretamente os objetos desta tese, a trajetória de Johann Henrich Pestalozzi, caracterizado a partir das categorias do Romantismo; o professor Hippolyte Leon Denizard rivail e sua atuação nas lides educacionais, imbuído dos fundamentos teóricos pestalozzianos; e a configuração do chamado espiritismo francês.

O século XIX foi por excelência, o século das idéias sociais, da preponderância da razão, da mentalidade científicista, do ideal do progresso e a crença nos pressupostos do evolucionismo - debates que influenciaram a cultura de um modo geral, sobretudo os movimentos culturais e artísticos.

Obviamente, os personagens em tela, intelectuais atuantes, não ficariam indiferentes às questões levantadas em seu tempo. Mas em que medida essas construções foram absorvidas, desenvolvidas e interpretadas, é uma importante discussão. Essas são as proposições dos capítulos seguintes.

SEGUNDA PARTE

DE PESTALOZZI A ALLAN KARDEC

CAPÍTULO III

AS IDEIAS DE J.H. PESTALOZZI: PEDAGOGIA NOS TEMPOS DO ROMANTISMO

*Mas onde se deve procurar a liberdade é nos sentimentos.
Esses é que são a essência viva da alma.*
Goethe

3.1 – O homem e a vida

Três anos depois da promulgação pela Assembléia Constituinte francesa da “Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão”, redigida a partir das concepções Iluministas em sua face mais popular, inspirada nas idéias de Jean-Jacques Rousseau, o suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) recebia, a 26 de Agosto de 1792, numa Paris repleta de estampas da nova bandeira tricolor, o título de cidadão francês.

Neste mesmo ano, o deputado filósofo Marquês de Condorcet, apresentava seu “Plano de Instrução Pública” (2008), buscando estender a todos os cidadãos o ensino público e gratuito, assim como um saber técnico necessário à profissionalização. O projeto não foi aprovado, mas, no ano seguinte, num momento da Revolução mais inclinado com os setores populares, Louis Michel Le (1760/1793), presidente do Parlamento, elaborou um “Plano Nacional de Educação”, encomendado por Robespierre, líder dos jacobinos.

Eram tempos de ebulição e transformação; se na época da expansão ultramarítima a modernidade fincava seus alicerces, o mundo de Pestalozzi assistia à consolidação plena desse projeto.

Em que pese a pouca difusão no Brasil, Pestalozzi é o educador e filósofo da educação mais discutido no mundo. Quando da ocasião do primeiro centenário de sua morte, Édouard Claparède contou pacientemente o número de linhas e páginas dedicadas a catorze pedagogistas modernos, em três enciclopédias pedagógicas (Buisson, Rein e Monroe) e de quatro histórias gerais da pedagogia, editadas entre 1910 e 1920. Nesse estudo de Claparède, o nome de Pestalozzi era, de longe, o primeiro em citação, o dobro de Rousseau que o seguia posteriormente (CHÂTEAU, 1978, p.209-10).

Um dos precursores, também da psicologia moderna, inspirou importantes pensadores da educação como Fröbel e Herbart. Todas as correntes de reforma educacional do século XIX estão vinculadas de alguma forma à sua figura.

O pensamento pestalozziano transita entre os ideais da Ilustração, notadamente no desenvolvimento de uma pedagogia engajada politicamente e os esforços para a laicização do ensino e a educação do século XIX, da sociedade urbana e industrial, com os projetos para a implantação da escola universal, laica e gratuita.

Suiço-alemão, nasceu em Zurique, em 1746, filho de um cirurgião de ofício. Ficou órfão paterno cedo, sendo criado por sua mãe, Susanna Hotz, num ambiente empobrecido, fato que seguramente imprimiria caracteres em sua trajetória intelectual. A rigor, a Europa da segunda metade do Século XVIII atravessava fortes problemas econômicos e políticos, crises que marcavam o declínio do “ancien regime” e desaguariam nas revoluções burguesas.

Pouco se conhece sobre os primeiros anos da vida escolar de Pestalozzi. Frequentou uma escola primária; um aluno embora brilhante, como reconheceu - foi desatento e indisciplinado. Na segunda educação, entre 1754 e 1765, estudou línguas e filosofia em sua terra natal e recusou os estudos teológicos. Tentou fazer o curso de direito, adquirindo uma visão liberal da vida e da consciência popular, aspectos que o influenciaram a uma atuação social agitada, mas foi preso em Genebra, em 1767, pela participação numa agitação estudantil (PESTALOZZI, 2003, p.10). Pouco depois largou o direito e ainda tentou a sorte nos estudos agrários, em Kirchberg, também não mantendo a continuidade.

Dos anos de estudo em Zurique, recebeu profundas influências de seu compatriota Jean Jacques-Rousseau, filósofo sempre ressaltado em suas publicações, cerne de sua atuação profissional nos empreendimentos educacionais. A leitura de “Emílio” (1999), seu livro de cabeceira, incutiu em Pestalozzi um sentimento revolucionário, inspirando sua atuação nos processos de emancipação política da Suíça.

Conheceu, também nessa época, Johann Kaspar Lavater (1741/1801), filósofo e teólogo suíço, seguidor entusiasta do magnetismo animal, o mesmerismo.⁸ Amigo próximo de Pestalozzi, Lavater tinha inclinações místicas, e pode ser considerado como um dos precursores do espiritismo francês (DENIS, 2006).

Em 1769, então com 23 anos, casou-se com Anna Schulthess, irmã de Lavater, companheira das jornadas educacionais e, no ano seguinte, nasceu seu único filho, Hans Jakob – Jean-Jacques em alemão, homenagem ao filósofo Rousseau.

As dificuldades econômicas vividas na juventude, articuladas com o ambiente social conturbado e polarizado entre plebeus e nobreza, propiciaram em Pestalozzi a

⁸ Conjunto de postulados do médioco austríaco Franz Anton Mesmer (1734/1815) com a pretensão de estudar os supostos fluidos energéticos. Exerceu considerável influência em Allan Kardec e no espiritismo (Capítulo IV deste trabalho).

expectativa da criação de escolas de produção, onde crianças órfãs pudessem com seu trabalho garantir os estudos e a alimentação.

A propósito, além de educador e pensador da pedagogia, Pestalozzi ficou notabilizado justamente pelas experiências em fundação e direção de escolas. Sua primeira experiência ocorreu no limiar de 1770, quando adquiriu uma propriedade chamada de Neuhof, no Cantão de Argóvia. No entanto, diante de dificuldades técnicas e financeiras, a empresa agrícola não prosperou.

Em 1774 fundou um educandário onde acolheu crianças pobres dos arredores – órfãos, mendigos e pequenos ladrões – no intento de recuperá-las, numa concepção que unia a formação geral com a prática profissional, através do trabalho na fiação e tecelagem de algodão (SOËTARD, 1995, p.10-1). Também por limitações econômicas, a experiência não durou mais do que cinco anos; e sobre as sucessivas experiências fracassadas, escreveu e publicou, em 1780, “A Noite de um Solitário” (“Die Abendstunde eines Einsiedlers”)⁹, a primeira de suas obras mais conhecidas, coletânea com reflexões e pensamentos sociais (PESTALOZZI, 2001).

No ano seguinte lançou a primeira parte de uma de suas obras-primas, “Leonardo e Gertrude” (“Leonard und Gertrud”)¹⁰, novela em que narrou a reforma gradual feita primeiro numa casa - depois numa aldeia, frutos dos esforços de uma mulher boa e dedicada (Pestalozzi, 1891). A obra foi um sucesso em toda a Europa, em especial na Alemanha, consagrando Pestalozzi como um escritor.

Por duas décadas, até 1799, Pestalozzi viveu um período extremamente fecundo intelectualmente, quando se dedicou exclusivamente às atividades literárias, com características Iluministas latentes.

⁹ Tradução nossa a partir da publicação em espanhol: “La velada de um solitario y otros escritos”. (PESTALOZZI, 2001).

¹⁰ Utilizamos o texto a partir da edição em inglês “Leonard and Gertrude” (reimpressão da publicação de 1891).

Entre 1781 e 1877 publicou as quatro partes que compunham “Leonardo e Gertrudes”. Em 1783, lançou “Sobre Legislação e Infanticídio” (“Über Gesetzgebung und Kindermord”)¹¹, obra de cunho sociológico e antropológico onde abordou o fenômeno recorrente em seu tempo: mães solteiras que abortavam crianças não desejadas. As leis eram severas, e na maioria dos casos era aplicada a pena de morte. Pestalozzi analisou o problema, atribuindo as causas mais à sociedade do que às pessoas, num realismo social e humanista que caracterizou sua obra (PESTALOZZI, 2002).

Em 1797 lançou “Minhas investigações sobre o curso da natureza humana na evolução da humanidade” (“Meine Nachforschungen über den Gang der Natur in der Entuwicklung des Menschengeschechts”)¹², considerada uma obra filosófica, por excelência, onde apresentou reflexões sobre pensamentos na antropologia, na ética, na filosofia social e na filosofia da educação (PESTALOZZI, 2003).

Em 1798 eclodiu a “Revolução Suíça”, movimento inspirado pelos ventos da liberdade propagados pela Revolução Francesa, desencadeado, sobretudo, contra a corrupção das ricas casas reinantes. Concomitante com o movimento francês, ocorreram levantes revolucionários em Lausanne (1790), Genebra (1792), Grisons (1794) e Vaud (1797).

Entre a cobiça geopolítica francesa, com as ambições napoleônicas; as contradições de classes; e a fragilidade da descentralização política do território, a Revolução de 1798 proclamou a “República Helvética”, com a união dos diversos Cantões em Argóvia. As leis foram padronizadas, a maior parte segundo o modelo francês - dezenas de moedas foram unificadas no franco suíço e a confederação

¹¹ Edição em espanhol : « Sobre legislación e infanticidio » (2002).

¹² Edição francesa publicada na Suíça: “ Mes recherches sur la marche de la nature dans l’évolution du genre humain” (1994).

composta por cidades e vales autônomos foi centralizada numa República de cidadãos iguais (History of Switzerland: 2004).

Desde a década de 1760, quando tinha 17 anos, Pestalozzi fazia parte da “Sociedade Helvética” ou “Patriotas”, como também eram conhecidos - movimento intelectual contra o poder aristocrático que clamava por reformas liberais na Suíça.

Com a deflagração da Revolução Suíça, tornou-se, em 1798, redator da “Folha popular helvética” (“Helvetisches Volksblatt”), jornal que propunha a disseminação das ideias culturais, educacionais e sociais da nova ordem política implantada.

As lutas pela independência e a presença de tropas francesas intervencionistas de Napoleão Bonaparte na Suíça deixaram muitas crianças que vagavam sem pais, sem casa e sem comida em torno do Lago de Lucerna,

Paralelamente às lides jornalísticas, Pestalozzi dirigiu em Stans, em 1798, um instituto destinado a esses órfãos de guerra.

O orfanato foi instalado num convento abandonado e a estrutura para seu funcionamento foi garantida pelo governo suíço. Pestalozzi esboçou a instituição como uma família, com o propósito a educar intelectual e moralmente os rapazes afiliados. Nessa experiência pedagógica desenvolveu os princípios fundamentais de seu ensino, o “método intuitivo” e o “ensino mútuo” (CAMBI, 1999, p.417). Numa combinação entre as atividades educacionais e o trabalho manual, Pestalozzi se posicionava, além de professor, como pai das crianças.

Em junho de 1799, porém, o invasor francês solicitou o prédio para a instalação de um hospital. A instituição foi fechada - o que representou uma dura decepção para Pestalozzi. Além das conjunções políticas, com a população dividida diante da intervenção estrangeira - afinal o governo que Pestalozzi representava apoiou a invasão francesa que massacrou uma rebelião local - e as contradições religiosas, com a

resistência católica contra uma administração laica e pública do orfanato, foram fatais para seu insucesso (INCONTRI, 1997, p.85-6).

Acolhido por amigos nos Alpes para recobrar a saúde debilitada pelos desgastes da experiência, escreveu a “Cartas de Stans”¹³ (1995), com pensamentos acerca das questões pedagógicas e revelações acerca dos aspectos de seu cotidiano com as crianças, a cumplicidade, os laços afetivos. Entre relatos contundentes e reflexões comoventes, numa passagem descreveu¹⁴:

Eu ficava desde a manhã até a noite, praticamente sozinho entre eles.(...) Cada socorro, auxílio em cada sofrimento, cada lição que receberam, vinha imediatamente de mim. Minha mão descansou em suas mãos, meus olhos repousaram sobre os seus olhares. Minhas lágrimas escorriam com a deles, e meu sorriso acompanhado do deles. Eles estavam fora do mundo, eles eram de Stans, eles estavam perto de mim e eu estava perto deles. Sua sopa era a minha, a bebida era a minha bebida. Eu não tinha nada, eu não tinha nem família nem amigos, nem empregados em torno de mim, eu tinha eles. Quando eles estavam em boa saúde, eu estava entre eles, quando eles estavam doentes, eu estava à beira do leito. Eu dormia no meio deles. (...) Quando eles estavam na cama, eu orava com eles e novamente transmitia ensinamentos até que eles dormissem: e eles me pediam também (1996, p.21-2).

Em outro trecho do documento, reitera suas crenças sociais:¹⁵

A completa falta de educação escolar era precisamente o que me inquietava, no mínimo; confiante nas forças da natureza humana que Deus igualmente depositou nas crianças mais pobres e abandonadas, não somente tinha aprendido há muito tempo pela minha experiência anterior que a natureza se desenvolve, no meio do lamaçal da grosseria, da selvageria e da decadência, as disposições e as habilidades mais sublimes,

¹³ Texto aqui utilizado : « Lettre de Stans » (1995).

¹⁴ Tradução nossa a partir da edição francesa: « J'étais, du matin jusqu'au soir, pratiquement seul au milieu d'eux (...). Chaque aide, chaque secours dans la détresse, chaque leçon qu'ils recevaient, venait immédiatement de moi. Ma main reposait dans leur main, mon regard était posé sur leur regard. Mes larmes coulaient avec les leurs, et mon sourire accompagnait le leur. Ils étaient hors du monde, ils étaient hors de Stans, ils étaient près de moi et j'étais près d'eux. Leur soupe était la mienne, leur boisson était ma boisson. Je n'avais rien, je n'avais ni famille, ni amis, ni domestiques autour de moi, je n'avais qu'eux. Lorsqu'ils étaient en bonne santé, je me tenais debout au milieu d'eux; lorsqu'ils étaient malades, j'étais à leur chevet. Je dormais au milieu d'eux (...). Quand ils étaient couchés, je priais encore avec eux et je les instruisais jusqu'à ce qu'ils fussent endormis : ils le voulaient ainsi. »

¹⁵ « L'absence totale d'instruction scolaire était d'ailleurs justement ce qui m'inquiétait le moins; confiant dans les forces de la nature humaine que Dieu a également déposées dans les enfants les plus pauvres et les plus abandonnés, non seulement j'avais appris depuis longtemps par mon expérience antérieure que la nature développe, au beau milieu de la fange de la grossièreté, de la sauvagerie et du délabrement, les dispositions et les aptitudes les plus sublimes, mais je voyais également chez mes enfants cette force vivante de la nature surgir de toutes part au beau milieu de leur grossièreté »

mas eu vi também em meus filhos que a força viva da natureza vem de várias direções no meio de sua rudeza (1996, p.15-6).

A difícil experiência em Stans, no entanto, reforçou e difundiu a imagem de Pestalozzi vinculada com a pedagogia do amor, exemplo da abnegação e da entrega, valorizando o papel social da educação. A pintura a seguir, em óleo sobre tela, datada de 1879, é de Konrad Grob (1828/1904), pintor suíço impressionista:

Gravura 7 –«Pestalozzi with the orphans in Stans»



Fonte: Öffentliche Kunstsammlung, Basel, Suíça. Disponível em: <<http://www.kunstmuseumbasel.ch/>>.

Contando com o apoio do ministro Stápfel, um amigo e protetor, Pestalozzi obteve a licença para ensinar nas escolas oficiais em Burgdorf, próximo a Berna, em 1800. Recebeu um antigo castelo do povoado e ainda contou com uma gratificação mensal do governo de 160 francos mensais (PESTALOZZI, 2003). Neste ano, Stápfel e alguns admiradores de Pestalozzi fundaram uma “Sociedade de amigos da Educação”, que procurou ajudar de diferentes maneiras o pedagogo, com o estudo e aplicação de

seu método, intervenções junto ao governo e à sociedade para angariar recursos para a publicação de livros elementares, entre outros apoios.

Em Burgdorf, Pestalozzi recebeu a incumbência da câmara municipal para que ensinasse em uma escola infantil onde eram assistidas vinte e cinco crianças. Ali o professor experimentou seu método de instrução elementar.

Com a ajuda financeira recebida do governo suíço e de seus amigos, consagrou sua dedicação a uma escola normal para a formação de professores - jornada que catapultou a influência de Pestalozzi pela Europa.

Envolvido nesses empreendimentos, Pestalozzi escreveu uma de suas obras primas, lançada em 1801, “Como ensina Gertrudes a seus filhos” (“Wie gertrud ibre Kinder Leht“),¹⁶ acentuando suas preocupações com a questão da prática pedagógica e psicologização da educação. A experiência em Burgdorf durou quatro anos, período em que esteve ausente em duas ocasiões: primeiro por ter sido nomeado deputado da representação suíça em Paris (entre outubro de 1802 e fevereiro de 1803), depois pela fundação de uma escola em Yverdon. Nesses ínterins, o instituto foi dirigido por professores próximos a Pestalozzi.

Na estada na França em missão oficial, tentou convencer Napoleão Bonaparte sobre a importância da educação elementar, o que não despertou interesse no então cônsul da França nem tampouco em seus auxiliares diretos.

Os cinco anos de existência de Burgdorf foram significativos. A instituição foi visitada por personalidades estrangeiras e seu modelo deu origem a outras similares na Europa, entre eles o filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776/1841), fundador da pedagogia como disciplina acadêmica.

¹⁶ Tradução nossa a partir de “Como enseña Gertrudis a sus hijos” (PESTALOZZI, 2004).

Experimentou ainda uma quinta e breve experiência pedagógica em Múnchenbuschee (entre 1804 e 1805), nos moldes de Burgdorf, mas preferiu vender sua parte da instituição a um colaborador, Féllenberg.

A partir dali, seguiu para Yverdon, no Cantão de Vaud, onde instalou num antigo castelo medieval um Instituto, sua mais longa experiência, permanecendo ali até 1825. Foi nessa jornada que Pestalozzi melhor organizou seu método educativo, com projeção internacional, recebendo a visita de importantes personalidades.

Foi em Yverdon que Hippolyte-Léon Denizard Rivail recebeu sua instrução e a convivência com o mestre da pedagogia romântica foi fundamental para a formação de suas convicções humanistas, como abordaremos nos próximos capítulos.

Animosidades com alguns professores, dificuldades financeiras, além do peso da idade - completou em 1816 setenta anos - levaram o Instituto ao declínio, que foi fechado em 1825. O incorrigível professor ainda empenhou recursos da publicação de suas obras para a instalação de um orfanato para crianças pobres; primeiro em Clynd, depois foi trasladado para Yverdon, o que aprofundou suas dificuldades econômicas.

Em 1826 publicou sua autobiografia, o “Canto do Cisne” (2003) e faleceu no ano seguinte, quando vivia em Neuhof.

3.2 – Ilustração e Romantismo na Pedagogia de Pestalozzi

Johann Henrich Pestalozzi embora nascido do século XVIII (1746), foi um pensador que viveu, absorveu e, efetivamente contribuiu para a construção da pedagogia contemporânea a partir das balizas da sociedade industrial do século XIX.

Teórico liberal e filósofo político, foi um reconhecido democrata, haja vista a homenagem da Assembléia Nacional revolucionária, concedendo-lhe em 1792 a cidadania francesa e a adesão à República Helvética na Suíça em 1798.

Na esfera pedagógica, Johann Heinrich Pestalozzi foi um dos principais expoentes da pedagogia romântica, revivendo as lutas travadas pelo ensino – os sonhos, os projetos, a militância – e reativando uma noção espiritual da educação, animada pelo “amor”.

Sua principal influência foi o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseu, e conjugou também pressupostos de Immanuel Kant (1724/1804) sobre a educação moral e a questão premente na consolidação da modernidade, a laicização do ensino, além de Johann Bernhard Basedow (1724/1790), pensador social alemão que fundou, em 1774, o “philanthropinum”, ou “Escola de Filantropia”, educandário progressista que, apesar de um trajeto relativamente curto (durou até 1793), exerceu influência significativa em outras escolas do gênero na Alemanha e em outros países (MANACORDA, 2010, p.299).

Como exposto no segundo capítulo, o Romantismo abarcou terrenos distintos como a literatura, a filosofia, a arte, a historiografia, a música, além da pedagogia. O espírito dessa “revolução cultural”, entoado pelas vozes mais contestadoras do Iluminismo, como Rousseau e Kant, e também o ímpeto transformador da Revolução Francesa, articulada à noção de liberdade, consubstanciou essa tendência contra a razão setecentista e sua centralização ao indivíduo. No bojo do sentimentalismo, que por vezes remetia suas raízes à Europa cristã medieval, eram expostas críticas aos aspectos periféricos da modernização (como o tecnicismo, a massificação e a exclusão).

Rousseau foi o grande inspirador dos autores Românticos. Efetivamente, foi o único pensador da Ilustração que não focalizou a propriedade privada como direito inalienável, voltou-se contra as injustiças sociais da época e fundamentou a categoria da “vontade geral”, cerne da definição do corpo civil e da constituição da moderna democracia (ROUSSEAU, 2003).

Suíço de origem humilde, Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra em 1712 - um dos quinze filhos de um relojoeiro. O mundo das letras nos tempos do Iluminismo era marcado pela presença de intelectuais oriundos de abastadas famílias burguesas, como Voltaire (1694/1778) entre outros. Mesmo com condição social inferior, e também avesso às cortes, demarcou um campo mais progressista no projeto político das luzes.

No “Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens”, texto que assinala sua posição, acentuou:

Concebo na espécie humana duas formas de desigualdade: uma a que chamarei natural ou física, por que é estabelecida pela natureza e que consiste na diferença de idade, de saúde, de força corporal e de qualidades do espírito ou da alma, outra que se pode chamar desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção e porque é estabelecida, ou pelo menos autorizada, pelo consentimento dos homens. Esta consiste nos privilégios de que gozam alguns em prejuízo dos outros, como o ser-se mais rico, mais honrado, mais poderoso que os outros, ou mesmo o fazer-se obedecer por eles (1976, p.15).

Sua principal obra na literatura pedagógica foi “Emílio, ou, da Educação” (1999), referência nas análises da educação moderna, que conjugada com o romance “Júlia, ou Nova Heloísa”, trabalho que teorizou sobre a reforma da família a partir da ênfase no amor e na virtude, e com o clássico “Contrato Social” (2006) - os três textos, produzidos num espaço de quinze meses (entre 1761 e 1762) - apresentam a filosofia política e a educacional, em estreita conexão, do pensamento rousseauiano.

Embora muitas vezes analisadas separadamente, com a ênfase em suas idéias políticas e a minimização de sua contribuição no debate educacional, política e pedagogia são complementares: uma é o pressuposto e o complemento da outra.

O aspecto central de “Emílio” é o romanceamento do crescimento de um jovem onde Rousseau constrói a aplicação de uma educação considerada ideal do homem natural – e não o homem cidadão corrompido pela sociedade. Afastado do convívio

coletivo e acompanhado de um preceptor ideal, a educação deve ocorrer de modo “natural”, possibilitando um retorno às faculdades originais, afastado da escravidão, livre das convenções sociais e hábitos exteriores. Trata-se, dessa forma, da valorização das necessidades espontâneas da criança e do processo livre de crescimento.

O espírito dessas regras está em conceder às crianças mais liberdade verdadeira e menos voluntariedade, em deixá-las com que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se desde cedo a subordinar seus desejos às suas forças, elas sentirão pouco a privação do que não estiver em seu poder (id, op.cit., p.47).

Em aprofundamento às questões do “Contrato Social”, o escopo da proposta social do “Emílio” é a apresentação de uma alternativa para a reforma ética e política da sociedade: “Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiramente um homem.” (id, p.15).

Rousseau, já no início da obra, estabelece seu desafio intelectual: “(...) Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana”. A pedagogia remete, portanto, para a integração do homem à sociedade moral e os objetivos propostos da educação são inseparáveis da filosofia, da política e da religião: “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação.” (id, p.9).

O filósofo genebrino operou a chamada “revolução copernicana” na pedagogia – referência ao estudioso polonês Nicolau Copérnico que inverteu o centro do sistema astronômico - ao ressaltar a criança como centro de sua teorização, com suas especificidades essenciais:

(...) a educação começa com a vida, ao nascer, a criança já é discípulo, não do governante e sim da natureza... Nascemos capazes de aprender, mas não sabendo nada, não conhecendo nada. A alma, acorrentada a seus órgãos imperfeitos e semi-formados, não tem sequer o sentimento da própria existência (id, p.44).

O alcance de “Emílio”, embasado na proposta do modelo da educação libertária e natural, remete para a constituição do *cidadão*, homem ativo e soberano capaz de almejar a liberdade. Por outro lado, é também súdito, na medida em que se submete às leis que ele mesmo contribuiu para a constituição.

Franco Cambi, historiador italiano da Educação, destacou as três contribuições mais decisivas de Rousseau à pedagogia (1999, p.346-7): a descoberta da infância como idade autônoma dotada de características específicas; o elo entre motivação e aprendizado, colocado no centro da formação intelectual do Emílio, e que exige a premissa de que no ensino de qualquer noção é necessária a referência precisa à sua experiência concreta; e a atenção do educador quanto ao equilíbrio entre liberdade e autoridade, no cuidado para que a aprendizagem “natural” não signifique mero espontaneísmo da criança.

O pensamento de Jean-Jacques Rousseau fundamentou as proposições dos românticos do século XIX, principalmente na Alemanha, sobretudo nos aspectos que tangem o sentimento da natureza, a busca pela solidão e a defesa de que todos os homens nascem livres, sendo que a liberdade faz parte da natureza (ROUSSEAU, 2005).

A partir do Iluminismo, a consolidação do individualismo da sociedade liberal burguesa foi paradigmática, mas, por outro lado, em diversos campos, inclusive na pedagogia, emergiram reflexões sobre as finalidades sociais da educação, a inserção da criança na sociedade, a questão da cidadania. Os projetos educacionais se tornavam nacionais e a expansão das escolas públicas foi notável, com ênfase na educação básica

e elementar – diferentemente dos enfoques verificados até então nos níveis secundário e superior.

Na pedagogia, o período romântico produziu uma renovação teórica que ativou uma ideia de formação (o desenvolvimento espiritual através da cultura); vinculada a uma nova concepção de espírito humano (posto como centro do mundo, como presença ativa) e uma reafirmação da educação, da relação educativa, da escola e da família como momentos centrais da formação humana (CAMBI, op.cit., p.415).

O filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762/1814) foi um dos criadores do movimento denominado idealismo alemão, desenvolvido a partir dos escritos éticos de Immanuel Kant, principal pensador do Iluminismo. A obra de Fichte é apontada como a conexão entre o pensamento de Kant e de Friedrich Hegel (1770/1831), importante precursor do pensamento contemporâneo, fundamento inclusive para o marxismo.

Em uma conferência na Universidade de Iena, na Alemanha, Fichte teceu considerações sobre o pensamento de Rousseau, suas noções de estado de natureza e a condição humana:

O ser humano não deve ter outras necessidades, a não ser as de sua natureza animal; deve viver como o animal no campo, ao seu lado. É verdade que nesse estado não existiria nenhum dos vícios que tanto indignavam ao sentimento de Rousseau; o homem comerá quando tiver fome, e beberá quando tiver sede, aquilo que encontrar primeiro em seu caminho; e quando estiver farto, não terá nenhum interesse em roubar dos outros o alimento que ele próprio não precisa [...]. Na perspectiva que o futuro oferece, reside o verdadeiro caráter da humanidade; essa perspectiva é igualmente a fonte de todos os vícios humanos. Desvia a fonte e nenhum vício existe mais; e Rousseau realmente desvia ambos, por meio de sua condição natural. [tradução do autor] (FICHTE, 1994, p. 88).

O pensamento de Jean-Jacques Rousseau fundamentou as formulações Românticas alemãs, sobretudo nos aspectos que tangem o sentimento da natureza, a busca pela solidão e a defesa de que todos os homens nascem livres, sendo que a liberdade faz parte da natureza (ROUSSEAU, 2005).

Fichte entrou em contato com Pestalozzi em 1793, num encontro em Zurique, e as influências foram recíprocas. Em 1797 o pedagogo suíço publicou “Minhas pesquisas sobre o curso da natureza e da evolução da humanidade” (PESTALOZZI, op.cit.), obra escrita no calor da Revolução Francesa, onde ressaltou as afinidades de seu pensamento com Fichte e a referência comum à Kant. E tanto em Pestalozzi quanto em Fichte, a influência rousseauiana é evidente. Em ambos, há a ideia de Rousseau de que através da educação todo homem pode ser eticamente aperfeiçoado para agir como cidadão.

O filósofo Immanuel Kant (1724/1804) é indubitavelmente o grande nome da filosofia moderna - um dos pensadores mais influentes da história. Em linhas gerais, na modernidade duas grandes forças fundamentavam o debate no terreno da epistemologia: o racionalismo liderado por René Descartes (1596/1650) e Gottfried Leibniz (1646/1716); e a tradição empírica inglesa de John Locke (1632/1704) e David Hume (1711/1776).

Kant operou, sobretudo através da obra “Crítica da Razão Pura” (2005) e “Crítica da Razão Prática” (2012) seu idealismo transcendental, ao considerar, respectivamente, impossível a razão pura sem a experiência e a experiência sem as formas a priori da razão. Ainda nessa crítica ao modelo empírico, discutiu e desenvolveu a filosofia moral, examinando a capacidade humana de autodeterminação.

Suas reflexões na área da educação foram escritas e produzidas para um curso de Pedagogia na Universidade de Königsberg, em três períodos, entre 1776 e 1787. As lições foram recolhidas e publicadas em 1803, por um aluno, Theodor Rink (2010). No Brasil, o texto é denominado “Sobre a Pedagogia”.

O princípio da reflexão pedagógica kantiana é a questão do sujeito moral, principal elemento da educação com importante influência nos debates sobre a laicização do ensino. É através dessa consciência moral que o homem age na vida

prática - a partir de preceitos racionais. A lei moral é uma resposta ao conflito entre as tendências individualistas e a lei universal fundamentada no dever. A educação, nessa perspectiva, é a base para criar no ser humano o compromisso com a melhoria da coletividade.

Tal como em Pestalozzi, Rousseau e Basedow também inspiraram Kant. No primeiro, entre outros pontos, em suas noções acerca da infância e na ênfase da importância da primeira educação, que começa com os cuidados do indivíduo ainda bebê, através da amamentação.

Em Basedow - a idéia de educação total e o valor do trabalho na formação do homem. Como típico representante do Iluminismo, ressaltou o papel social e político da educação para o desenvolvimento da razão¹⁷:

A educação é uma arte, cuja prática deve ser aperfeiçoada ao longo de muitas gerações. Cada geração, provida com o conhecimento das anteriores, pode constantemente realizar uma educação que desenvolva em proporção e de acordo com um fim, todas as disposições naturais do homem, e, assim, conduzir toda a humanidade ao seu destino. A Providência quis que o homem deve tomar o bem de si mesmo e falou, por assim dizer: Entre no mundo! Eu forneci todas as disposições para o bem. A ti cabe desenvolvê-la e, portanto, depende de ti mesmo tua própria felicidade e miséria' (KANT, 2010, p.5).

A pedagogia kantiana é disciplinadora - aspecto que também caracteriza o modelo educacional de Pestalozzi. A finalidade da coerção é garantir a liberdade do sujeito moral, na convicção de que as exigências são razoáveis - superiores aos desejos imediatos¹⁸:

¹⁷ Tradução nossa a partir do texto em espanhol: "La educación es un arte, cuya práctica ha de ser perfeccionada por muchas generaciones. Cada generación, provista de los conocimientos de las anteriores, puede realizar constantemente una educación que desenvuelva de un modo proporcional y conforme a un fin, todas las disposiciones naturales del hombre, y conducir así toda la especie humana a su destino. La Providencia ha querido que el hombre deba sacar el bien de sí mismo y le habló, por decirlo así: «¡Entra en el mundo!; yo te he provisto de todas las disposiciones para el bien. A ti toca desenvolverlas, y, por tanto, depende de ti mismo tu propia dicha y desgracia.

¹⁸ "La barbarie es la independencia respecto de las leyes. La disciplina somete al hombre a las leyes de la humanidad y comienza a hacerle sentir su coacción. Pero esto ha de realizarse temprano. Así, por ejemplo, se envían al principio los niños a la escuela, no ya con la intención de que aprendan algo, sino con la de habituarles a permanecer tranquilos y a observar puntualmente lo que se les ordena, para que más adelante no se dejen dominar por sus caprichos momentáneos."

A Barbárie é a independência a respeito das leis. A disciplina submete o homem às leis da humanidade e começa a fazer-lhe sentir a sua coerção. Mas isso deve ser feito cedo. Assim, por exemplo, são enviadas no princípio as crianças para a escola, não com a intenção de que aprendam alguma coisa, mas para habitué-las a permanecer tranquilas e observar pontualmente o que são ordenadas, para que mais tarde não se deixem dominar por seus caprichos momentâneos (id.,op.cit, p.3).

Os princípios éticos da teoria pedagógica de Kant influenciaram importantes nomes do pensamento educacional moderno como Pestalozzi, Johann Friedrich Herbart (1776/1841), Jean Piaget (1896/1980) – teórico dos estudos da gênese psicológica no desenvolvimento humano -, John Dewey (1859/1952) – um dos principais estudiosos da educação progressiva do século XX -, entre outros.

3.3 – As concepções educacionais de Pestalozzi

Johann Henrich Pestalozzi foi um pensador que buscou como poucos a articulação entre as teorias e as práticas, acreditando com vigor no papel da educação pública, e que a renovação do ensino era fundamentalmente uma questão social.

Quando Rousseau apresentou seus postulados em educação, a Europa estava em transição - uma sociedade organizada nos moldes de um capitalismo pré-industrial, e suas ideias foram concebidas naqueles limites. Um importante avanço e diferencial de Pestalozzi foi o esforço efetivo para a implantação de uma nova pedagogia, com suas intuições acerca da psicologia da criança e na didática. Seguramente, postulados e experiências que deram um importante impulso para a educação do século XIX.

A premissa fundamental do pensamento pestalozziano é a existência de uma natureza, uma essência humana, independente da categoria social ou de circunstâncias externas. Na trilha do contratualismo de Rousseau, a ideia de uma condição do homem que almeja a realização da felicidade possível, permeada pela paz interior que todos

anseiam. A educação verdadeira, acreditava, é a educação segundo a natureza, que conduz por sua essência a aspiração à perfeição, à realização de todas as faculdades.

Como apresentado, ao longo de sua vida insistiu na educação elementar com um interesse especial no ensino das crianças pobres. Em “Carta sobre educação infantil”¹⁹, Pestalozzi reitera, como bom rousseauiano, sua crença no ser humano e a pureza contida nas crianças:

Em minha última carta expus minha sincera convicção de que na criança se dá uma disposição que, com a ajuda divina, pode capacitá-la a cumprir - e não com o objetivo de distinguir-se com isso entre as demais pessoas - o máximo mandamento de seu Criador, isto é: caminhar sob a luz da fé, com o coração pleno daquela caridade sobre a qual está escrito que ‘tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais acabará’ (I Coríntios, 13,7-8). A esta disposição, tal como se manifesta no primeiro estágio da vida humana, eu a tenho chamado de capacidade de amor e de fé (2003b, p.26).

Avesso ao ensino autoritário tradicional, acreditava que o estímulo era suficiente para o desenvolvimento espontâneo da criança - uma psicologia infantil ainda incipiente e permeada pelo Romantismo. Ainda nesse texto, enfatizou sua crença no papel da educação para a busca da felicidade:

Se passamos a considerar o homem como ser individual, há que se afirmar que a educação deveria fazê-lo *feliz*. O sentimento de felicidade não nasce de circunstâncias externas; é um estado de alma caracterizado pela consciência de harmonia entre o mundo interior e o exterior. Impõe aos desejos os limites que lhes correspondem e assinala às faculdades do homem os objetivos mais elevados. Pois feliz o é aquele que é capaz de acomodar suas necessidades aos meios de que dispõe e de renunciar aos desejos pessoais e egoístas sem perder por isso sua alegria e sua paz [...].(id., p.131-2).

Em 1801, como mencionado, “Como Gertrudes ensina a seus filhos” (2003) foi uma de suas principais obras na pedagogia, organizada em forma de cartas. Nesses escritos focalizou o papel da mãe na vida da criança, sustentando que o amor à humanidade é aprendido com o aconchego materno, que deposita em seu coração os germens do amor por todo o ser humano. A rigor, no sistema pestalozziano, a mãe da

¹⁹ Tradução nossa a partir da edição espanhola: “Cartas sobre la educación de los niños.”

família é o tipo e o modelo natural da educação, compreendido em seu verdadeiro sentido²⁰:

A obediência e o amor, a gratidão e a confiança reunidas, fazem brotar na criança os primeiros germens da consciência. Ele começa a sentir, muito vagamente no princípio que, não é justo ter raiva contra sua mãe que o ama. Ele começa a sentir vagamente que sua mãe não é única no mundo e somente para ele. Ele desperta a primeira tênue sombra do vago sentimento de que o mundo não existe só para ele, e com este sentimento nasce também outro: que ele mesmo não existe no mundo, só por si; é a primeira e vaga idéia do dever e de direito, que começa a germinar. Estas são as primeiras características fundamentais do desenvolvimento da personalidade. Eles surgem das relações naturais que existem entre a mãe e o filho que cria (op.cit., p.142).

Tal como Kant, Pestalozzi não idolatrava a priori uma ingenuidade infantil. Sua concepção de natureza humana operava numa dupla percepção, uma natureza animal e outra ao mesmo tempo espiritual - uma natureza inferior e outra melhor. E o amor materno é a força mais poderosa para dominar esses sentimentos primitivos do homem.

Em “Cartas de Stans” reitera a importância da família - fundamento de toda a educação por ser o espaço do afeto e do trabalho comum:²¹

Minha convicção e meu objetivo eram um só. Na verdade, eu pretendia provar, com minha experiência, que as vantagens da educação familiar devem ser reproduzidas pela educação pública e que a segunda só tem valor para a humanidade se imitar a primeira. Aos meus olhos, ensino escolar que não abranja todo o Espírito, como exige a educação do homem, e que não seja construído sobre a totalidade viva das relações familiares conduz apenas a um método artificial de encolhimento de nossa espécie. Toda a boa educação exige que

²⁰ Tradução nossa a partir da obra em espanhol: « La obediencia y el amor, la gratitud y la confianza reunidas, hacen brotar en el niño los primeros gérmenes de la conciencia. Él comienza a sentir, muy vagamente al principio que, no es justo rabiar contra su madre que lo ama. Él comienza a sentir vagamente que su madre no está en el mundo única y solamente para él. En él se despierta la primera tenue sombra del vago sentimiento de que no existes todo el mundo para él, y con este sentimiento nace también este otro: que él mismo no existe en el mundo, únicamente para sí; es la primera y vaga idea del deber y del derecho, que principia a germinar. Éstos son los primeros rasgos fundamentales del desarrollo de la personalidad. Ellos nacen de las relaciones naturales que se establecen entre la madre y su hijo que cría.»

²¹ Tradução nossa a partir do francês: « En fait, je voulais prouver par mon expérience, que les avantages de l'éducation familiale devrait être joué par l'éducation du public et la seconde n'a de valeur que pour l'humanité à imiter le premier. A mes yeux, la scolarisation ne couvrent pas la totalité de l'Esprit, tel que requis par l'éducation de l'homme, et qui n'est pas construit sur la totalité vivante des relations familiales ne conduit qu'à une méthode artificielle de retrait de nos espèces. Chaque bonne éducation exige que l'œil moniteur maternelle, à l'intérieur de la maison, chaque jour, chaque heure, chaque changement dans l'état de l'âme de votre enfant, de le lire en toute sécurité dans vos yeux, votre bouche, sur son front ».

o olho materno acompanhe, dentro do lar, a cada dia, a cada hora, toda a mudança no estado de alma de seu filho, lendo-o com segurança nos seus olhos, na sua boca, na sua frente (op.cit., p.18).

Portanto, Pestalozzi concebia a educação escolar como complemento da educação doméstica e a preparação para a educação para a vida.

Com uma pedagogia fundamentada no “espírito da benevolência e da firmeza”, buscava a elevação do homem a uma dignidade espiritual. Mas firmeza em Pestalozzi não pode ser confundida com a educação repressiva dos métodos tradicionais de ensino que ele refutava.

Pestalozzi enfatizava as conexões entre a pedagogia e sociedade pela disciplina e pelo trabalho, bem como a formação do homem vista como exercício de liberdade, e da participação na vida coletiva, econômica e social.

Esse enfoque na liberdade, verificado posteriormente nas formulações políticas e pedagógicas de Fichte (que se tornou reitor da Universidade de Berlim, a primeira instituição universitária dita contemporânea) e em Fröebel, buscou caracterizar a função sociopolítica e ideológica da educação, cujas ações devem emancipar e integrar o sujeito, responsável na sociedade industrial e liberal a caminho. Na Alemanha, a reformulação da escola elementar (cujas tradições remontavam a Lutero) foi efetuada por influências de Pestalozzi.

Pestalozzi valorizou a religião como princípio universal, comum a todos os ramos da educação, posto que seus atos reproduzem o pensamento e a presença da Divindade. Mas é importante assinalar que, tanto Pestalozzi quanto Rousseau, em que pese a origem num país protestante, a Suíça, palco de importantes reformas religiosas, adotavam a posição filosófica do “deísmo” - postura que admite um Deus criador -, sem negar, no entanto, a realidade do mundo regido pelas leis naturais, captadas pela razão

científica. Seus postulados para a educação são de um tipo de religiosidade íntima, não confessional e não submetida a dogmas e seitas.

A educação pestalozziana é primordialmente moral e lógica - princípio vital de seu sistema. O indivíduo é um todo, cujas partes devem ser cultivadas, e a unidade espírito-coração-mão, análogo à tríplice atividade conhecer-querer-agir, por meio da qual ocorre o aprimoramento da inteligência, da moral e da técnica (ARANHA, 2006, p.211). A educação deve ser essencialmente prática, focada na existência e empregada em todas as circunstâncias da vida.

Na didática, Pestalozzi desenvolveu o método intuitivo, em que a aprendizagem é um produto da observação e da percepção, ou seja, é a visão mental ou a faculdade de ver e discernir o que não pode perceber por meio dos sentidos. A criança parte da observação de um objeto - pelos sentidos alimenta a intuição (ou a mente) de conteúdos, permitindo a formulação de hipóteses, ou seja, a produção do conhecimento. O método é denominado como "intuitivo" diante da premissa de que a intuição é uma parte ativa da mente, que age diante das sensações.

Em oposição ao ensino livresco, o método intuitivo parte do pressuposto de que toda educação começa pelos sentidos. Em "Livros de Educação Elementar", Pestalozzi escreve o prefácio dirigido às mães, recomendando a atenção especial aos sentidos:²²

Eu poderia parar por aqui, mas eu ainda imploro aos meus leitores a considerar algumas advertências relativas aos sentidos, especialmente aquelas relacionadas à visão, audição e tato, bem como aqueles relativos à linguagem, para tomá-los como parte do prefácio e, como propósito de facilitar a implementação dos mesmos.[...] (2003, p.255).

²² Adaptação a partir do título em espanhol: "Libros de educación Elemental (Prólogos). Tradução da passagem: "Yo podría detenerme aquí, pero quiero rogar aún a mis lectores que consideren algunas advertencias relativas a los sentidos, especialmente las que se refieren a la vista, al oído y al tacto, así como las que se refieren al lenguaje, para que las tengan como parte de este prefacio y como a propósito para facilitar la aplicación de ellas".

O livro é composto de três textos, “Livro das Mães”, “ABC da Intuição” e “Doutrina da visão das relações dos números”. Ao explicar sobre a melhor forma do ensino da geometria, assinalou:²³

“Primeiro, que é absolutamente necessário fazer com que as crianças delineiem, até fazê-lo com perfeição. [...] Em segundo lugar, o desenho das crianças devem reproduzir precisamente as figuras indicadas pelo professor. [...] Em terceiro lugar, que deve pedir-lhes que façam combinações, para alimentar sua imaginação”. (id., p.255).

A intuição é o princípio, a base e o meio da instrução. A educação, teorizava, deve empregar todos os meios que favoreçam a intuição, oferecendo ao aluno uma visão clara e distinta do que se ensina. Nessa lógica, o foco fundamental do ensino não é a simples transmissão do conhecimento, mas o desenvolvimento da inteligência do aluno. A educação deve ser gradual e progressiva, e o ensino começa pelo mais simples, avançando, de acordo com o desenvolvimento da criança, para o mais completo.

No “Canto do cisne”, último desabafo do militante incansável pela educação popular, Pestalozzi diz:

Meu caráter juvenil era, como já disse, sentimental, poderosamente afetado pela impressão dos acontecimentos de cada instante; e isto me levava a trabalhar com precipitação e irreflexão. Eu vim ao mundo unicamente desde as limitações do lugar de minha mãe e as limitações não menores da vida em minha escola; a vida real das pessoas eram, para mim, quase tão estranhas como se eu não vivesse no mundo em que vivia. Acreditava que todas as pessoas eram tão bondosas e confiáveis ao menos como eu mesmo; como o qual, naturalmente, desde meus ternos anos fui a vítima de todos aqueles que quiseram me fazer objeto de suas artimanhas (2003, p.229).

Em vida, Pestalozzi sofreu muitas vezes com a incompreensão e a oposição ferrenha de críticos. A ênfase e o reconhecimento da importância das crianças muitas

²³ Idem: “Primero, que es absolutamente necesario hacer que los niños delineen, hasta hacerlo a la perfección. [...] Segundo, que el dibujo de los niños se ha de reducir precisamente a las figuras indicadas por el maestro. [...]. Tercero, que se les debe pedir que hagan luego combinaciones, para avivar su fantasía.”

vezes foram confundidos pelos conservadores com a “valorização das classes inferiores” (MANACORDA, 2010, p.318-9).

Quando faleceu, seus restos mortais foram levados ao cemitério de Birr e carregados pelos ombros de seus discípulos. Em 1846 o governo de Argóvia construiu um monumento funerário com a inscrição:²⁴

AO PAI PESTALOZZI

Aqui repousa
Henrique Pestalozzi.
Nascido em Zurique a 17 de janeiro de 1746.
Morto em Brugg, a 17 de fevereiro de 1827.
Salvador dos pobres em Neuhof;
Pregador do povo em Leonardo e Gertrudes;
Pai dos órfãos em Stans;
Em Bugdorf e em Münchenbuschee.
Fundador da nova escola popular;
Preceptor da humanidade em Yverdun.
Homem, cristão, cidadão.
Tudo para os outros, para si nada.
Bendito seja seu nome.

A Argovia reconhecida
MDCCCXLVI

Entre o final do século XIX e o início do XX, o movimento escolanovista, também chamado como “Escola Ativa” ou “Escola Progressista”, teve grande repercussão na renovação do ensino na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil, introduzidas aqui por Rui Barbosa (1849/1923). As transformações do capitalismo, advindas com o avanço urbano e industrial, exigiam uma preparação mais sofisticada, e a educação foi percebida como o elemento central para esse desenvolvimento.

Imbuídos das noções de igualdade entre os homens e do ideal do acesso universal ao ensino, os intelectuais militaram por um sistema educacional público, livre e democrático - um meio efetivo no combate às desigualdades sociais.

²⁴ Tradução nossa a partir da edição em espanhol: PESTALOZZI, 2003b, p.26.

O suíço Johann Henrich Pestalozzi foi um dos pensadores que mais inspiraram essa renovação do ensino, bem como seu discípulo Fröebel, o filósofo estadunidense John Dewey, o psicólogo Edouard Claparèd, entre outros.

CAPÍTULO IV

O PROFESSOR HIPPOLYTE LEON DENIZARD RIVAIL

A realidade apenas se forma na memória; as flores que hoje me mostram pela primeira vez não me parecem verdadeiras flores.

Marcel Proust

4.1 – A vida e a militância na educação

No ano em que Napoleão convocava um plebiscito e foi alçado imperador da França - 1804, consolidando os princípios burgueses da Revolução Francesa, nascia em Lyon, Hippolyte Leon Rivail Denizard, filho de um juiz, Jean-Baptiste Antoine Rivail e de Jeanne Louise Duhamel - uma família de orientação católica, com uma confortável posição social.

Os tempos eram de tensão e a escalada do império napoleônico com o projeto de hegemonia francesa pela Europa teve seu relevante papel histórico, com o enfraquecimento da realeza absolutista do velho mundo.

Em 1815, no entanto, três anos depois da desatinada campanha militar russa, a política imperial experimentou o ocaso, sacramentado pela derrota de Bonaparte na Batalha de Waterloo.

Embora não existam evidências documentais, provavelmente, essas injunções políticas - apenas duas décadas depois da fase mais crítica da Revolução Francesa,

culminada com a decapitação do rei em praça pública e diante de um quadro de incertezas sociais - influenciaram o envio do garoto Denizard Rivail - então com dez anos - para o Instituto Yverdon, na Suíça - o educandário de Johann Henrich Pestalozzi. Naqueles anos, o fluxo de jovens franceses para o educandário de Pestalozzi foi considerável.

A Suíça atravessava um período de relativa normalidade institucional. No entanto, a escola de Pestalozzi, instalada num castelo construído em 1135 no Cantão de Vaud, passava por conflitos e disputas entre o mestre da pedagogia moderna e parte do corpo de professores. E naquele ano, Pestalozzi perdia ainda sua esposa - companheira dos empreendimentos educacionais, Anna Schulthess. Mesmo num panorama de incertezas, por todas as circunstâncias de sua trajetória, tanto profissional quanto posteriormente espiritualista, o fato é que os anos de permanência em Yverdon deixaram marcas profundas e indeléveis em Denizard Rivail.

O Instituto Yverdon é caracterizado pelos analistas da história da educação como uma escola avançada nos quadros do ensino na Europa. Pestalozzi aplicou ali sua metodologia e sistemática de trabalho. Reunia duas vezes por semana com o professorado para a discussão e a avaliação do trabalho pedagógico (ARCE, 2000). Conjugando o ensino formal com as atividades físicas, tinha como lema “Corpo são e mente sã”, além do incentivo às atividades artísticas e o contato com a natureza.

A escola era célebre e recebeu entre os alunos o alemão Friedrich Fröebel (1782/1852), que se tornou um importante nome do pensamento pedagógico moderno, sobretudo com o desenvolvimento dos jardins de infância.

Acerca do Instituto, diversas são as referências encontradas na literatura entre expoentes da intelectualidade e dirigentes políticos, tais como Fichte nos “Discursos à nação alemã” (1943); os escritores Goethe e Madame de Staël; o rei Carlos IV, da

Espanha, o czar Alexandre, da Rússia, e o rei Frederico Guilherme III, da Prússia, entre outros.

Roger Guimps (1802/1894), um aluno de Yverdon, registrou no livro “Histoire de Pestalozzi, de sa pensée et son oeuvre” algumas passagens resgatadas em sua memória acerca dos tempos vividos no educandário:

Os alunos gozavam de grande liberdade; as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família simples, e as crianças quase não se prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem [...]. (GUIMPS, 1874, *apud* WANTUIL & THIESEN, 1999, p.37).

Em tom saudoso, Guimps, que foi contemporâneo de Rivail no castelo e estudou ali de 1808 a 1817, narrou os momentos em que os alunos estabeleciam o contato direto com Pestalozzi:

Três vezes por semana, os mestres davam conta a Pestalozzi da conduta e do trabalho dos alunos; estes, cinco a seis de cada vez, eram chamados à presença do ‘velho’, para receber suas admoestações e exortações. Pestalozzi os levava então, um após outro, a um canto do seu gabinete de trabalho e com eles conversava em surdina. Perguntava se tinham algo para lhes dizer, para lhe pedir; procurava assim ganhar-lhes a confiança, a fim de sondar se eles se sentiam bem, o que lhes agradava e desagradava. Todos os domingos, numa assembléia geral, passava-se em revista o trabalho da semana [...] (id., pp.38-9).

Neste tempo de Guimps e de Rivail, estudavam cento e cinquenta crianças de diferentes nacionalidades. A maioria era composta por internos, com a estadia paga, o que garantia o sustento da gestão do Instituto. Outra parte era de suíços pobres, com estudo gratuito.

No início, os alunos de Yverdon eram alemães, mas com o aumento de estudantes franceses depois da queda de Napoleão, Pestalozzi contratou professores franceses. Entre eles, Alexandre-Antoine Boniface, especialista em gramática e

literatura francesas, influenciou consideravelmente Denizard Rivail, sendo reconhecido e citado em seu primeiro texto didático (1824).

Os conflitos entre os professores e a diretoria da instituição eram cada vez mais latentes - o que culminou com a saída de diversos profissionais da escola em 1817. Pestalozzi combinou a partir de então seu método com o ensino mútuo - técnica onde os alunos mais adiantados atuam como monitores dos demais. Nesse contexto, Rivail teve sua primeira experiência na pedagogia, quando contava com quatorze anos (RE, maio de 1869, p.185).

Como pensador liberal, Pestalozzi obviamente não tinha o enfoque na religião nem tampouco analisava a bíblia como valor absoluto. Parte das divergências entre ele e os professores ocorriam por conta das difíceis questões financeiras; outra parte, diante do acirramento dos debates religiosos.

Pestalozzi conviveu com professores calvinistas e luteranos, radicais e controversos na questão da religiosidade no ensino, e estudantes católicos romanos e ortodoxos. O professor Johannes Niederer (1779/1843), um protestante convicto e ministro evangélico, descontente com o ensino religioso em Yverdon, foi um dos articuladores dessa cisão de 1817 (WANTUIL & THIESEN, id., p.73-4).

Rivail presenciou esse acirramento dos debates e das animosidades religiosas, uma revivificação da fé protestante, movimento coincidente com o declínio de Yverdon (op.cit., p.70) e, seguramente, essas circunstâncias o levaram desde cedo a conceber a idéia de uma reforma religiosa que primasse por uma tentativa de aproximação entre as crenças (KARDEC, OP, p.16).

No último livro, que encerra a série clássica do espiritismo - “Obras Póstumas”, Allan Kardec frisou a primazia da razão sobre qualquer afirmação dogmática, quer

científica ou religiosa, ressaltou a liberdade de consciência como um direito natural e desabafou acerca da intolerância religiosa:

A fé inata será um dos caracteres distintivos da nova geração [do século vinte], não a fé exclusiva e cega que divide os homens, mas a fé raciocinada, que esclarece e fortifica, que os une e confunde num sentimento comum de amor a Deus e ao próximo. Com a geração que se extingue [do século XIX] desaparecerão os últimos vestígios da incredulidade e do fanatismo, igualmente contrários ao progresso moral e social [OP, p.394].

O período da vida de Denizard Rivail entre 1818 a 1824 é desconhecido, bem como o término do ciclo suíço, tema controverso entre os biógrafos. Jean Vartier (1971) acredita que o fim ocorreu em 1818; André Moreil (1961) argumenta que foi em 1819; Henry Sausse (2012) diz genericamente que foi dois anos depois de sua isenção no serviço militar, o que é vago; Anna Blackwell, no prefácio da edição inglesa do “Livro dos Espíritos” (2011) aponta 1824; e Zeus Wantuil e Francisco Thiessen (1999), cuja pesquisa é mais documentada, levantaram dados que indicam que em janeiro de 1823 Denizard Rivail já habitava Paris.

Seja como for, nessa época assinalada como a presumida saída de Rivail, o Instituto atravessava uma relativa estabilidade, com a direção do professor Schmid, desde 1819, assistente de confiança de Pestalozzi - um católico moderado. Entretanto, o método do ensino mútuo, em que pesasse sua difusão na França e na Inglaterra, recebia críticas, bem como a mistura entre alunos ricos e pobres, e um processo movido por Niederer, desde 1817, envolvendo questões financeiras - obteve ganho de causa em 1823, o que abalou a já combalida situação financeira da instituição (WANTUIL & THIESSEN, op.cit., p.67-8).

Esses conflitos não passaram despercebidos pelos alunos e repercutiram na vida escolar de Yverdon. Os internos, aqueles que pagavam pensão e sustentavam as finanças da escola, diminuiriam consideravelmente e o Instituto entrou em decadência.

Em 1825 Pestalozzi anunciou sua decisão de deixar Yverdon e partiu para Neuuhof, onde viveu seus últimos tempos.

Na capital francesa, foi no número dezesseis da rue de la Harpe, onde funcionava o Liceu Saint-Louis, que Denizard Rivail começou efetivamente o exercício do magistério como professor. Com o domínio do inglês, do alemão, do espanhol, do italiano, e conhecendo razoavelmente o holandês, era tradutor nas horas vagas. Em Yverdon os estudantes da França aprendiam o idioma germânico, e os alemães aprendiam o francês.

Traduziu para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral, em especial textos de François Fénelon (1651/1715), que apreciava de modo particular (RE, maio de 1869, p.185).

François de Salignac de La Mothe-Fénelon foi um teólogo católico que mesmo na passagem do século XVII para o XVIII já postulava idéias liberais em questões de educação e política. Intelectual eclético, foi poeta e escritor, vinculado à Academia Francesa de Letras e influenciou, entre outros, Voltaire e Rousseau (1893).

Uma das obras que Rivail traduziu foi “Telêmaco”²⁵. Escrita em prosa poética, a narrativa é focalizada em Mentor, personagem da Odisséia de Homero - sábio e amigo fiel de Ulisses, rei de Ítaca, que partiu para a Guerra de Tróia. Telêmaco, filho de Ulisses, foi confiado a Mentor, que sofreu agruras pela distância do pai. Na obra, Fénelon discutiu questões acerca da moral, as tentações de despotismo e o espírito da conquista (FÉNELON, 1965).

Seguramente, a influência de Fénelon em Rivail foi consistente. Nos livros da doutrina espírita, em diversas passagens seu nome é citado, ou mensagens psicografadas

²⁵ Edição mais recente no Brasil, “As Aventuras de Telêmaco Filho de Ulisses”, lançado pela Editora Madras (2006)

são assinadas por seu suposto espírito (LE, p.50; 52; 70; OQE, p.108-9; 147; CEI, p.53; entre outras).

Em 1823 foi publicado na “Bibliographie de la France” – espécie de revista literária – um prospecto sobre o seu livro, “Cours pratique et théorique D’ARITHMÉTIQUE, d’après les principes de Pestalozzi, avec des modifications”, apresentando o projeto da obra que em dezembro daquele ano chegou às livrarias. Na capa, com a assinatura, a subscrição que marcou todas as suas publicações educacionais: “Par H.L.D.Rivail, disciple de Pestalozzi” (1824).

Denizard Rivail, então com dezoito anos, publicou sua primeira obra pedagógica - um manual fundamentado na didática pestalozziana, com proposições voltadas para professores e mães que quisessem apresentar aos filhos os caminhos da aritmética.

A rigor, Rivail seguiu a linha demarcada por Rousseau em “Emílio” (1762), e Pestalozzi, em uma série de publicações iniciadas em “Como Gertrudes ensina seus filhos” (op.cit.), enfocando a primazia da família, em especial das mães - as primeiras professoras de seus filhos.

O método empregado por Rivail primou pela busca do desenvolvimento gradual das faculdades intelectuais, escalonando fórmulas e princípios matemáticos elementares para as questões mais complexas.

Em meados de 1825, dispensado pelo exército por conta das atividades no magistério, tornou-se diretor de sua própria instituição de ensino - a “Escola de Primeiro Grau” (“École de premier degré”), em Paris - num prédio abandonado pelos jesuítas e cujo tempo de funcionamento é desconhecido.

A França atravessava o período da Restauração, e com a morte de Luís XVIII no ano anterior, assumiu Carlos X. O ambiente político era tumultuado e as pressões da burguesia contrária às inclinações absolutistas eram fortes, bem como entre o

clericalismo e a laicização do ensino. Jean Vartier ressaltou o caráter liberal dos posicionamentos de Rivail (1971, p.28)²⁶:

1825: era a época da luta heróica entre o poder e a burguesia liberal. Liberalismo muitas vezes foi entendido como sinônimo de anti-clericalismo e do ódio para os jesuítas. É fácil entender como Rivail, enraizado na educação cosmopolita de Yverdon, mas munido do otimismo e da segurança dos "reformadores" na política, simpatizava com o partido avançado da burguesia. Não obstante, se declarava contrário ao princípio da educação como monopólio do Estado.

Esse período coincide com os contatos entre Rivail e o magnetismo animal, o mesmerismo, primeira aproximação no campo do misticismo, interessado no estudo do sonambulismo. Por outro lado, sua ênfase por muitos anos continuaria sendo a atuação pedagógica.

Em 1826 fundou a “Instituição Rivail” - educandário que procurou funcionar afinado com os princípios pestalozzianos, modelado no então recém extinto Instituto Yverdon, voltado para os pobres, com uma relação paternal sobre os alunos.

A investidura de Rivail durou até 1834, atravessando a transição entre o governo de Carlos X e o reinado de Luís Filipe, alçado ao poder com a Revolução Liberal de 1830.

Tal como Pestalozzi em diversas experiências pedagógicas, Denizard Rivail morou na escola, intentado a organizar um espírito familiar - sendo um segundo pai para os alunos. Procurou combinar as atividades escolares com o preparo para a realidade do mundo social (WANTUIL & THIESEN, op.cit., p.61).

Em 1832 casou-se com a professora de letras e belas artes Amélie-Gabrielle Boudet (1795/1883), nove anos mais velha que ele e aliada nas atividades escolares.

²⁶ Tradução nossa: « 1825 : era l'epoca eroica della lotta tra il potere e la borghesia liberali. Il liberalismo s'intendeva spesso come sinomino di anticlericalismo e di odio pel i Gesuiti. È facile intuire come Rivail, sradicato dall'educazione cosmopolita di Yverson, ma munito dell'ottimismo e della sicurezza dei 'riformatori' anche in política, simpatizzasse per i partiti avanzati della borghesia. Ciò nonostante, si dichiarava contrario al principio che l'insegnamento fosse monopolio dello Stato ».

Dupla coincidência em relação à Pestalozzi, já que sua esposa, Anne Schultz, era mais idosa e também auxiliava na direção dos empreendimentos educacionais.

A organização da “Instituição Rivail” contou com o aporte de capital de um tio materno de Denizard Rivail. Contudo, viciado em jogos e envolvido em apostas em casas de Spa e Aix-la-Chapelle, na Bélgica e na Alemanha, perdeu um alto volume de dinheiro e se arruinou. Com isso, a escola ficou comprometida e foi fechada em 1834.

Com a sociedade desfeita, sobraram para cada um quarenta e cinco mil francos. Aconselhado pela esposa, Rivail confiou a um amigo da família os recursos para serem aplicados em algum negócio lucrativo. Mas o empreendedor faliu, arrastando Rivail e Amélie (SAUSSE, 2012, p.31). Tal como Pestalozzi, que em várias ocasiões experimentou a falência em suas investidas, Rivail foi vitimado pela inexperiência e certa ingenuidade no campo financeiro.

Diante dos infaustos acontecimentos que resultaram na bancarrota do casal, Denizard Rivail buscou o reerguimento pelo trabalho. Empregou-se como contabilista em três casas comerciais, o que lhe rendia, de acordo com o biógrafo Henri Sausse, cerca de 7.000 francos por ano (id., p.31-2).

À noite, concomitante com o trabalho de contador, elaborava livros didáticos (gramáticas, aritméticas, livros para estudos pedagógicos superiores); traduzia obras inglesas e alemãs e preparava cursos que, juntamente com o Professor Lévi-Alvarès, oferecia a alunos de ambos os sexos no bairro Saint-Germain. Denizard Rivail também postulava contra a segregação das meninas nas instituições de ensino na França.

Organizou e ministrou em sua casa, entre 1835 a 1840, cursos gratuitos de Química, Física, Astronomia, Fisiologia e Anatomia Comparada. Com Pestalozzi compartilhava a idéia social da educação como elemento de superação das misérias.

Em “Obras Póstumas”, como Allan Kardec, enfatizou:

A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano. (...) O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão pode fortalecer, nunca destruir. *É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a humanidade.* [grifo nosso] (2000, p.462).

Em três momentos políticos relevantes da história francesa: em 1828 no reinado de Carlos X - durante a Restauração; em 1831, no governo de Luís Filipe; e na transição entre a Monarquia de Julho e os desdobramentos imediatos da Revolução de 1848, o professor Deinizard Rivail demarcou o posicionamento em relação às leis que estabeleciam as políticas públicas no campo da educação.

No primeiro caso, em 1828, Rivail apresentou um “Plano proposto para a melhoria da Educação Pública”²⁷. Na capa, subscreveu “Por H.-L.-D. Rivail, discípulo de Pestalozzi, diretor de escola da Academia de Paris, membro de diversas sociedades científicas”, e ainda ressaltou o cerne do texto: “Os meios próprios para se educar a juventude são uma ciência bem distinta que se deveria estudar para ser educador, como se estuda a medicina para ser médico” (RIVAIL, 1999).

Apresentado ao Parlamento francês, entre vários pontos que enfatizavam a importância da educação moral, o projeto defendia o aperfeiçoamento do ensino público na educação infantil e ressaltava o caráter científico da educação, propondo, inclusive, a criação de uma “Escola teórica e prática de Pedagogia” (id., op.cit).

No governo de Luís Filipe foram efetuadas ações para a implantação e desenvolvimento da instrução primária. Em fevereiro de 1831 foi nomeada uma Comissão encarregada de revisar a legislação sobre a instrução pública e preparar um projeto de lei para a organização geral do ensino. Rivail encaminhou para a Comissão

²⁷ Título original: « Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique ».

uma “*Memóire sus l’instruction publique*”, formulando proposições que sinalizavam pela liberdade de ensino, contra o monopólio universitário, e a lacuna, que acreditava presente nos estabelecimentos públicos, acerca da ênfase na educação moral (WANTUIL & THIESEN, op.cit., p.123).

Em 1847 Achille Salvandy apresentou às Câmaras vários projetos de lei relacionados com o ensino, e dois deles, em especial, dispunham sobre o ensino primário e da liberdade de ensino em matéria de instrução secundária.

Com o propósito de colaborar com essas proposições, Denizard Rivail publicou um texto intitulado “Plano de reforma para os exames e as casas de educação dos jovens...”²⁸, sugerindo medidas concernentes à organização e a orientação do ensino - medidas que trariam, segundo seu entendimento, melhoras sensíveis à redação de livros escolares e a adoção de obras clássicas pela universidade (id. p.152).

Com o processo revolucionário de 1848 e o regime que se seguiu à Monarquia de Julho - o governo de Luis Bonaparte, as iniciativas do gabinete de Salvandy foram abortadas quase na totalidade.

Entre 1848 e 1849 Rivail ainda escreveu e publicou o “Programa dos cursos usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia”, que professava no Liceu Polimático; os “Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona”; e, finalmente, os “Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas” (REVISTA ESPÍRITA, maio de 1869).

Alçado à presidência em dezembro de 1848, Luís Bonaparte formou um gabinete conservador. Um de seus ministros era Alfred Falloux, político legitimista e clerical ligado à Companhia de Jesus, que iniciou naquele mesmo ano a dissolução das “oficinas nacionais”, que visava enfraquecer o movimento operário.

²⁸ Título original completo : « *Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes, suivi d'une proposition touchant l'adoption des ouvrages classiques par l'Université, au sujet du nouveau projet de loi sur l'enseignement* ».

A rigor, o governo de Carlos X retirou o direito de ensino aos Jesuítas, mas ainda assim a Ordem contou com a tolerância de Luís Filipe e de Bonaparte. Somente em 1880, com a Terceira República, a companhia seria dispersa da França, sob a administração de Jules Ferry, e o fechamento de seus estabelecimentos ocorreria em 1901, com a Lei da Separação (PARIS, E., 2000, p.40).

O ministro da educação fez votar e aprovou, em 1850, a lei que levou seu nome - “Lei Falloux”. Sob o pretexto da liberdade de ensino, a instrução pública foi entregue aos clericais.

No ano em que era aprovada essa lei, que representou a vitória do clero católico no governo Luís Bonaparte, Hippolyte Rivail, então com quarenta e seis anos, decepcionado com a inclinação religiosa do ensino na França, e contando, por outro lado, com uma relativa estabilidade financeira, encerrou suas atividades no campo do ensino. Passou a se dedicar a estudos no campo do esoterismo, como o magnetismo animal e posteriormente às mesas girantes.

Anna Blackwell (1816/1900), professora e escritora, foi a primeira tradutora das obras de Allan Kardec para o inglês. Amiga de Rivail e de sua esposa, chegou a participar de algumas reuniões da “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas” fundada por Allan Kardec. No prefácio do “The Spirits’ Book”²⁹, descreveu:

Pessoalmente, Allan Kardec tinha estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhava a um alemão do que um francês. Enérgico e perseverante, mas de um temperamento calmo, cauteloso, e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação, ele

²⁹ Tradução nossa: “In person, ALLAN KARDEC was somewhat under middle height. Strongly built, with a large, round, massive head, well-marked features, and clear grey eyes, he looked more like a German than a Frenchman. Energetic and persevering, but of a temperament that was calm, cautious, and unimaginative almost to coldness, incredulous by nature and by education, a close, logical reasoner, and eminently practical in thought and deed, he was equally free from mysticism and from enthusiasm. Devoid of ambition, indifferent to luxury and display, the modest income he had acquired from teaching and from the sale of his educational works sufficed for the simple style of living he had adopted, and allowed him to devote the whole of the profits arising from the sale of his spiritist books and from the Revue Spirite to the propagation of the movement initiated by him” (2011, p.14).

era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo. Desprovido da ambição, indiferente ao luxo e à exibição, sua renda modesta que havia adquirido do ensino e da venda de suas obras educacionais eram suficientes para o estilo simples de vida que ele tinha adotado, e permitiu-lhe dedicar todos os lucros decorrentes da venda de seus livros espíritas e da Revue Spirite para a propagação do movimento iniciado por ele [...]. (2011, p.14).

Em 1831 Denizard Rivail foi premiado num concurso de educação e ensino promovido pela Academia Real de Arras pela apresentação do memorial que versou sobre “Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?” (RE, maio de 1869, p.186). Entre 1843 a 1848 Rivail ofereceu ainda cursos públicos bissemanais de matemática e astronomia.

O professor Rivail tinha inclinação pelas ciências exatas. Com atuação considerável e imbuído com o entusiasmo com a ciência e o progresso típico do XIX, fez parte de várias associações científicas e recebeu diplomas e distinções em algumas dessas. A seguir, as filiações conhecidas

QUADRO 1 – Participação de Denizard Rivail em Sociedades Científicas e/ou Diplomas e premiações recebidas³⁰

1829	Sociedade de Previdência dos Diretores de Colégios e Internatos de Paris
1829	Sociedade Gramatical
1831	Sociedade Real de Arrás
1834	Instituto Histórico
*	Sociedade Universal de Estatística
*	Sociedade de Métodos
*	Sociedade de Incentivo à Indústria Nacional
*	Sociedade de Emulação e de Agricultura do Departamento de Ain
1835	Sociedade de Educação Nacional, constituída pelos diretores de Colégios e de Internatos da França
1837	Instituto de Línguas
1847	Sociedade para a Instrução Elementar

³⁰ Fontes diversas, principalmente a Revista Espírita. Os itens assinalados com asterisco a data do início é desconhecida, mas a referência é o discurso pronunciado em 1834 onde ele relaciona suas filiações.

Ao longo de sua carreira, antes de adotar o nome Allan Kardec, Denizard Rivail publicou várias obras sobre educação e ensino. No quadro a seguir, uma relação dos textos conhecidos, a partir de referências na Revista Espírita e em Obras Póstumas:

QUADRO 2 – Lista de obras e textos de Denizard Rivail na educação:

1824	Curso prático e teórico de Aritmética, segundo o método de Pestalozzi, para uso dos professores e das mães de família.
1828	Plano proposto para melhoramento da Instrução pública
1831	Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?
1831	Gramática Francesa clássica
1834	Discurso pronunciado na distribuição de prêmios
1846	Manual dos Exames para os títulos de capacidade.
1846	Soluções racionais das questões e problemas de Aritmética e de Geometria
1848	Catecismo Gramatical da Língua Francesa
1849	Programa dos Cursos Usuais de Química, Física, Astronomia, Fisiologia (utilizados nas aulas do Liceu Polimático)
1849	Ditados normais dos exames da Municipalidade e da Sorbona
1849	Ditados especiais sobre as dificuldades ortográficas

4.2 – A didática pestalozziana

É consenso entre os principais estudiosos e biógrafos que a transição entre Hippolyte Leon Denizard Rivail e Allan Kardec, em que a atividade no campo da doutrina espírita ganhou disseminação e notoriedade, redundou em certo encobrimento de suas contribuições na área da educação. Na “Bibliothèque Nationale de France” (BnF), praticamente todas as referências são da fase propriamente religiosa.

Jean Vartier - biógrafo italiano - ainda mencionou a especulação de certos analistas que sustentam que a biografia de Rivail nos anais da história da pedagogia seria diferente caso ele tivesse atuado como assistente de Pestalozzi (1971, p.22-3).

O acervo disponível sobre Allan Kardec é amplo, mas, por outro lado, as referências sobre a trajetória como educador é esparsa, e o conhecimento de certas passagens biográficas é limitado. São poucas as fontes diretas ou mesmo indiretas para

o estudo aprofundado de todas as faces desse ativista, cujo caminho confunde-se com a história da consolidação da educação contemporânea na França, plasmada pelos projetos da modernidade burguesa.

Na introdução de seu curso prático de Aritmética, Denizard Rival elencou os seis princípios do sistema de Pestalozzi que aplicou em sua obra: (RIVAIL, 1824; PIRES, 2004, p.88-9)

- a) o cultivo do espírito natural de observação do educando, chamando-lhe a atenção para os objetos que o rodeiam;
- b) o cultivo da inteligência, seguindo a marcha que possibilite ao aluno descobrir as regras por si próprio;
- c) partir sempre do conhecimento para o desconhecido, do simples para o composto;
- d) evitar todas as atitudes mecânicas, possibilitando que o aluno compreenda a razão e o foco e tudo o que ele faz;
- e) fazer com que ele apalpe com os dedos e com a vista todas as realidades;
- f) confiar à memória somente o que já foi captado pela inteligência.

André Moreil, também biógrafo de Allan Kardec, analisou: “Os princípios 3 e 5 parecem ter sido aproveitados, palavra por palavra, para a elaboração do Livro dos Médiuns, o que prova a importância extraordinária da fase de Yverdun na vida do futuro fundador do Espiritismo” (1986, p.36). Henri Sausse destacou: “Foi nessa escola que se desenvolveu as idéias que deviam torná-lo um observador atento e metuculoso, um pensador prudente e profundo” (2012, p.29).

No “Plano proposto para a melhoria da Educação Pública”, Denizard Rivail reiterou a função da família na educação - principalmente moral, a condição da mãe

como primeira educadora, a importância da educação infantil e, sobretudo, a necessidade do aperfeiçoamento da pedagogia e de escolas de formação de professores:

A educação, considerada como arte pedagógica, foi até aqui objeto de especulação de um número muito pequeno de indivíduos que se ocuparam disso por prazer; mas é preciso notar que a maioria daqueles que fizeram pesquisas profundas sobre essa arte, jamais a praticaram. Frequentemente também se entregaram a idéias sistemáticas, impraticáveis ou nocivas, enquanto que aqueles que a praticam, não a estudam. De mil pessoas dedicadas à educação, muitas vezes não se encontrará uma só, que tenha lido um quarto das obras sobre o assunto. Aqueles que se destinam à magistratura não podem ser advogados sem terem estudado as leis; não confiaríamos a saúde a um indivíduo que se dissesse médico sem ter estudado medicina; por que confiaríamos assim tão levemente os filhos a homens que não sabem o que é educação? (1999, p.30).

Na defesa da profissão do educador, Rivail lamentava o atraso da educação, que entre suas causas a principal é “[...] um preconceito geralmente difundido contra tudo que tem relação com a educação; diria mesmo que há uma espécie de humilhação ligada à profissão de educador; [...]” (id., p.31).

O jovem professor acreditava na pertinência de seu Plano para o preenchimento das lacunas que ele acreditava existirem até então na Educação. Em síntese das proposições, argumentou:

Três coisas me parecem, pois, de uma necessidade absoluta para a melhoria da educação em geral, seja qual for o modelo que se adote, e sejam quais forem as modificações que se julgue a propósito fazer no meu plano: 1º a organização de estudos especiais da arte da educação, ou dito de outra forma, o estabelecimento de escolas pedagógicas; 2º a mudança do plano de estudos clássicos; 3º a abolição da obrigação dos diretores de escola de conduzir seus alunos aos cursos dos colégios reais. Se forem contornadas essas três dificuldades, a educação fará, não tenho dúvidas, os progressos mais rápidos (id., p.76).

No campo da gramática, Denizard Rivail publicou, em janeiro de 1831, a sua “Grammaire Française Clasique sur um nouveau plan”, texto didático com 160 páginas, vendida em vários pontos de Paris, inclusive na sua casa. O pedagogo procurou expor e explicar os princípios, bem como as regras que regulavam a língua francesa, ressaltando

com exemplos o modo com que falaram e escreveram importantes autores clássicos e intelectuais da história da França (WANTUIL & THIESEN, op.cit., p.124).

Outro texto acessível de Denizard Rivail é a publicação do “Discurso pronunciado na Distribuição de prêmios”, datado de 14 de agosto de 1834. No impresso publicado, na capa assinou e relacionou: “Por Sr.Rivail – Diretor de escola, membro da Academia da Indústria, da Sociedade Universal de Estatística, do Instituto Histórico, da Sociedade Gramatical, da Sociedade de Métodos, Correspondente da Sociedade de Emulação de Ain, etc, etc. [sic]” (1999).

No discurso, Denizard Rivail enfatizou fundamentalmente a importância da educação infantil, abarcada em seu espectro amplo: “A instrução de uma criança não consiste apenas na aquisição desta ou daquela ciência, mas no desenvolvimento geral da inteligência” (op.cit., p.78).

Sintonizado com os debates iniciados por Rosseau, Fröebel e Pestalozzi, acerca das especificidades desta educação, afirmou: “Sem dúvida que seria absurdo querer fazer crianças de doze anos seguir cursos completos de história natural, de física, de química, de astronomia (...) mas as noções primeiras de todas as ciências estão ao seu alcance; elas podem ser decisivas para a sua educação.” (id., p.84). E à preocupação com uma didática especializada, reiterou: “A soma de idéias que a criança adquire não depende somente do número de coisas que ela aprende, mas também da maneira que cada coisa é ensinada.” (id., p.85).

Denizard Rivail ainda teceu considerações sobre os melhores métodos de ensino em diferentes áreas: a linguística, a física, desenho e leitura regular (que ele havia introduzido em sua escola, a história).

Antes da renovação dos estudos da história operada pelos franceses na escola dos annales, na segunda década do século XX, o historiador, também francês, Jules

Michelet (1798/1874), promoveu uma avanço em relação à historiografia positivista marcada pela ênfase no político e na sucessão de fatos.

Sobre as concepções do ensino da história, Denizard Rivail, ainda neste discurso, pontuou suas convicções, em antecipação aos debates sobre a valorização do campo cultural:

O objeto deste método é de apresentar os fatos da história de uma maneira sensível, por meio de desenhos; mas a escolha dos fatos não é indiferente. Em toda parte, este ensino se limita à história política; o conhecimento rigoroso de uma multidão de datas sem importância, de tratados, de batalhas, da filiação das casas dos soberanos, forma o fundo deste estudo e o torna árido. Mas há outra série de fatos não menos essencial e mais interessante; são os que *caracterizam os costumes e usos que fazem conhecer os progressos das artes e das ciências, as origens etc.* Tomei por base os homens célebres por que são eles que fazem a história e servem de centro para onde convergem os eventos de detalhe; mas não me limitei aos personagens políticos; todos aqueles que se tornaram ilustres nas letras, nas artes e nas ciências, aqueles cujas virtudes tornaram seus nomes queridos à posteridade, tiveram de encontrar lugar neste museu histórico, assim como as descobertas, as invenções, os monumentos importantes, etc. Tudo isso caracteriza progresso do espírito humano. Os costumes aumentam ainda o interesse e a verdade desta coleção; pois os costumes também fazem parte da história. [grifos nossos] (op.cit., p. 89).

Como herdeiro das Luzes na melhor tradição de Pestalozzi e de Rousseu, imbuído do espírito liberal - afastado das atividades profissionais diante dos rumos da política francesa, em especial da mescla entre interesses religiosos e ensino público - Hippolyte Léon Denizard Rivail conheceria as mesas girantes e efetuou a inclinação para os estudos tidos como esotéricos. A adoção do pseudônimo Allan Kardec marcou essa inflexão, mas longe de abandonar os conhecimentos e as utopias educacionais, incorporou na nova doutrina suas concepções pedagógicas - o assunto do próximo capítulo.

Gravura 6 – O “pai” Pestalozzi

A figura difundida de Johann Henrich Pestalozzi é associada com a pedagogia do amor, e o caráter social da educação é ressaltado.



Fonte: Disponível em: <<http://www.pestalozzirj.org/>>

Gravura 7 – O Castelo de Yverdon

Imagem atual onde funcionou o Instituto de Pestalozzi na Suíça.

Fonte: Disponível em: <<http://www.mundoespirita.com.br/index.php?act=conteudo&conteudo=1201>>

Gravura 8 – Hippolyte Leon Denizard Rivail

O professor Denizard Rivail na fase como Allan Kardec, na imagem mais reproduzida e difundida.

Fonte: Disponível em < <http://peloscaminhosdaevangelizacao.blogspot.com.br/2010/09/allan-kardec-e-o-pentateuco.html>>

Gravura 9 – A Mesa girante

Fonte: Disponível em: < <http://conscienciadaalma.blogspot.com.br/2011/05/as-mesas-girantes.html>

Gravura 10 - Esoterismo nos salões requintados de Paris

Fonte: Disponível em: < <http://ceak.org.br/therezinhaoliveira/index.php/2010/04/kardec-e-a-codificacao/>>

CAPÍTULO V

DE H.L.D.RIVAIL A ALLAN KARDEC: CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO NA PEDAGOGIA DO ESPÍRITO

*É no problema da educação que assenta o grande segredo
do aperfeiçoamento da humanidade.*

Immanuel Kant

5.1 – Das mesas girantes à gênese do espiritismo

A consolidação do discurso científico da modernidade remeteu indubitavelmente ao domínio da razão sobre a fé, com a preponderância do método experimental. Entre o Iluminismo e as revoluções sociais do século XIX, apenas no período contextualizado neste trabalho, havia na França e na Europa uma profusão de crenças, ordens secretas e misticismos variados, alguns com a pretensão mais ou menos científicas, que aglutinavam também intelectuais e políticos das variadas esferas.

Na segunda metade do século XVIII o médico austríaco Franz Anton Mesmer (1734/1814) propôs como terapia de cura a partir de um conjunto de procedimentos que consistiam na suposta troca de fluidos magnéticos entre dois organismos vivos. O sistema que foi disseminado consideravelmente na Europa foi chamado de “magnetismo animal”, ou “mesmerismo”.

Robert Darnton, historiador estadunidense especializado em mentalidades, em especial na cultura popular do período, em “O lado oculto da revolução”, (1988) analisou o mesmerismo no contexto da Revolução Francesa, demonstrando o impacto dessas ideias sobre os literatos e ativistas da política engajados no projeto revolucionário.

Para Mesmer, que frequentava círculos ocultistas e alquímicos na Áustria, seguindo a linha do místico Paracelsus, haveria correspondência entre o mundo exterior – o macrocosmo – e as diferentes partes do organismo – o microcosmo. A tese de formatura de Mesmer em Medicina descrevia a influência planetária por intermédio de um fluido magnético universal com poderes sobre a matéria viva. Haveria ainda um magnetismo animal que existiria em duas formas antagônicas, emanando nos lados direito e esquerdo do corpo humano. A cura das enfermidades ocorreria pela restauração do equilíbrio entre os fluidos. Baseado nessas premissas elaborou uma terapia que consistia na fixação dos olhos e na aplicação de passes magnéticos com o uso das mãos (FIGUEIREDO, 2007; FACURE, 2000).

Na esteira do cientificismo e do racionalismo, típicos das Luzes, Mesmer procurou imprimir um caráter acadêmico às suas teorias, o que foi rechaçado pelo ceticismo e desdém das faculdades médicas.

Ainda cedo, Denizard Rivail entrou em contato com os fenômenos do magnetismo. Em 1823, quando tinha 19 anos, estudou as fases do sonambulismo, tido por ele como mistério perturbador, com a aplicação da terapia do mesmerismo (SAUSSE, 2012, p.33-4). Pestalozzi, inclusive, buscou o mesmerismo para o tratamento de uma doença de seu filho. Seu amigo próximo, Lavater (exposto no terceiro capítulo) era um entusiasta dessa corrente.

Na Suécia, o místico Emanuel Swedenborg (1688/1772), filho de um pastor luterano, formou em engenharia de minas, foi catedrático de Matemática na Universidade de Uppsala e chegou a ocupar cargos no governo sueco. Com a morte do pai, a família foi elevada à nobreza pela rainha Ulrica.

Consta que ele costumava ter visões desde criança, fenômeno esporádico que foi diminuindo com o passar do tempo. Todavia, numa viagem a Londres, em 1744, supostas forças psíquicas desabrocharam, permanecendo até sua morte em 1772, aos 84 anos de idade (STANLEY, 2007). Swedenborg escreveu livros com a descrição das pretensas esferas espirituais, alegava ter visões, premonições e desdobramentos do corpo físico.

Suas atividades paranormais exerceram influência em diversos intelectuais. Entre seus admiradores, constavam intelectuais como Baudelaire, Balzac, Jorge Luís Borges. Até o filósofo Kant - como revelou numa carta a Charlotte Von Knoblock - ficou impressionado com a narrativa de Swedenborg, num jantar, que teria visualizado e descrito um incêndio que ocorreu em Estocolmo a pelo menos trezentos quilômetros do lugar: “Esta ocorrência parece ser a prova cabal dos poderes paranormais de Swedenborg”, escreveu (swedenborg.org, 2012).

Sobre suas relações com o vidente da Escandinávia, Kant dedicou um livro a Swedenborg, “Os sonhos de um Espírito Vidente” (em tradução livre)³¹, obra controversa que divide os especialistas, cujas opiniões acerca das pretensões de Kant são opostas, desde opiniões acerca de um ataque cético do filósofo sobre o misticismo de Swedenborg até o suposto reconhecimento de sua seriedade.

O espiritualismo de Swedenborg tem alguma penetração no Brasil, com centros e entidades de estudos místicos nessa linha.

³¹ Edição inglesa acompanhada de seis ensaios de especialistas de áreas diversas: “Dreams of a spirit-seer and other writings” (2002). Em português, conferir também: “A loucura na Razão Pura: Kant, leitor de Swedenborg”, de Monique David Ménard, da Editora 34 (1996).

Na articulação similar àquela operada por Allan Kardec, a combinação entre a religiosidade considerada esotérica e a racionalidade, em Nova Iorque, em 1875, Helena Petrovna Blavatsky fundou a “Sociedade Teosófica”, e o Austro-húngaro Rudolf Steiner (1861/1925), filósofo e educador, lançou a Antroposofia. Em que pesem certas variações, são abordagens cristãs, reencarnacionistas com proposição de aproximação entre a ciência e religião.

Fenômenos extra-psíquicos como a noção de alma separada do corpo, a suposta incorporação de ditos espíritos e a pretensa comunicação com os espíritos dos antepassados, são fenômenos recorrentes em todas as sociedades, obviamente com diferentes representações.

Como assinalou o sociólogo Émile Durkheim em “As Regras do Método Sociológico” (2011), que trata a religião como fato social, acerca dos esforços do homem em compreender os fenômenos físicos diversos:

Antes dos primeiros rudimentos da física e da química, os homens já possuíam sobre os fenômenos físico-químicos noções que ultrapassavam a pura percepção, como aquelas, por exemplo, que encontramos mescladas a todas as religiões. É que, de fato, a reflexão é anterior à ciência, que apenas se serve dela com mais método. O homem não pode viver em meio às coisas sem formar a respeito delas idéias; de acordo com as quais regula sua conduta (2012, p.14).

Um mito fundacional do moderno espiritualismo ocidental é um episódio peculiar que ocorreu nos Estados Unidos, no mesmo ano de 1848 das barricadas revolucionárias das ruas das capitais européias: o “caso das irmãs Fox”.

Kate, Leah e Margareth Fox, filhas de uma família de origem canadense instalada no condado de Hydesville, no estado de Nova Iorque, escutavam batidas nas paredes em casa. Combinando pancadas produzidas com as letras do alfabeto, as irmãs teriam obtido a suposta identidade daquele que produzia os sons, um mascate de nome Charles Rosma que, quatro anos antes, com trinta e um anos, teria sido assassinado

naquela casa e enterrado na adega (RIZZINI, 1995, p.50-1). O insólito diálogo foi estabelecido a partir da combinação entre pancadas na parede e a correspondência numérica com as letras do alfabeto. O caso ganhou repercussão, sendo amplamente noticiado e acompanhado pela imprensa estadunidense.

Arthur Conan Doyle, escritor imortalizado através de seu personagem mais famoso, o detetive Sherlock Holmes, se tornou adepto da doutrina de Allan Kardec, e uma de suas obras, “História do Espiritismo”, estudou, entre outras etapas do esoterismo moderno, o fenômeno em questão:

Conquanto o desafio da mocinha tivesse sido feito em palavras brandas, foi imediatamente respondido. Cada pedido era respondido por um golpe. Posto que humildes os operadores de ambos os lados, a telegrafia espiritual estava funcionando. Deixavam a paciência e a dedicação da raça humana determinar as alturas do emprego que dela fariam no futuro. Havia muitas forças inexplicadas no mundo; mas aqui estava uma força que pretendia ter às suas costas uma inteligência independente. Isto era a suprema significação de um novo ponto de partida (2006, p.75).

Pesquisador do espiritismo e um dos principais biógrafos de Allan Kardec, Zeus Wantuil descreveu, a partir de consultas em fontes da imprensa dos Estados Unidos, um encontro entre as irmãs Fox e alguns intelectuais:

[...] Numa Sessão realizada em Nova Iorque, em 1850, sentados ao redor de uma mesa, vemos o Ver. Griswold, o novelista Fenimore Cooper, o historiador J. Bancroft, o Dr. Hawks, os doutores J.W. Francis e Marcy, o poeta quaker Willis, o poeta Bryant, o general Lyman e o periodista Bigelow, do *Evening Post*. Todos eles se manifestaram satisfeitos com a sessão, e declararam: ‘ As maneiras e a conduta das jovens (isto é, das irmãs Fox) são tais que tudo se inclina a favor delas (WANTUIL, 1994, p.8-9).

Os principais estudiosos do assunto categorizam o espiritualismo a partir das historicizações específicas acerca do desenvolvimento nos diferentes países. No caso, os esforços de Allan Kardec são mencionados como o “espiritismo” (nomenclatura exclusiva a partir de demarcação do próprio Rivail) francês.

O movimento espiritualista nos Estados Unidos avançou a partir do caso das Irmãs Fox, em interação com o protestantismo de diferentes grupos e seitas por intermédio de enfoques educacionais, redundando em diversas publicações e formação de grupos de estudo (SILVA, 1997, p.8). A primeira organização espírita regular foi constituída em Nova Iorque, em 10 de junho de 1854, sendo denominada “Sociedade para a difusão do Conhecimento Espírita, entre cujos membros, contava com um Juiz, Edmonds, e o governador de Wisconsin, Tallmadge” (DOYLE, op.cit, p.129).

Poucos anos após os acontecimentos de Hydesville, as tentativas de reprodução do fenômeno ocorreram com a adaptação do suposto contato com os mortos através de “mesas girantes”, que se espalharam e tornaram um modismo na Europa - sensação nas reuniões sociais, principalmente, em Paris e Lyon. Os jornais anunciavam esses fenômenos estranhos sem a preocupação com a indagação das causas.

A chamada “mesa girante” consistiu num móvel redondo com três pés, à qual os participantes invocavam a manifestação de forças sobrenaturais. Com a crença de uma presença espiritual, a mesa dava saltos e girava, indicando as letras do alfabeto de acordo com os códigos estabelecidos. Alguns atribuíam tais efeitos à “manifestação demoníaca”, e o Santo Ofício condenou as mesas em 1856, com a alegação de que havia ali interferências do hipnotismo e do magnetismo.

Os magnetistas, por sua vez, também acreditavam que os fenômenos poderiam ser causados por fluidos elétricos ou magnéticos, ou ainda, por algum outro tipo de manifestação desconhecida, porém similar.

No final de 1854, certo Fortier, amigo de vinte e cinco anos do professor Hippolyte Rivail, lhe relatou sobre a existência das “mesas falantes”, artefatos que eram capazes de emitir respostas coerentes a seus interlocutores por meio de códigos. Incrédulo no princípio, Rivail, que fazia parte da Sociedade de Magnetismo de Paris,

compartilhava da mesma opinião dos magnetistas acerca das mesas girantes. Entretanto, outras descrições deixaram-no intrigado, como no início de 1855, quando Carloti, outro amigo próximo, fez comentários similares das tais mesas e sessões.

Imbuído de dúvidas e hesitações, anos mais narrou suas dúvidas iniciais acerca da aceitação dos fenômenos espirituais, publicadas em “Obras Póstumas”:

Eu estava, pois, diante, de um fato não explicado, aparentemente contrário às Leis da Natureza e que a minha razão repelia. Ainda nada vira, nem observara; as experiências, realizadas em presença de pessoas honradas e dignas de fé, confirmavam minha opinião quanto à possibilidade do efeito puramente material, mas a idéia de uma mesa falante ainda não me estrara na mente (2000).

Em maio de 1855, Hippolyte Rivail acompanhou o amigo Fortier a uma reunião na residência da senhora Plainemaison. A incredulidade foi abalada quando viu as mesas saltarem, baterem contra o chão, respondendo a perguntas com uma lógica. No ano seguinte, passou a frequentar assiduamente as reuniões na casa dos Baudin, em sessões seletas, mas numerosas.

A adoção do pseudônimo, pelo qual ficaria mais conhecido na posteridade, é o indicativo da nova fase do experiente pedagogo, e ocorreu depois de uma das sessões espíritas - um médium lhe contou que, em vidas passadas, ele teria sido supostamente um “druida”, denominação dos sacerdotes celtas, de nome Allan Kardec (DENIS, 2001, p.17-9).

Na obra “O que é o espiritismo”, Kardec esclareceu sobre o que o levou a estudar cientificamente esses novos fenômenos: “Tendo adquirido, no estudo das ciências exatas, o hábito das coisas positivas, sondei, perscrutei esta nova ciência nos seus mais íntimos refulhos; busquei explicar-me tudo, porque não costumo aceitar ideia alguma, sem lhe conhecer o como e o porquê” (2003, p.47).

Com o início surto das mesas girantes, que prevaleceu na Europa e em especial na França do Terceiro Império até 1870, foi inaugurada uma fase de pesquisas com a pretensão científica sobre a comunicação com os mortos e outras manifestações neste campo.

Sociedades de cientistas para investigar o assunto foram organizadas, e Allan Kardec juntou-se um grupo eclético, composto por intelectuais de diferentes áreas - alguns consagrados.

Entre outros, os escritores Victor Hugo, Lamartine, Honoré de Balzac, Alexandre Dumas e Arthur Conan Doyle; o historiador Jules Michelet. Das ciências “duras”, os físicos Willaim Crookes e Michael Faraday; o criminalista Cesare Lombroso; Ernesto Bozanno (MALGRAS, 2002).

Vários destes estudiosos publicaram livros sobre o assunto, proporcionando uma vasta literatura com a proposição da extensão da racionalidade ao entendimento do mundo espiritual.

Entretanto, parte significativa desses estudiosos era interessada na fenomenologia espiritual em si, ou seja, a compreensão dos aspectos da mediunidade, com enfoque tímido, ou nenhum, nas questões doutrinárias.

Rigorosamente, defendemos que o grande diferencial de Allan Kardec, e o tipo de poder carismático exercido no movimento espiritualista francês ocorreu, sobretudo, pela sua formação pedagógica, pela matriz de pensamento Pestalozzi e seu legado filosófico humanista, com a ênfase no sujeito, como abordado no próximo item.

Um caso típico nessa linha de raciocínio foi Albin Valabrégue (1853/?), um dos grandes nomes da dramaturgia francesa. Em depoimento ao “Almanach de la Survie pour 1900”, reforçava suas crenças nos fenômenos da espiritualidade:

Estou feliz por me dizer espírita numa época em que essa afirmação pode render o ridículo. Fui o mais cético dos homens diante da nova ciência (...) A sobrevivência e a comunicação com os mortos não são somente provadas. Isso não seria bastante dizer! Não há apenas provas, há *todas as provas*. Veem-se os mortos, são tocados, falam, escrevem, eles provam sua identidade.” (*apud* MALGRAS, 2002, pp.120-1).

Adepto do Círculo de Paris, por outro lado, pediu o desligamento em 1905 do “(...) Espiritismo oficial, isto é, Kardecista no que concerne à religião e à filosofia”.

Nos primeiros anos do espiritismo no Brasil, quando foi constituída a Federação Espírita Brasileira, havia uma disputa entre elementos que defendiam a preponderância do caráter racional e científico dos estudos e aqueles que enalteciam os aspectos doutrinários com ênfase na ética da caridade. Dentre esses últimos, o grupo que prevaleceu na organização do espiritismo brasileiro, destaque para a atuação do médico escritor e político cearense Adolfo Bezerra de Menezes (1831/1900), deputado imperial que foi diretor (1890/1891) e presidente da FEB (1895/1900), atuou pela unificação da doutrina e a ênfase nos aspectos da religião.

5.2 – Ciência, Filosofia e Religião na sistematização da doutrina espírita

Foi na Rua Lamartine que os contatos entre Kardec e o presumido mundo dos mortos ficariam mais constantes. A comunicação já não ocorria por pancadas de mesas, mas através da intercessão de alguns “médiums”, espécie de ‘ponte’ entre o mundo invisível e o material - eram utilizados outros mecanismos para a obtenção das respostas, como a psicografia por meio de uma “cesta-de-bico”.³²

Com essas sessões sistemáticas, começou a ser elaborado o “Livro dos Espíritos” (2000), cuja publicação ocorreu em 1857 a partir de dois anos de trabalhos,

³² Em o “Livro dos Médiums” (2001, p.164-6) Kardec explicou esse instrumento: “[a cesta de bico] consiste em adaptar na cesta uma haste de madeira, inclinada, fazendo sair de dez a quinze centímetros de um lado, na posição do mastro da proa de um navio. Por um buraco feito na extremidade dessa haste ou bico, se faz passar um lápis bastante longo para que a ponta repouse sobre o papel. O médium, tendo os dedos sobre as bordas da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve...”

com perguntas elaboradas por Allan Kardec, e respostas coletadas e organizadas dos chamados “espíritos desencarnados”. Na primeira edição havia 501 questões e a obra teve rápido êxito e circulação, o que levou ao lançamento de uma segunda edição, em 1860, com 1018 perguntas.

Na construção do imaginário espírita, foi a 30 de abril de 1856 que Allan Kardec conheceu a sua “missão”: a codificação das bases da doutrina. Numa sessão, uma jovem médium recebeu a comunicação do “Espírito da Verdade”³³, que incumbiu o velho professor a trazer a “terceira revelação” (as anteriores teriam sido de Moisés e de Jesus Cristo, respectivamente).

Rivail teria aceitado a missão e, à medida que se aprofundou no trabalho, interpretou que aqueles ditos “espíritos” não eram comuns e a profundidade das idéias e palavras não decorria simplesmente por suas condições de desencarnados, mas pelo grau de adiantamento.

O cerne essencial do pensamento kardequiano foi apresentado n’ “O Livro dos Espíritos”, tendo Deus como a causa primeira e permanente e a preponderância da existência espiritual. Com a reformulação e a ampliação na segunda divisão, que contou com a colaboração de médiuns em cerca quinze países, na Europa e na América, dirigidos por Allan Kardec, a obra é dividida em quatro partes: “As causas Primeiras”, com 75 perguntas versando sobre Deus, o universo, a criação e o espírito vital; o “Mundo Espírita ou dos Espíritos”, em que se analisam a existência dos espíritos, a encarnação e a pluralidade das existências, assim como a intervenção dos espíritos no mundo corporal; as “Leis Morais”, discutindo, entre outros, noções como as leis do trabalho, da reprodução, da sociedade, do progresso e da liberdade; e por último,

³³ Sobre esse “Espírito da Verdade”, os biógrafos brasileiros interpretaram: “A 25 de março de 1856(...) [Allan Kardec] toma conhecimento da existência do seu guia espiritual – A Verdade –, que o protegeria e ajudaria sempre, assistindo-o quer diretamente, através de médiuns, quer pelo pensamento, forma esta que se tornou, mais tarde, a única.” (WANTUIL e THIESEN, 1980, p.106).

“Esperanças e Consolações”, pontuando as penas e gozos terrestres e as penas e gozos futuros (LE, 2000).

Essa nova tiragem foi esgotada em quatro meses, sendo disseminada em toda a Europa e também nos Estados Unidos.

Em 1858 foi fundada a “Revue Spirite”, tendo como subtítulo “Journal d’Études Psychologiques”, órgão trimestral que procurou acentuar o caráter científico do espiritismo, definido como um estudo da alma humana em suas variadas perspectivas. Até o ano de sua morte, Allan Kardec dirigiu o periódico, cuja publicação, com algumas interrupções, sobretudo pelas duas guerras mundiais, ocorre até os dias atuais sob a organização do “Conseil Spirite International” (CSI).

Allan Kardec e sua esposa Amélie Gabrielle fundaram também em 1858, a “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas” (“Société Parisienne d’Étude Spirites”), com as primeiras reuniões realizadas na residência do casal, à rue des Martyrs. Contudo, diante do número crescente de frequentadores, ocorreu a necessidade do aluguel de um local mais amplo. Denominada posteriormente “Sociedade Espírita de Paris”, ou simplesmente, “Sociedade de Paris”, foi um grupo fechado, com admissão restrita de seus membros diante da preocupação em afastar eventuais curiosos. Contou com um presidente, um vice, secretário geral, secretários adjuntos e tesoureiro. Coube aos sócios titulares e livres o pagamento de uma cota anual para as despesas da entidade.

Presidente da Sociedade, Allan Kardec tentou em vários momentos renunciar ao cargo e dedicar-se a outros projetos, mas sempre foi reeleito por unanimidade. De acordo com as crenças do movimento espírita, além dele, a entidade tinha também um “presidente espiritual”, o espírito do santo católico São Luís, a quem Kardec pedia supostamente conselhos e auxílio.

Essa segunda fase da vida do professor, convertido ao estudo do espiritismo sob o pseudônimo Allan Kardec, foi intensa, com palestras, principalmente pela França e com a correspondência com pessoas em todo o mundo.

Entre a publicação do “Livro dos Espíritos”, em 1857, até o ano da morte, em 1869, doze anos, portanto, organizou a doutrina espírita, alicerçada em mais quatro outros livros por ele editados, formando o “pentatêuco kardequiano”: “O Livro dos Médiuns” em 1861; “O Evangelho Segundo o Espiritismo” em 1864; “O Céu e o Inferno” em 1865; e “A Gênese”, em 1868. Em 1864, foi publicado um resumo da doutrina em “O que é o Espiritismo”. Após sua morte, foi compilada a “Obras Póstumas” em 1890.

Em “O Livro dos Médiuns” (2001), Kardec aprofundou no caráter investigativo e experimental do que considerava a nova ciência, com referenciais teóricos e metodológicos para a compreensão fenomenológica das intervenções dos espíritos na realidade prática, assuntos até então, segundo ele, desconhecidos do meio científico. A terceira obra, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (2001), enfatiza os aspectos da moral, da ética e do comportamento do homem, e os Evangelhos canônicos são interpretados a partir da orientação espírita, com destaque para as preces e a importância da caridade.

A obra “O Céu e o Inferno” é dividida em duas partes. Na primeira, Allan Kardec defende a tese do Espiritismo enquanto fé raciocinada, uma superação entre as contradições e incoerências entre as abordagens filosóficas e conhecimento científico. A segunda parte do livro é dedicada à exposição de diálogos entre Allan Kardec e atribuídos espíritos de diversas características mentais e intelectuais. O propósito do autor com esses casos descritivos foi apresentar as diferentes condições dos seres

humanos no além-túmulo, enfatizando o caráter das leis de causa e efeito, em conformidade com as leis de Deus.

Em “A Gênese” (2001) é construída a cosmogonia das representações do espiritismo, com a exposição de termos de aspectos científicos e filosóficos, desde a criação do universo e a formação dos mundos até o surgimento do espírito. Os milagres são analisados, nessa ótica, como fenômenos naturais, com mecanismos desconhecidos pela ciência. Apresenta também em esboço da criação dos planetas a partir dos pressupostos científicos da época.

Além do “pentateuco”, publicou “O Que é espiritismo” (2003), onde expôs resumidamente os princípios da doutrina que constituía e procurou responder eventuais objeções que o tema poderia suscitar. E em “Obras Póstumas”, uma coletânea de textos e anotações particulares do autor, vários pontos são abordados - desde a organização institucional do espiritismo até a discussão do espiritismo como uma “doutrina natural”, a fim de colocar o homem em relação direta com Deus.

Esses sete livros são conhecidos como as “obras básicas do espiritismo”. Preocupado com a disseminação e, principalmente com os aspectos didáticos e conceituais de sua doutrina, Allan Kardec, depois da inesperada repercussão do lançamento da primeira edição do “Livro dos Espíritos”, lançou também uma espécie de manual, essencialmente prático, que contemplou a exposição das condições necessárias para a comunicação com os espíritos e os meios para o desenvolvimento da faculdade mediúnica - a “Instrução prática sobre as manifestações espíritas” (2007). O livro teve pequena tiragem e ao invés de reeditá-lo, Kardec preferiu diluir os assuntos na segunda edição de “O Livro dos Espíritos” e, posteriormente, n’”O Livro dos Médiuns”.

Com o propósito de popularizar o Espiritismo e tornar ágil a sua divulgação, Allan Kardec redigiu uma série de pequenos textos e os distribuiu por toda a França, e

quatro deles foram reunidos na obra “O Espiritismo em sua expressão mais simples e outros opúsculos” (2006).

De suas viagens realizadas para a divulgação da doutrina espírita entre as férias da Sociedade Espírita de Paris, a de 1862 pelo interior francês foi a mais importante, merecendo dele uma publicação específica: a “Viagem Espírita de 1862”. Nessa jornada, época em que a França já dispunha de uma considerável malha ferroviária, foram necessários dois meses, percorridos em trens que circulavam a cinquenta quilômetros por hora. Kardec visitou cerca de vinte cidades, percorrendo 693 léguas. No opúsculo sobre a viagem, versou acerca do estado do Espiritismo e sobre a formação de grupos e sociedades espíritas.

O pensamento de Allan Kardec, exposto ao longo de suas obras, constituiu o espiritismo francês, que passou a ser conhecido também como “kardecismo”. Os temas abordados são variados e perpassam por questões morais, éticas, conceituais, religiosas, científicas que, no conjunto, formam um corpo doutrinário, definido por ele como “uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos e das suas relações com o mundo corporal” (OQ, 2003).

O espiritismo é uma ciência, compreendendo duas partes: uma experimental - sobre as manifestações em geral, e outra filosófica - sobre as manifestações inteligentes. A verdadeira doutrina espírita está no ensinamento dado pelos espíritos, e a aprendizagem ocorre por um estudo sério e continuado, feito no silêncio e recolhimento (LE, 2000, p.40).

Dois princípios são basilares no espiritismo: a imortalidade do espírito - entendido como uma individualidade - um princípio inteligente da Criação e a crença na reencarnação, um mecanismo da natureza para o aperfeiçoamento do espírito.

Como discutido no primeiro capítulo deste trabalho, esses elementos não podem ser desconectados do turbilhão de crenças e filosofias que conviviam com o cientificismo europeu pelo viés cultural do neocolonialismo. Noções como karma³⁴, corpo astral, reencarnação e outras similares vinham das colônias orientais da Inglaterra e da França.

Mesmo na antiguidade, o conceito de “metempsicose” - crença de que uma mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, de homens, animais ou vegetais - presente nos textos “Upanishadas” da Índia milenar (O mundo da fé, 2004, p.16-23), foi agregado por diferentes filósofos, como Pitágoras de Samos (571 a.C./497 a.C.) e Platão (428 a.C./348 a.C.). Todavia, Kardec refutava a idéia de transmigração da alma de homens para animais; na perspectiva evolucionista, entendia que o espírito poderia estacionar - nunca retroceder ou degenerar.

A rigor, os espíritos não são nem bons nem maus por natureza; são eles próprios que se melhoram, transitando de uma ordem inferior para uma superior. Assim, o aperfeiçoamento do espírito é o fruto de seu próprio trabalho e processo contínuo de educação, não podendo, numa única existência corpórea, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais necessárias à condução do objetivo; a purificação, alcançada por uma sucessão de vidas, em cada uma adquirindo elementos no caminho do progresso (LE, 2000; OQ, 2003).

“A encarnação não é imposta ao espírito, no princípio, como punição; ela é necessária ao cumprimento das ordens de Deus (...)”, ponderou Allan Kardec. “Os espíritos encarnados constituem a humanidade, que não é circunscrita à Terra, mas que povoa todos os mundos disseminados no espaço(...)”. A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é transitória e passageira. O esquecimento de existências anteriores é

³⁴ Embora popularizado no Brasil, Allan Kardec nunca mencionou esse termo que foi incorporado no espiritismo ao longo do desenvolvimento. A noção similar utilizada pelo codificador da doutrina foi “causa e efeito”.

uma dádiva divina, sendo os homens poupados de lembranças, na maioria das vezes, dolorosas e penosas; por outro lado, a diversidade das aptidões inatas é a prova de que a alma já viveu (LE, 2000, p.166-7): “Nenhum espírito está nas condições de não se melhorar nunca; de outro modo, estaria fatalmente destinado a uma eterna inferioridade e escaparia da lei do progresso que rege, providencialmente, todas as criaturas (OQ, 2003, p.166-7).

Concomitantemente, combinou com esses postulados o elemento essencial do cristianismo contido nos Evangelhos - “a ética da caridade”. Jesus Cristo é considerado a maior entidade já encarnada e o governador espiritual do planeta e Allan Kardec entendeu que o maior mandamento é o amor ao próximo, considerado a virtude suprema.³⁵

Diferentemente das religiões tradicionais, no espiritismo francês não existem rituais de passagem ou batizados com as religiões cristãs para a conversão, mas a reforma interna com vistas ao progresso e a evolução espiritual. Chico Xavier, em depoimento sobre a questão da caridade, enfatizou: “Se Allan Kardec tivesse escrito que fora do Espiritismo não há salvação, eu teria ido por outro caminho. Graças a Deus ele escreveu ‘Fora da Caridade’, ou seja, fora do Amor não há salvação” (BACCELLI, 2005).

Além do exercício da caridade, com o aperfeiçoamento e progresso das faculdades morais, a doutrina enfoca a educação contínua para a evolução intelectual. Leon Denis destacou que “(...) O estudo é a fonte de ternos e puros gozos; liberta-nos das preocupações vulgares e faz-nos esquecer as tribulações da vida. [...]” (DENIS, 2005, p.89). No Brasil, Chico Xavier salientou também que “A instrução é, sem dúvida, a milagrosa alavanca do progresso” (2005), e enaltecendo as instituições escolares,

³⁵ A máxima kardequiana “Fora da caridade não há salvação” foi reiteradamente repercutida. Só no “Evangelho Segundo o Espiritismo” foram vinte e oito citações (2001).

declarou: “A escola é o nosso pomar de luz. Santuário de redenção em cujos ângulos cada trabalhador tem a sua expressão de serviço, à maneira da abelha diligente, laboriosa na colméia.” (2004).

E a Federação Espírita Brasileira em cartilha para a evangelização infanto-juvenil reforça essa linha de atuação: “A instrução é mais especialmente a aprendizagem da Ciência, a educação é a aprendizagem da vida; a instrução desenvolve e enriquece a inteligência, a educação dirige e fortifica o coração; a instrução forma o talento; a educação, o caráter” (FEB, 1998).

O espiritismo francês também corrobora a noção do livre arbítrio - idéia desenvolvida na história do cristianismo pelo filósofo Santo Agostinho (354/430) [2004]:

Deus, sendo soberanamente justo, deve considerar igualmente todos os seus filhos; é por isso que dá a todos o mesmo ponto de partida, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de agir* [grifo do autor]; todo privilégio seria uma preferência, e toda preferência, uma injustiça. Mas a encarnação não é, para todos os Espíritos senão um estado transitório; é uma tarefa que Deus lhes impõem, na sua entrada na vida, como primeira prova que farão do seu livre arbítrio (ESSE, 2001, p.68).

Na condição de movimento religioso, Kardec frisava que o espiritismo, longe de negar o Cristianismo, e o Evangelho os esclarecia e difundia à luz das novas revelações acerca do que o Cristo fez e disse.

[o espiritismo] traz a luz sobre os pontos obscuros de seus ensinamentos, de tal sorte que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou pareciam *inadmissíveis*, as compreendem, sem esforço, com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; vêem melhor a sua importância, e podem separar a realidade da alegoria; o Cristo lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo, é um Messias divino [grifo do autor] (AG, 2001, p.31).

Algumas das principais marcas da consolidação do projeto da modernidade foram, entre outras, a liberdade de expressão e a laicização dos processos sociais.

Mesmo num ambiente permeado por essas premissas, a crença sistematizada e divulgada por Allan Kardec não ficou imune às disputas pela hegemonia religiosa.

Um dos fatos mais célebres ocorreu no episódio que foi denominado por Allan Kardec - na “Revista Espírita”, em novembro de 1861 - como o “auto-de-fé Barcelona”. Um livreiro francês radicado na Espanha, Maurice Lachâtre, encomendou a Kardec suas obras para divulgá-las. Entretanto, o bispo da cidade ordenou a apreensão e a incineração dos trezentos livros numa grande fogueira em praça pública.

O gesto do clérigo foi o último ato da inquisição espanhola e teve considerável repercussão na imprensa, contribuindo para o aumento das curiosidades em torno do tema e a divulgação do termo espiritismo.

5.3 – Educação e Espiritismo

Como demonstrado nos capítulos anteriores, o professor Hippolyte Leon Denizard Rivail construiu um legado no terreno da educação na França, militando pela educação ampla e popular, debate característico da Ilustração e do desenvolvimento do século XIX, ainda que sua fase espírita fosse predominante nos estudos posteriores.

As religiões e as religiosidades em geral, desde as mais elementares, numa leitura sociológica, articulam as crenças a partir da idéia das rupturas: o antes / a revelação ou batizado ou rito de passagem ou descoberta / o novo. No cristianismo, o mito de Saulo / apóstolo Paulo (5 d.C / 67 d.C) é emblemático, de perseguidor dos primeiros cristãos antes da conversão, se tornou um dos principais escritores e propagadores do cristianismo. Numa viagem de Jerusalém a Damasco, por volta do ano 31, teve uma visão de Jesus envolto numa luz, o que foi descrito no livro no Novo Testamento, “Ato dos Apóstolos”:

(...) e caindo em terra, ouviu uma voz dizer-lhe: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, e dir-te-ão o que te é necessário fazer. Os homens que viajavam com ele, pararam, emudecidos, ouvindo sim a voz, mas sem ver a ninguém. Levantou-se Saulo da terra e, abrindo os olhos, nada viu; e guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. Esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu (Ato dos Apóstolos, Cap.IX).

Ao analisarmos a trajetória de quase todos os santos católicos, em algum momento de suas vidas - diante de algum impasse, ou doença, ou sofrimento - ocorreu a conversão ou a descoberta da missão.

No Espiritismo, a participação do professor Rivail nas sessões de mesas girantes é no sentido mítico comparada às grandes revelações experimentadas por profetas ou santos ao longo da história.

Todavia, a noção articulada por este trabalho reside na perspectiva da continuidade. Convertido a Allan Kardec para delimitar e distinguir os dois grandes campos operados em sua vida, o professor - autor de livros didáticos, ativista pela educação ampla, herdeiro do racionalismo das luzes - efetuou uma ruptura relativa no objeto da atuação. Ao enveredar pelos estudos do mundo espiritual, na sistematização e na interpretação dos preceitos constitutivos da nova doutrina, imprimiu a pedagogia nos estudos espirituais.

O primeiro aspecto a se destacar em suas obras é justamente a preocupação com a didática.

O fundador da didática moderna na educação foi o pensador tcheco Jan Amos Comenius (1692/1570). A máxima comeniana “ensinar tudo a todos” é o elemento central de seu pensamento pedagógico, em destaque para o papel social da educação.

De acordo com Comenius, ensinar significa ir do simples para o complexo, do simples para o desconhecido, do próximo para o remoto, do concreto para o abstrato. E

tudo o que é ensinado ao aluno deve ser justificado com argumentos. A didática é, portanto, um processo dual - tanto o ato de ensinar quanto a arte de ensinar.

Autor de vários livros didáticos em conexão com os métodos pestalozzianos – similares às propostas comenianas – Allan Kardec em todas as obras apresenta e sistematiza as formulações à guisa de manuais de ensino. No “Livro dos Espíritos” as grandes questões que permearam a doutrina foram formuladas, como exposto anteriormente, a partir de perguntas e respostas dos espíritos. Em diversos pontos refazia e rerepresentava a questão para um melhor entendimento. Em grande parte, fazia uma réplica com comentários acerca do ponto discutido.

Homem rigoroso e centrado nos pressupostos científicos em voga, procurou demarcar o espiritismo no campo da lógica racional. Como meio de elaboração, o espiritismo procede, segundo Kardec, da mesma forma que as ciências positivas, com a aplicação do método experimental:

(...) É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método só era aplicado à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas (AG, p.29).

O cientificismo, típico produto da exaltação dos avanços do industrialismo e propalado pelos positivistas, foi duramente criticado por outras correntes e pensadores da filosofia. O pensador Henri Bergson (1859/1941), por exemplo, afirmou a liberdade humana ao questionar as escolas científicas que tentavam reduzir as dimensões humanas às leis previsíveis, como Augusto Comte em aproximação com a biologia (PRADO JÚNIOR, 1988).

Allan Kardec, por sua vez - tal como Bergson nessa ótica - também se opunha ao cientificismo, tal como esboçado nos debates. Afirmava a necessidade de aproximação entre o racional e a religião: “*O espiritismo e a ciência se completam reciprocamente*; a

Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a ciência, faltariam apoio e comprovação”. [grifo do original] (AG, 2001).

Em “Instruções de Allan Kardec ao movimento espírita” reiterou a distinção entre os campos em seu entendimento: “[...] O conjunto dos raciocínios sobre os quais se apoiam os fatos constitui a Ciência. Ciência ainda muito imperfeita, é verdade, cujo apogeu ninguém pretende ter atingido; enfim, uma Ciência em seus primórdios, e vossos estudos se dirigem para a pesquisa de tudo quanto possa alargá-la e constituí-la. [...]” (2005, p.48-9).

Gabriel Delanne foi um dos estudiosos que deram sequência ao espiritismo após a morte de Kardec. Em análise contida n’”O Espiritismo perante a Ciência”, tratou da distinção entre o positivismo e sua doutrina: “[...] Os positivistas têm por objetivo o estudo da Natureza pelos sentidos, pela observação e pela análise. Tudo o que se afasta dessa ordem de coisas é para eles o desconhecido, o porquê, ao qual renunciam, deliberadamente, pesquisar.” (2004, p.23).

A ética do trabalho é entendida em Allan Kardec como um elemento primordial na análise sobre as relações sociais, e sua importância é destacada ao longo dos textos como elemento de progresso material, intelectual e moral. “Se quisésseis ver em toda parte a caridade tomando o lugar do egoísmo e o trabalho tomando o lugar da preguiça! Porque, bem o sabeis, o homem nasceu para o trabalho: Deus o transformou numa obrigação, à qual não pode subtrair-se sem transgredir as leis divinas” (RE, outubro de 1864, p.431).

Em outra passagem, destacou: “Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O

homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente” (ESE, p.121).

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: ‘Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho’; a outros, aos venturosos da Terra, aos que ajam vivido na ociosidade, que tiveram feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: ‘Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçais a tarefa (ESE, p.180).

Em “Obras Póstumas” a teoria é reforçada: “A equidade das penas e dos gozos futuros só se evidencia com a perpetuidade dos seres ascendendo a escala do progresso e depurando-se pelo trabalho e pelos esforços da vontade própria” (OP, p.247). E no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, em outra citação reiterou: “[...] o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência” (ESE, 2001).

Essa valoração do trabalho permeia, além da ênfase nos ditos clássicos de Allan Kardec, as principais obras do espiritismo referendadas pela Federação Espírita Brasileira. Em “Nosso Lar”, livro psicografado por Chico Xavier e atribuído ao espírito de André Luís - maior fenômeno do mercado editorial espírita com mais de dois milhões de livros vendidos, adaptado em telenovela e filme - apresentou e descreveu uma suposta cidade espiritual onde os habitantes têm a prerrogativa do trabalho, percebendo salário na moeda da comunidade - o bônus-hora:

Notando que a senhora Laura entristecera subitamente ao recordar o marido, modifiquei o rumo da palestra, interrogando: - Que me diz do bônus-hora? Trata-se de algum metal amodado? Minha interlocutora perdeu o aspecto cismativo, a que se recolhera, e replicou, atenciosa: - Não é propriamente moeda, mas ficha de serviço individual, funcionando como valor aquisitivo. - Aquisitivo? - perguntei abruptamente. - Explico-me - respondeu a bondosa senhora -; em "Nosso Lar" a produção de vestuário e alimentação elementares pertence a todos em comum. Há serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministérios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva. (...) os que se esforçam na obtenção do bônus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espírito que ainda não trabalha, poderá ser abrigado aqui; no

entanto, os que cooperem podem ter casa própria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operário dedicado vestirá o que melhor lhe pareça; compreendeu? (2009, p.120).

No “Livro dos Espíritos” Kardec indagou ainda, às entidades espirituais, sobre o direito do repouso na velhice: “Sim, que a nada é obrigado, senão de acordo com as suas forças”. Caso o idoso não possa trabalhar por limitação física, retrucou, sendo respondido que “O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei da caridade”. O desenvolvimento da legislação social, com a emergência do moderno sistema previdenciário, ocorre no final do século XIX, com a ascensão da social-democracia no cenário político europeu (HOBSBAWM, 2003).

Na ótica do ideal romântico da educação, Kardec replicou e aprofundou a discussão sobre a resposta do espírito, em que reforçou a importância da educação moral no planejamento social.

Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, e a então recente ciência econômica para ele, baseada na busca no equilíbrio entre a produção e o consumo, não apresentava a solução:

Há um elemento, que se na costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. “Esse elemento é a *educação*, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na *arte de formar os caracteres*, à que se inculcem hábitos, porquanto *a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos*. (...) Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de *ordem e de previdência* para consigo mesmo e para os seus, *de respeito a tudo que é respeitável*, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os mais dias inevitáveis. A desordem e imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse é o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos. (Grifos do original) (LE, p.408).

Na linha das proposições rousseauianas incorporadas por Pestalozzi, postulava que “(...) só a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisariam mais de leis tão rigorosas” (LE, p.456). Nessa aproximação, porém, ocorrem diferenças intrínsecas. Rousseau e Pestalozzi, a partir do contratualismo e a noção de estado de natureza, acreditam na bondade nata do ser humano, corrompida pela socialização e pela emergência da propriedade privada. Em Kardec, já numa lógica doutrinária, a educação para o refinamento humano decorre de sucessivas reencarnações.

Por outro lado, o aspecto social para a potencialização dos fracassos humanos foi destacado em diversos pontos das obras: “...a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa. Demais, não tem ela que velar pela educação moral dos seus membros? Quase sempre é a má educação que lhes falseia o critério, ao invés de sufocar-lhe as tendências perniciosas” (LE, p.464). Noutro ponto da mesma obra, advoga:

Cabe à educação combater essas más tendências. Fá-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene (LE, p.487).

Ainda no “Livro dos Espíritos”, conectou a educação com o avanço moral:

A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se apuram plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. [...] (2000).

A preocupação com a educação moral é discutida e difundida em todas as obras espíritas de Allan Kardec. No terreno das reflexões educacionais, Pestalozzi reiterava

em seus textos o elemento da educação moral. Comparativamente, em Cartas de Stans, sintetiza a moral da educação elementar:³⁶

A educação moral elementar baseada no conjunto, nas três perspectivas seguintes: como objetivo a atingir uma disposição moral do coração, apelando aos sentimentos puros; proceder aos exercícios de conduta moral de auto-transcendência e esforço em tudo o que é justo e bom; e enfim provocar um julgamento moral pela reflexão e pela comparação de relações de direito e moral em que a criança já está envolvida por causa de sua existência e de seu ambiente (1985, p.39).

Uma das figuras da “Sociedade de Paris” mais destacadas na difusão da doutrina, principalmente depois da morte de Kardec, foi o filósofo Léon Denis (1846/1927). Seus trabalhos publicados ressaltaram a noção da sobrevivência da alma e suas consequências na esfera da ética nas relações humanas.

Em “O problema do ser, do destino e da dor” também ressaltou o papel da educação no desenvolvimento humano: “A educação [...] é o mais poderoso fator do progresso, pois contém em gérmen todo o futuro. Mas, para ser completa, deve inspirar-se no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude, em sua evolução ascendente para os cimos da natureza e do pensamento.” (2005, p.8).

Em mensagem assinada por certo ‘Espírito Familiar’, foi apresentada uma noção que explicaria a vida de intelectuais ou ditos espíritos com maior ascendência sobre a coletividade: “Se Deus envia os Espíritos a instruir os homens, é para que estes se *esclareçam* sobre seus deveres, é para *mostrar-lhes o caminho* por onde poderão

³⁶ Tradução nossa a partir do texto francês: L'éducation morale élémentaire repose, dans son ensemble, sur les trois points de vue suivants: viser à obtenir une disposition morale du coeur en faisant appel à des sentiments qui soient purs; procéder à des exercices moraux de dépassement de soi et d'effort en tout ce qui est juste et bon; et enfim provoquer un jugement moral par la réflexion et la comparaison des relations de droit et de moralité dans lesquelles l'enfant se trouve déjà engagé du fait de son existence et de son milieu.

abreviar suas provas e, conseguintemente *apressar o seu progresso*” [grifos nossos] (LE, 2000).

O papel da família na educação, concebida por Rousseu (“Emílio”), e desenvolvida em Pestalozzi, (“Como Gertrudes...”) e nos textos de Rivail, é também reforçada no espiritismo. Sobre a influência dos espíritos dos pais sobre os filhos, disse: “(...) bem grande influência exercem (...) os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa” (LE, 176). Em outro ponto, salienta: “(...) Os pais têm por missão ajudar o progresso dos Espíritos que encarnam como seus filhos e, para excitá-los a isso, Deus lhes inspira uma afeição mútua” (LE, 220).

Como resposta para a explicação das capacidades natas aos seres humanos, a categoria da reencarnação com a pluralidade de existências é a chave no espiritismo para essa compreensão: “Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhes fez adquirir? (...) Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?” (LE, 2000).

Na história das artes em geral são muitos os casos que intrigam. Por exemplo, são célebres os dons musicais prodigiosos do compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart (1765/1791) que, aos cinco anos, dominando o teclado e o violino, já se apresentava em círculos da realeza européia (AMADEUS, 1998).

Sobre essas disposições precoces e aptidões instintivas para uma arte ou ciência, em “O Que é Espiritismo”, Kardec teorizou, num constructo em que tanto o desenvolvimento da problemática quanto a possível resposta foram trilhadas por Giordano Bruno (1548/1600), no Renascimento, padre dominicano condenado pela

Inquirição que reintroduziu o neoplatonismo e as crenças reencarnacionistas na filosofia ocidental:

As idéias inatas não podem ter senão duas fontes: a criação das almas mais perfeitas umas que as outras, no caso de serem criadas ao mesmo tempo em que o corpo, ou um progresso por elas adquirido anteriormente à reencarnação. Sendo a primeira hipótese incompatível com a justiça divina, só fica de pé a segunda. As idéias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores, são idéias que se convergiram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de outras novas (QE, p.218).

Se dependesse do organismo a explicação para a diversidade de aptidões entre as pessoas, salientou Kardec, estaríamos diante “(...) da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas” (LE, p.188-9).

Allan Kardec elaborou os questionamentos, dirigidos aos espíritos, depois compilados, organizados e publicados por ele. A autoria das obras é atribuída a espíritos diversos - algumas de elementos conhecidos da história do cristianismo. Numa passagem em “O Livro dos Espíritos”, o suposto espírito de Santo Agostinho também enfatizou o caráter social e fraterno da educação:

Homens doutos, instrui vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginais que obra fazeis desse modo; a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para os repartides com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna? (LE, p. 320).

Nas representações espíritas, cada um tem consigo um “espírito protetor”, figura que também aparece em outras vertentes do cristianismo. No pensamento kardecista a relação entre o protetor e o indivíduo é análoga às atividades dos preceptores – professores incumbidos da educação de crianças e adolescentes, comuns na história da educação – e o eventual sucesso do protegido é compartilhado entre ambos: “Constitui

um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade (...) o que representa, para ele, um triunfo, como triunfo é, para um preceptor, os bons êxitos do seu educando” (LE, p.328).

A finalidade da sucessão das vidas, portanto, é o aperfeiçoamento das faculdades da alma, o progresso intelectual e moral:

Não resta dúvida de que a educação modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui ocorre uma outra dificuldade: Quem dá a esta a educação para fazê-la progredir? Outras almas que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas. Além disso, reentrando a alma no Todo Universal donde saiu, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito (CI, p.13)

Essa evolução adquirida pelas sucessivas existências é um elemento primordial na constituição da doutrina espírita que perpassa pelo conjunto da literatura de Allan Kardec e foi reiterado pelo espiritismo desenvolvido no Brasil. Chico Xavier, na obra “Rumo Certo”, atribuída ao espírito de Emmanuel, escreveu: “Cultura é a soma de lições infinitamente repetitivas no tempo. Virtude é o resultado de experiências incomensuravelmente recapituladas na vida” (XAVIER & EMMANUEL, p.31).

A busca pelo equilíbrio entre educação erudita, compreendida no sentido do avanço intelectual, latente no desenvolvimento da sociedade industrial, com as balizas morais, é contínua, segundo Allan Kardec. O verdadeiro progresso do espírito ocorre com a conjugação dessas capacidades.

Em “Céu e Inferno”, Kardec entrevistou um dito espírito de um rapaz que teria alternado nas últimas existências posição social confortável seguida de uma estratificação subalterna: “Na penúltima encarnação, havia eu nascido de muito boa família, como de diz na Terra (...) Órfão muito criança, um amigo deste recolheu-me e mandou educar-me excelentemente como um filho, educação essa que me suscitou tal ou qual vaidade”. As dificuldades da última vida foram relacionadas com os excessos da

anterior: “Meu protetor, de então, é hoje o Sr. G... [sic], ao serviço do qual me conhecestes. É que eu quis expiar³⁷ o orgulho, na última existência, sob a condição de servo, provando ao mesmo tempo a dedicação devida ao meu benfeitor”.

O mito acerca da alternância entre existências com êxito, notoriedade e ascensão, e vidas que reforçam a resignação, é corroborada pela literatura espírita brasileira. O teólogo Johann Kasper Lavater, amigo de Pestalozzi (citado no terceiro capítulo) renasceu no Brasil como Eurípedes Barsanulfo, um dos precursores do espiritismo no país, fundador da primeira escola espírita do mundo (BRETTAS, 2006). Entre as vidas como Lavater e Barsanulfo, o espírito teria vivido na Suíça onde teria sido um humilde lenhador (BACCELLI, 2003). Essas referências reforçam também a citada ética do trabalho como elemento de progresso e evolução humana.

Na gênese do espiritismo francês, intelectuais e cientistas, com atuações diversas, estiveram vinculados à “Sociedade Espírita” - entre eles um dos seguidores era bem próximo de Kardec: o astrônomo Camille Flammarion (1842/1925). A astronomia era uma ciência que avançava no século XIX e despertava prestígio. Entre os cursos gratuitos oferecidos em sua casa, o professor Hippolyte Rivail ensinava também astronomia.

Flammarion começou seus trabalhos com dezesseis anos no “Observatório de Paris”, no departamento de cálculos do renomado Le Verrier (1811/1877). Em 1862 rompeu com a astronomia tradicional e aproximou-se do campo espírita, com a publicação da obra “A Pluralidade dos mundos habitados”, onde procurou sustentar e caracterizar a vida em outros planetas (1995).

³⁷ Termo originário do cristianismo (recorrente tanto no Velho quanto no Novo Testamento), utilizado maciçamente na doutrina espírita que procura explicar as dificuldades variadas inerentes ao homem. Após o reparo, vem a etapa das provações, onde ocorre o teste, ou seja, a verificação se o sujeito não incorrerá nos mesmos erros.

A rigor, nas crenças difundidas pelo espiritismo há o reconhecimento tácito da existência da vida em diferentes níveis evolutivos e categorias de mundos habitados.

Ao modo das instituições de ensino, a progressão para mundos mais elevados avança à medida que, através da sucessão das existências, ocorre a evolução intelectual e moral do ser humano. Entre os mundos habitados há aqueles em que os habitantes são inferiores aos da terra - física e moralmente - outros da mesma categoria e outros mais ou menos superiores: “O escolar não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série de classes que até lá o conduzirão. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige” (ESE, 2001, p.112).

À guisa dos sistemas educativos, a compreensão kardequiana acerca da classificação do grau de evolução dos espíritos que habitam o orbe terrestre – nos planos físico e espiritual – é estabelecida a partir do grau de adiantamento dos seres humanos, nas qualidades adquiridas e nas imperfeições que deverão ser despojadas.

Os espíritos se agrupam em três grandes categorias principais. Na parte inferior da escala, os imperfeitos, caracterizados pelo predomínio da matéria e pela propensão pelo mal. Na segunda ordem, aqueles em que o espírito prepondera sobre a material e o desejo pelo bem. Na primeira, os chamados “Espíritos puros”, que atingiram o grau supremo da perfeição. No conjunto, a tipificação compreende dez classes, dos quadros inferiores às categorias elevadas (LE, 2000, pp.121).

Todavia, o sistema não é absoluto, como as leis dos modelos positivistas inspirados na física de Newton. Kardec salientou:

A classificação é, pois, arbitrária. Um, grupa-lo-á em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem idênticos exemplos. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, a Ciência, porém, não muda. Aprenda-se a botânica pelo sistema de Linneu ou pelo de Jussieu, ou pelo de Tournefort, nem por isso se saberá menos botânica (LE, 2000, p.55).

O modelo metodológico de Allan Kardec expressa nessa consideração, remete para o sistema de tipificação de Max Weber, em que o sociólogo alemão, em avanço aos pressupostos positivistas, reconhece as limitações de qualquer modelo frente à imensa diversidade do real.

A interpretação bíblica realizada por Allan Kardec enfatiza uma passagem contida no Evangelho de João, capítulo XIV, onde Jesus teria salientado: “Há muitas moradas na casa de meu Pai”. No “Evangelho Segundo o Espiritismo” (2001), a distinção entre os níveis evolutivos é ressaltada: “Nos mundos inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo quase nula a vida moral. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é por assim dizer, toda espiritual” (ESE, p.86).

A tipificação e a caracterização entre os diferentes mundos não é absoluta e padronizada, mas relativa: “Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva”. Nessa cosmologia kardequiana, a Terra é um planeta intermediário, considerado de “Provas e Expições”, aproximando da condição de “mundo de regeneração”, noção compartilhada, nos aspectos mais genéricos, com outras religiões espiritualistas contemporâneas denominadas como “nova era”.

Em “O que é Espiritismo”, Kardec argumentou:

O nosso mundo pode ser considerado, ao mesmo tempo, como *escola de Espíritos* pouco adiantados e cárcere de Espíritos criminosos. Os males da nossa Humanidade são a consequência da inferioridade moral da maioria dos Espíritos que a formam. Pelo contato de seus vícios, eles se infelicitam reciprocamente e punem-se uns aos outros. [grifo nosso] (OQE, p.132).

No que tange às relações com a perspectiva evolucionista, o conjunto de proposições de Allan Kardec, assim como o Realismo no campo artístico (apresentado do segundo capítulo) e diversas correntes do pensamento científico do século retrasado receberam influências do naturalismo de Charles Darwin (1809/1882). Quando Émile Durkheim procurou, comparativamente, pesquisar sobre as manifestações do totemismo, buscou nos nativos australianos a forma mais elementar da religiosidade (2009).

Teórico evolucionista no oitocentismo, o estadunidense Lewin Morgan foi o pioneiro na tipificação dos estados evolutivos da humanidade, na comparação entre estados selvagens, bárbaros e a civilização. As ideias de Morgan (também discutidas no segundo capítulo) influenciaram autores de diferentes matizes, do positivismo ao materialismo alemão.

Allan Kardec não fez referência em seus escritos sobre nenhum autor da nascente Antropologia; no entanto, os referenciais desse evolucionismo social são expressos quando analisa o homem da sociedade industrial e os aborígenes das diversas regiões do mundo. Sobre o progresso e a evolução do homem numa perspectiva histórica, compara:

Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em que o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Aquele que, ao contrário, trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermediários que o separam dos mundos superiores (ESE, p.114).

À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valores dão às coisas materiais. “Depois é necessário que se reformem as instituições humanas que o entretêm e excitem. Isso depende da educação” (LE 512).

Uma passagem atribuída ao espírito do escritor e poeta francês François Fénelon (cujos textos o professor Rivail traduziu para o alemão, como mencionado no quarto capítulo), em “O Livro dos Espíritos”, versou sobre a questão da superação do egoísmo pelo aperfeiçoamento moral do ser humano - assunto que foi replicado e aprofundado por Allan Kardec:

Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, senão totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminando. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são suas causas, mas não é impossível. Contudo, ela só obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação convenientemente entendida constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência (LE, p.515).

Allan Kardec defendia as vocações e as aptidões natas no desenvolvimento das profissões. Numa passagem do “Livro dos Espíritos” arguiu um dito espírito sobre sua proposição: “Evidentemente, por meio da especialidade das aptidões naturais, Deus indica a nossa vocação neste mundo. Muitos dos nossos males não advirão de não seguirmos essa vocação?”, cuja resposta reforçou suas idéias “... Poderá sempre tornar-se útil na medida de suas faculdades, desde que não as aplique às avessas.” (op. cit., p. 525).

Na réplica, Allan Kardec, ainda destacou:

No afastarem os homens de sua esfera intelectual reside indubitavelmente uma das mais frequentes causas de decepção. A inaptidão para uma carreira abraçada constitui fonte inesgotável de reveses. (...) *Se uma educação moral o houvesse colocado acima dos tolos preconceitos do orgulho, jamais se*

teria deixado apanhar desprevenido. [grifos do original] (LE, 525).

Presente na construção imagética de todas as religiões e crenças espiritualistas, a figura do espírito obsessor, ou seja, a força ou entidade invisível que provoca temporariamente transtorno às pessoas em sintonia, é recorrente no kardecismo.

A superação da obsessão, no entanto, difere nas interpretações entre as correntes. No caso do espiritismo francês, a proposta terapêutica ressalta a importância do esclarecimento: “Indicando a verdadeira fonte do mal, só o espiritismo pode dar os meios de combatê-lo, fazendo a *educação moral* do Espírito obsessor.” [grifo nosso] (LM, 279).

Na Revista Espírita de junho de 1864, Kardec apresentou o relato de um pretense processo de cura de uma jovem na localidade francesa de Marmande. Na sessão, o médium Louis David, evocou:

Pobre criança! Com efeito, ela se acha sob uma fatal influência, mesmo muito perigosa (...) Obstinado e mau esse Espírito resistirá por muito tempo. Evitai, tanto quanto possível, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral. Tentai evocar esse Espírito; moralizai-o com delicadeza: nós vos auxiliaremos (RE, junho de 1864, p.228).

A preocupação com a sistematização de um corpo teórico e prático, articulada com a didática, que pudesse organizar as bases de sua religião, permeia todos os problemas detectados e alinhavados por Allan Kardec. Sobre a organização dos procedimentos de tais tratamentos, destacou na Revista Espírita:

O Sr. Dombre, de Marmande, enviou-nos o relato circunstanciado dessa cura, da qual já demos conhecimento aos leitores. Os detalhes que encerra são do mais alto interesse, do duplo ponto de *vista dos fatos e da instrução*. Como se verá, é, ao mesmo tempo, *um curso de ensino teórico e prático*, um guia para casos análogos e uma fonte fecunda de observações para o estudo do mundo invisível em geral, nas suas relações com o mundo visível [grifo nosso] (RE, 1864, p.228).

A mediunidade é atribuída como uma faculdade presente na maioria das religiões, porém com nomenclaturas, descrições e intensidades variadas, que permite a conexão entre os homens e o mundo espiritual. No campo das religiões espiritualistas, o médium assume uma postura ativa, com a comunicação direta com os mortos, através de dons variados.

No sistema defendido por Allan Kardec, os elementos da racionalidade (o “desencantamento” ou “desmagificação” weberiana) e da moralidade são enfatizados como primordiais para o controle do desenvolvimento e o exercício dos dons do médium, num corte no campo do esoterismo e do espiritualismo. No “Livro dos Médiuns” demarca as diferenças entre a razão e a superstição:

As manifestações desta espécie não são raras, nem novas. Poucas serão as crônicas locais que não encerrem alguma história desta natureza. É fora de dúvida que o medo tem exagerado muitos fatos que, passando de boca em boca, assumiram proporções gigantescamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles ocorrem foram tidas como assombradas pelo diabo, e daí todos os maravilhosos ou terríveis contos de fantasmas (...). Aliás, facilmente se concebe que impressão podem fatos desta ordem produzir, mesmo dentro dos limites da realidade, em pessoas de caracteres fracos e predispostas, pela educação a alimentar ideias supersticiosas. O meio mais seguro de obviar aos inconvenientes que possam trazer, visto não ser possível impedir-se que se deem, consiste em tornar conhecida a verdade (LM. p.122).

O cerne da proposta filosófica do espiritismo de Allan Kardec, como apresentado neste capítulo, é a questão da educação moral - elemento que garante o progresso nos quadros da evolução contínua do espírito. Numa passagem atribuída ao espírito do filósofo Jean-Jacques Rousseau, esse elemento é enaltecido:

Está toda por criar-se a preocupação das questões morais. Discuti-se a política, que agita os interesses particulares; o ataque ou a defesa das personalidades apaixonam; os sistemas têm seus partidários e seus detratores. Entretanto, as verdades morais, as que são o pão da alma, o pão da vida, ficam abandonadas sob o pó que os séculos hão acumulado. Aos olhos das multidões, todos os aperfeiçoamentos são úteis, exceto o da alma. Sua educação, sua elevação não passam de quimeras, próprias, quando muito, para ocupar os lazes dos

padres, dos poetas, das mulheres, quer como moda, quer como ensino (LM, 2001, p.537).

Nesse mesmo desenvolvimento, o suposto Rousseau sintetizou: “Ressuscitando o *espiritualismo*, o *Espiritismo* restituirá à sociedade o surto, que a uns dará a dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de se elevarem para o Ente supremo, olvidado e desconhecido pelas suas ingratas criaturas” (LM, op. cit., id.).

* * *

No início da década de 1860, o “Espírito da Verdade” já teria comunicado a Kardec que ele não teria muito tempo mais de vida, mas o suficiente para terminar a obra. Seu “canto do cisne” ocorreu em 1869. Quando se preparava para uma mudança da livraria onde morava para uma residência à Avenue et Villa Ségur 39, adquirida anos antes, sofreu um aneurisma enquanto encaixotava os livros e recebia a visita de um caixeiro da loja.

Enterrado numa cerimônia simples num cortejo de mais de mil pessoas - foi erguido, em sua memória e homenagem à vida passada e ao nome que o tornaria imortalizado, um sepulcro celta nos moldes daqueles dos druidas que habitaram a Bretanha e a França milenar.

Efetivamente, o conjunto das obras da constituição da doutrina espírita é permeado por elementos educacionais, estruturado de forma pedagógica e, sobretudo, imbuído pelo humanismo pestalozziano.

Podemos afirmar categoricamente que o velho professor Hippolyte Leon Denizard Rivail procurou condensar nas atividades religiosas, que exerceu após a frustração com os rumos da política francesa e os desatinos de Luís Napoleão, já como Allan Kardec, a maior de suas utopias. Combinou os postulados pestalozzianos, que sempre procurou advogar e alardear, com os princípios cristãos fundados na caridade e na fraternidade, com uma doutrina que buscou a reforma e a elevação do homem, no

que acreditava suprema. Mais do que uma ciência que procurou estender a racionalidade ao mundo dos mortos, fundou uma “pedagogia do espírito”.

CONCLUSÃO

L'éducation doit apprendre à se comprendre elle-même
Pestalozzi, 1826

*Os meios próprios para se educar a juventude
são uma ciência bem distinta que se deveria estudar
para ser educador, como se estuda a medicina para ser médico.*
H. L. D. Rivail, 1828

O século XIX é um período da história dos mais emblemáticos. Se o século seguinte assistiu às grandes revoluções populares que, apesar dos percalços e desatinos, pressionaram o avanço efetivo das políticas de bem estar social democrático; os saltos tecnológicos nos transportes, culminando com a chegada do homem à lua, com a redefinição das noções de tempo e espaço; a velocidade da informação e da comunicação; a computação em suas múltiplas aplicações; os avanços da área médica, entre outras inovações; as bases científicas, jurídicas, pedagógicas, culturais e, sobretudo, filosóficas, estão assentadas no oitocentismo.

O chamado projeto de modernidade burguesa ocidental, iniciado na expansão ultramarina e na gênese do comércio transcontinental chegou em seu ápice, efetivamente, no século XIX - tempo vivido em profundidade por Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido, principalmente no Brasil, como Allan Kardec. A

eletricidade, o motor a explosão, o invento do telégrafo, do telefone - princípios dos grandes saltos listados, foram desenvolvidos durante a Segunda Revolução Industrial. O Estado de Direito, as discussões em torno da cidadania e a difusão dos direitos humanos, forte bandeira do nascente século XXI, vem a partir das pressões dos “sans-culottes”, da Revolução Francesa, consolidado com o controverso Napoleão Bonaparte.

O “ensinar tudo para todos”, alardeado por Jan Comenius no seiscentismo, fincou os alicerces na sociedade urbana do XIX e a educação passou por um processo de laicização e estatização. As expressões artísticas mais eloquentes, e ainda vivas pela legião de admiradores, o Romantismo, o Realismo e o Naturalismo; e suas figuras imortalizadas como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Émile Zolá, citando apenas literatos

Na filosofia, os últimos pensadores que podem ser nomeados como autores de “sistemas filosóficos” foram Kant - na passagem entre o XVIII e o XIX, o idealista Hegel e o materialista Karl Marx. Na política, se o século XX assistiu à emergência de Lênin, Mao, Fidel, é porque teve a vanguarda de Marx, dos movimentos operários. Se John Maynard Keynes propalou o “welfare states”, a social-democracia alemã, liderada por Eduard Bernstein, conjugou a aproximação entre o operariado e a classe industrial.

Mas, se por um lado, a explosão de ideias em todos os campos foi indubitável, por outro, a modernidade em sua face hegemônica em questão, o projeto político burguês, apresentou suas armadilhas e contradições.

Se o sangue derramado nos movimentos que se seguiram à simbólica “Queda da Bastilha” em 1789 foi, sobretudo, da parcela mais pobre do Terceiro Estado; se as barricadas nas ruas das capitais europeias, principalmente em Paris, nas agitações de 1830 e 1848, foram erguidas pelos trabalhadores - o poder foi efetivado pela classe burguesa e o ideário social e transformador propalado pela Ilustração teve seus limites

bem tangíveis. Johann Henrich Pestalozzi, em seus momentos mais críticos nas lutas pela educação inclusiva, não contou com os devidos aportes governamentais.

A análise da trajetória do professor Denizard Rivail permite a visualização de todas essas dimensões do consolidar da modernidade. Estudante de Pestalozzi e seu mais entusiasmado propagandista na França, militou por uma educação ampla: abraçou a carreira no ensino. Preocupado com a questão da formação do professor, elaborou planos que advogavam pela abertura estatal de escolas de magistério. Fundou escolas e ministrou cursos gratuitos em casa de Química, Anatomia, Fisiologia. Escreveu livros didáticos de Gramática e Aritmética. Acreditou na educação.

Os rumos das Revoluções de 1830, e principalmente de 1848, foram paradigmáticos para a história. Nesta, a coalisão eclética, formada por partidários de várias tendências - liberais, republicanos e socialistas utópicos - garantiu a derrubada dos últimos resquícios de um tipo decadente de aspiração monárquica fundada no direito divino dos reis, encerrando um amplo processo das chamadas Revoluções Atlânticas - iniciada na Independência dos Estados Unidos, em 1776, passando pela Revolução Francesa, entre 1789 e 1799.

Entretanto, o que se seguiu frustrou os melhores pensamentos e utopias produzidos desde as luzes: Luís Bonaparte, seguindo as trilhas do velho Napoleão (relembrando Marx, a repetição da história como farsa), utilizou o mecanismo do voto com a convocação de um plebiscito, alterou o regime e implantou o Segundo Império Francês (1852/1870) sob o título de Napoleão III. Contou com o apoio da mesma alta burguesia aliada do movimento dos trabalhadores nos momentos mais duros da então história recente francesa.

O governo do Bonaparte sobrinho (ou “Napoleão, o pequeno” como preferia Victor Hugo) garantiu uma certa normalidade social e institucional, efetuou uma

reforma urbana em Paris, lançou o país na corrida neocolonialista. Fato. Por outro lado, a experiência do Segundo Império demonstrou que a democracia não é um valor absoluto para o capital, mas relativo, e a opinião pública pode ser conduzida em arranjos políticos limitados. Também é incontestável que no século XX vários momentos totalitários contaram com o apoio das massas. Os exemplos são numerosos.

Outra contradição do projeto da modernidade consolidada na primeira metade do XIX, como observou Max Weber, principalmente no ensaio “Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções” (2002) - a religiosidade, que contribuiu ao longo da história para a totalidade ética do ser humano - foi renegada pelo discurso científico moderno e deslocada para o reino do irracional. A ciência arrogou para si a exclusividade para a explicação do mundo.

No plano cultural, a transição entre os ideais políticos, pedagógicos e filosóficos expressos pelo Romantismo, foram substituídos pelo Realismo, com noções artísticas e estéticas que primavam pela exibição do real tal como ele é percebido. E sem o apelo emocional que caracterizou o movimento que o antecedeu.

1848 e seus desdobramentos também representaram a mais significativa e profunda das inflexões na vida de Denizard Rivail. Partidário do ensino laico, incomodado pela sanção da Lei Falloux - que encarregou os clérigos da condução da instrução na França - abandonou as lides educacionais, no auge de sua produção, com vitalidade em seus quarenta e oito anos, pouco mesmo para os padrões da época (Pestalozzi conduziu o Instituto em Yverdon até os setenta e nove anos).

No pensamento científico, a mentalidade científicista era dominante, e as ideias de progresso e evolução, herdeiras das luzes, perpassavam por todos os debates, inclusive as representações artísticas pelo Realismo e, posteriormente, pelo Naturalismo. Por outro lado, também pululavam atividades ocultistas e esotéricas.

Se Gustave Flaubert com sua *Madame de Bovary* é o Realista por excelência, na literatura, Denizard Rivail é o marco para um tipo de realismo no esoterismo e os contatos com o suposto mundo espiritual.

Imbuído dessa racionalidade em voga no século XIX, produto do “desencantamento do mundo”, ou “desmagificação” pontuada por Weber; da tendência ao vislumbamento do real sem a emotividade que marcou o período Romântico, interpretou que forças - entendidas por ele como reais e inteligentes - atuavam nas chamadas “mesas girantes”, modismo nos salões da sociedade nas principais cidades europeias, como desdobramento adaptado do caso das Irmãs Fox nos Estados Unidos - mito fundacional do moderno espiritualismo, que repercutiu pelo mundo.

Teorias reencarnacionistas, patente nas tradições orientais, não são novidades na história do pensamento ocidental. As fontes mais antigas dão conta de que Pitágoras era místico e teve contato com sábios hindus; Platão recebeu influências do mítico Hermes de Trismegisto; nas tradições helenísticas, Plotino, o mais relevante pensador do neoplatonismo, incorporou fontes persas e hindus aos pressupostos platônicos; no despontar da modernidade, o dominicano Giordano Bruno reintroduziu o hermetismo na cultura ocidental; entre vários outros.

A adoção do pseudônimo Allan Kardec marcou em Denizard Rivail a transição entre as lides do magistério e o estudo sistematizado sobre o mundo dos espíritos.

Contudo, mesmo em sua época, além dessas fontes na história do pensamento filosófico, e também apesar do contato com o orientalismo pelos intercâmbios via expansão neocolonialista, havia outras matrizes do que é denominado espiritualismo. A linha mais contundente, que influenciava ou impressionava de algum modo intelectuais diversos - de Kant a Balzac - foi demarcada a partir dos escritos e da atuação do sueco Emanuel Swedenborg.

A rigor, os principais aspectos do que veio a ser nomeado como “espiritismo francês”, já haviam sido enunciados pelo movimento swedenborgiano: pretensos contatos mediúnicos com entes desencarnados; a descrição e a tipificação de esferas espirituais - a escrita a partir da influência do invisível.

Em análise à vasta produção de Denizard Rivail como Allan Kardec, em momento algum o professor e escritor francês postulou a exclusividade ou a pretensa fundação de um sistema de crenças a partir da ideia de uma “iluminação” divina ou “revelação”, nem tampouco omitiu os trabalhos de Swedenborg.

O espiritismo foi entendido a partir da noção de “fé raciocinada”. Em sua formulação e disseminação foi destacada a conjugação entre “ciência, filosofia e religião”, em combinação com o cristianismo - em especial a categoria da ética da caridade.

O eixo central proposto por este trabalho foi corroborado pela análise das fontes documentais e bibliográficas: seguramente, os princípios pedagógicos elaborados, desenvolvidos e aplicados por Johann Henrich Pestalozzi foram fundamentais para imprimir no espiritismo francês o caráter educacional e humanista que o caracterizou, e o distinguiu de outras vertentes do espiritualismo.

Na Suécia, Swedenborg apresentou as dimensões da suposta vida espiritual. Na França, na Itália e na Inglaterra, intelectuais se uniram direta ou indiretamente aos esforços de Allan Kardec, seja no Círculo de Paris, ou nos estudos afins para a compreensão dos fenômenos mediúnicos, como o físico e químico inglês Willian Crookes; o filósofo russo Alexandre Aksakof; o antropólogo italiano Ernesto Bozzano; o médico também italiano Cesare Lombroso, entre muitos outros.

Entretanto, diferentemente dos pares, boa parte interessada na constituição de uma ciência para o estudo do mundo invisível e dos fenômenos espirituais em si - o

“desencanto” ou a “desmagificação” weberiana - foi Allan Kardec que enfatizou o aspecto filosófico e religioso da doutrina, num “reencantamento” de mundo, via cristianismo, e o enfoque no indivíduo como agente de sua transformação – com ênfase na educação do espírito.

Quando o pedagogo francês propôs a aplicação dos métodos da ciência positiva no campo que enveredava a partir dos contatos com as mesas girantes, o sistema que elaborou e sistematizou não ficou circunscrito ao campo do positivismo, nem tampouco pode ser classificado como cientificista, haja visto o foco na educação do espírito e a preocupação com questão do aperfeiçoamento moral e intelectual do ser humano.

Na organização da obra, o aspecto da didática é o ponto crucial, tanto dos livros em separado, quanto do conjunto sistematizado e publicado. A orientação dos trabalhos seguiu ao modo dos manuais didáticos – que Kardec, enquanto Rivail, desde os vinte e dois anos editava - e a preocupação com o entendimento e a clareza da exposição é perceptível até para o leitor menos afeito aos temas.

Allan Kardec não partiu de teorias preconcebidas - aspecto elucidado em seus escritos. Ao contrário, buscou observar os fatos, comparar e deduzir suas consequências. Sobre os efeitos verificados, procurava estabelecer, pela dedução e pelo encadeamento dos fatos imbuídos pela lógica, as explicações que considerava válidas e pertinentes. Tais esclarecimentos metodológicos aproximam o postulado científico do professor Denizard Rivail com o método intuitivo desenvolvido e explorado por Pestalozzi.

A ênfase no progresso, entendido tanto como o aperfeiçoamento das capacidades intelectuais, quanto pela evolução moral (aspecto caro na pedagogia de Pestalozzi) e as analogias recorrentes em seus livros do entendimento da trajetória da vida terrena como um educandário, ressaltam esse caráter pedagógico do espiritismo.

A sucessão das vidas através da reencarnação é demonstrada à maneira da seriação das escolas, em que pode ocorrer a estagnação com a repetição das experiências (ou a “reprovação”), nunca o retrocesso às etapas já superadas.

No modelo da tríplice compreensão pestalozziana, o espírito – coração – mão, correspondente às atividades do conhecer – agir – querer, o aperfeiçoamento das faculdades da inteligência, da moral e da técnica foram ressaltados. O entendimento operado por Allan Kardec da doutrina espírita enquanto ciência, religião e filosofia, reforça a idéia de unidade do indivíduo, com o cultivo das partes que asseguram o todo - quer dizer, o progresso contínuo e a plena evolução.

No aprofundamento dos assuntos ligados ao cerne da doutrina, a vida espiritual - quando tentou esboçar uma caracterização do nível evolutivo dos espíritos vinculados ao planeta Terra, ou na tentativa de comparação entre as vidas entre os supostos mundos do universo - o resultado não foi o enunciado de leis gerais e absolutas, como as proposições positivistas inspiradas na física newtoniana, mas a exposição de categorias relativas, tipificações ideais ao modo do que Weber teorizou posteriormente como tipos ideais.

Uma característica que salta aos olhos no estudo da biografia de Allan Kardec, principalmente na organização das obras lançadas, foi sua capacidade de produção e circulação das ideias: publicou sete obras básicas - além das cinco complementares, foi o editor da Revista Espírita por doze anos - com trocas de correspondências, participação nos debates de seu tempo, viagens para a divulgação da doutrina. Fundou e presidiu o “Círculo de Paris”. Pestalozzi, por sua vez, também teve uma considerável produtividade teórica e a preocupação com a publicação relativamente profícua.

Essa “herança”, o espiritismo no Brasil recebeu, haja vista a ênfase nas publicações editoriais, cujo mercado é mais expressivo do que o número de seguidores

declarados na crença levantados pelo IBGE. A produção de Chico Xavier é recordista, embora como autor, nunca figurou nas listas dos mais vendidos.

O velho professor Allan Kardec, deslumbrado com as heranças de Pestalozzi na educação teórica e prática, procurou condensar nas atividades religiosas, como Allan Kardec, a maior de suas utopias. O que objetivamente não conseguiu, como Denizard Rivail, mesmo através de uma atividade pedagógica intensa, combinada com a atuação no debate político, através da proposição de projetos nas instâncias do poder; articulou e implementou os fundamentos pestalozzianos com os princípios cristãos balizados na fraternidade, numa doutrina que reiterou o progresso contínuo do ser humano, sobretudo pela instrução.

Mais do que uma ciência cujo intento foi a extensão da racionalidade ao mundo invisível, Hippolyte Leon Denizard Rivail buscou, efetivamente, os fundamentos de uma “pedagogia do espírito”.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGOSTINHO, Santo. Confissões. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 2004.
- BACCELLI, Carlos A; FERREIRA, Inácio [espírito]. **Do Outro Lado do Espelho**. 5. ed. Votuporanga, SP: Didier, 2003.
- _____. **O Evangelho de Chico Xavier**. Votuporanga, SP: Didier, 2005.
- BALZAC, Honoré de. **Eunénie Grandet**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1988.
- _____. **Seráphita. Paris: Clamann-Lévy, 1950**
- _____. **Ursule**. Penguin: London, 1976.
- BELL, Julian. **Uma Nova História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BESNIER, Jean-Michel. A Europa dos Filósofos. In: VOVELLE, Michel (Org.). **França Revolucionária (1789-1799)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOAS, Franz. **Textos de antropologia**. Madrid: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces, 2008.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRETTAS, Anderson C.F. **Eurípedes Barsanulpho e o Colégio Allan Kardec: capítulos de história da educação e a gênese do espiritismo nas terras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia / Programa de Pós Graduação em Educação, 2006. [Dissertação de Mestrado].
- _____. A Universidade na perspectiva do idealismo Romântico alemão: as propostas de Johann Gottlieb Fichte (1762-1814). In: ARAÚJO, José Carlos (org) **A Universidade Iluminista (1798/1921): De Kant a Max Schiller**. Brasília: Liber Livros, 2011.
- BRUNO, Giordano. Sobre o infinito, o universo e os mundos. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CHÂTEAU, Jean. **Os Grandes Pedagogistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- CHOMSKI, Noam. **Ambições Imperiais**. São Paulo: Ediouro, 2006.
- CLOUGH, Shepard B. & MOODIE, Carol Gayle. **Historia económica de Europa**. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- COLLIN, Jones. **The Cambridge Illustrated history of France**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Idéias Sociais Espíritas**. Bragança Paulista: Editora Comenius; Salvador: IDEBA, 1998.
- COMENIUS, J. **Didática Magna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- COMTE, Augusto. Comte. In : **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- CONDORCET, Jean-Antoine-Nicolas de Caritat, Marquis de. **Cinco Memórias sobre a instrução pública**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- CONRAD, Joseph. **O Coração das Trevas**. São Paulo: Hedra, 2008.
- COSTA, Wagner Veneziani. **Emmanuel Swedenborg**. São Paulo: Madras, 2007.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. **Boêmia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **O Grande Massacre de Gatos**. Rio de Janeiro: Graal, 1986
- DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- DECAUX, Alain; CASTELOT, André (dir.). **Le Grand dictionnaire d'histoire de France**. Paris: Perrin, 1979.
- DELANNE, Gabriel. **O Espiritismo perante a Ciência**. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.
- DENIS, Léon. **O porquê da vida**. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- _____. **O Gênio Céltico e o Mundo Invisível**. 2. ed., Rio de Janeiro: Edições CELD, 2001.
- _____. **Depois da morte: exposição da Doutrina dos Espíritos**. 25a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
- DEYON, P. **O Mercantilismo**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DICKENS, Charles. **Oliver Twist**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- DOBB, Maurice. A Evolução do Capitalismo. In: **Os Economistas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. São Paulo: Ática, 2007.
- DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.
- DRIVER, Stephanie Schwartz. **A Declaração de Independência dos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- DUPÂQUIER, J. e LACHIVER, M. **Les temps Moderns**. Paris: Bordas, 1970.
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Edipro, 2012.
- _____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ENGELS, Friedrich. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. 6. ed. São Paulo: EDUSP / Fundação de Desenvolvimento da Educação, 1998.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Departamento de Infância e Juventude. **Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infanto-juvenil**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1998.

FÉNELON, Salignac de La Mothé. **Les Aventures de Télémaque**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1965.

FICHTE, Johann Gottlieb. **Por uma Universidade Orgânica**: plano dedutivo de uma instituição de ensino superior a ser edificada em Berlim, que esteja estreitamente associada a uma Academia de Ciências. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. **Discursos a la nación alemana**; estudo preliminar de Francisco Ayala. Buenos Aires: Americale, 1943.

FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Mesmer**: a ciência negada e os textos escondidos. São Paulo: Lachâtre, 2007.

GALBRAITH, John Kenneth. **A Era da Incerteza**: história das idéias econômicas e suas conseqüências. São Paulo: Pioneira; Brasília: Editora UnB: 1979.

GAY, Peter. **A Experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

GOETHE. **Fausto e Sofrimentos do Jovem Werter**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

GOGOL, Nikolai. **O Capote e Outras Histórias**. São Paulo: Editora 34, 2012

HOBSBAWM, Eric. Da Revolução industrial inglesa ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.

_____. **Era das Revoluções**: 1789-1848. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

_____. **Era do Capital**: 1848-1875. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra: 1996.

_____. **Era dos Impérios**. 1875-1914. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra: 2003.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do rei Leopoldo**: uma história de cobiça, terror e heroísmo na África colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

HUGO, Victor. **Napoleão: O pequeno**. São Paulo: Ensaio, 1996.

_____. **Os Miseráveis**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

IGLÉSIAS, Francisco. Natureza e Ideologia do Colonialismo. In: **História e Ideologia**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi**: Educação e Ética. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

JASMIM, Marcelo. **Alexis de Tocqueville**: a historiografia como ciência da política. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

- KANT, Immanuel. **Pedagogia**. Santiago: Universidad ARCIS, 2010.
- _____. Crítica da Razão Pura. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 2005.
- _____. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- KANT, Immanuel; JOHNSON, Gregory e MAGEE, Glenn Alexander. **Kant on Swedenborg: dreams of a spirit-seer and other writings**. West Chester, Pa.: Swedenborg Foundation, 2002.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 130. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2000.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. 57. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001.
- _____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 271. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001.
- _____. **O Céu e o Inferno**. 26. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001.
- _____. **A Gênese**. 27. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2001.
- _____. **O Que é Espiritismo**. 53. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2003.
- _____. **Obras Póstumas**. 5. ed. Araras: Instituto de Difusão Espírita, 2000.
- _____. **O Espiritismo na sua expressão mais simples** e outros opúsculos de Kardec. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 2006.
- _____. **Instrução Prática sobre as manifestações espíritas**. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 2007.
- _____. **Viagem Espírita em 1862** e outras viagens de Kardec. Rio de Janeiro: ditra da FEB, 2007.
- _____. **The Spirits Book**. [Preface by Anna Blackwell]. Brasília, DF: International Spiritist: 2011.
- KOSTALEVSKY, Marina. **Dostoiévski and Soloviev: the art of integral vision**. Yale: Yale University Press, 1997
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- LENIN, W. **O Imperialismo: fase superior do capitalismo**. São Paulo: global Editora, 1979
- LITVIN, Daniel. **Os impérios do lucro**. São Paulo, 2003.
- LLOSA, Mario Vargas. **O sonho do celta**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Edições 34, 2012.
- _____. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MALGRAS, J. **Os Pioneiros do Espiritismo**. São Paulo: DPL Editora, 2002.

- MANACORDA, M. A. **Historia da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MARTINO, Ernesto de. **El Mudo Mágico**, com posfácio de Silvia Mancini. Buenos Aires: Araucaria, 2004
- MARX K., ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Lisboa: Editorial Avante, 1975.
- _____. **A ideologia alemã**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1976
- MARX. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 2005.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo : Perspectiva, 2011.
- MAYAUD, J. **La Révolution de 1848**: une histoire Sainte Revisitée in Les Révolutions Françaises. Paris : Fayard, 1989.
- MAYOS, Gonçal. **Ilustración y Romanticismo**: Introducción a la polémica entre Kant y Herder. Barcelona: Editorial Herder, 2004.
- MÉNARD, Monique David. **Loucura na Razão Pura**: Kant, leitor de Swedenborg. São Paulo: Editora 34, 1996.
- MERQUIOR, José Guilherme. **O Liberalismo Antigo e Moderno**. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.
- MEYER, Arno. **A força da tradição**: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MILLS, Charles Wright. **Imaginación Sociológica**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- MOREIL, André. **Vida e Obra de Allan Kardec**. São Paulo: Edicel, 1977.
- MOUSNIER, R. Os Séculos XVI e XVII. In: **História Geral das Civilizações**. São Paulo: DIFEL, 1995.
- MÜNTER, Arno. **Utopia, messianismo, e apocalipse** nas primeiras obras de Ernst Bloch. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.
- OSTERMANN, Nilce W.; KUNZE, Iole. **Às armas cidadãos!** A França revolucionária (1789 - 1799). São Paulo: Atual, 1995.
- PARSONS, Talcott. **Estrutura da Ação Social**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PESTALOZZI, Johann Heinrich. **Mes recherches sur la marche de la nature dans l'évolution du genre humain**. Lausanne: Editions Payot, 1994.
- _____. **Cartas sobre educación infantil**. Madrid: Editorial Tecnos, 1988.
- _____. **El canto del cisne**. Barcelona: Laertes, S.A. de Ediciones, 2003.
- _____. **Como Enseña Gertrudes a sus hijos**. México, DF: Editorial Porrúa, 2003b.

- _____. **Leonard and Gertrude**. Boston: J.S.Cushing & Co., 1891.
- _____. **Lettre de Stans**. Genève: Editions Zoé, 1996.
- _____. **Sobre Legislación e infanticídio** (1780-1783). Barcelona: Herder, 2002.
- _____. **La velada de un solitário y otros escritos**. Barcelona: Herder, 2001.
- POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: As origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- PRADO JÚNIOR, Bento. **Presença e Campo Transcendental: Consciência e Negatividade na Filosofia de Bergson**. São Paulo: EDUSP, 1988
- RIVAIL, Hippolyte-Léon Denizard. **Textos Pedagógicos**. 2.ed. Bragança Paulista: Editora Comenius, 1999.
- _____. Cours pratique et théorique D'ARITHMÉTIQUE, d'après les principes de Petalozzi, avec des modifications. In: **Bibliographie de la France**. Paris, 1824.
- RIZZINI, Jorge. **Kardec, irmãos Fox e outros**. 2. ed. Capivari, SP: EME Editora, 1995.
- _____. **Herculano Pires, o apóstolo de Kardec**. São Paulo: Editora Paideia, 2001.
- ROULLET, Antoine. A Marselhesa não nasceu em Marselha. In: **História Viva**, edição 82. São Paulo, agosto de 2010.
- ROUSSEAU Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.
- _____. **Do Contrato Social**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- _____. **Emílio, ou, Da Educação**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Júlia ou A Nova Heloísa**. São Paulo / Campinas: Hucitec / Unicamp, 1994.
- SANTOS, José Luiz dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. São Paulo: Moderna 1997.
- SAUSSE, Henti. **Biografia de Allan Kardec**. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 2012.
- SILVA, Eliane M. **Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930**. 1997. Disponível em <<http://unicamp.br/~elmoura/0%20Espiritualismo%20nos%20S%20E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em: 12 dez. 2011.
- SHAW, Bernard. **A Força do destino e a primeira peça de Fanny**. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- SINGER, Paul. **Formação da classe operária**. 22.ed. São Paulo: Editora Moderna, 1994.
- SMITH, Adam. **Riqueza das Nações**. São Paulo: Publifolha, 2010.
- STENDHAL. **O Vermelho e o Negro**. São Paulo: Nova Cultural, 2003
- PARIS, Edmond. **A História Secreta dos Jesuítas**. 21. ed. Brasília: Chick, 2000.

SCHUMPETER, Joseph A. **História da Análise Econômica**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1964.

THOMPSON, Edward. **A Formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOCQUEVILLE, Alexis. **Lembranças de 1848**: As jornadas revolucionárias em Paris. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TOURAINÉ, Alan. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2009

VARTIER, Jean. **Allan Kardec**: La Nascita dello Spiritismo. Rome: Edizioni Mediterranee, 1972.

VOVELLE, Michel. A Revolução e a imagem. In: **Imagens e Imaginário na História**: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX. São Paulo: Editora Ática, 1997.

WANTUIL, Zêus. **As Mesas Girantes e o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Editora da FEB, 1994.

WANTUIL, Zêus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec**. 5.ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1999. 3 Vols.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 2. Brasília: Editora UnB, 1999.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 8. ed. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

_____. **Ciência e Política: Duas Vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. Rejeições Religiosas do Mundo e Suas Direções. In: **Ensaio de Sociologia** 5.ed. São Paulo: LTC, 2002. [Pp.226-252].

_____. **A objetividade do conhecimento das ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

WETCOTT, Willian Wynn. **Coletânea Hermética**. São Paulo: Madras, 2003.

WINOCK, Michel. **As vozes da Liberdade**: os escritores engajados do século XIX. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

XAVIER, Francisco Cândido; LUIS, André [espírito]. **Nosso Lar**. 45. ed. Rio de Janeiro, Editora da FEB, 2009.

XAVIER, Francisco Cândido; LÚCIO, Neio [espírito]. **Alvorada cristã**. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

XAVIER, Francisco Cândido; BITTENCOURT, Esmeralda Campos (org). [psicografia de autores espírituais diversos] **Dicionário da Alma**. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004.

ZOLA, Emile. **O Germinal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Do Romance**: Stendhal, Flaubert e os Goncourt. São Paulo: Editora Imaginário; Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

Revistas e Periódicos

O Mundo da Fé. In: **Revista das Religiões**, n.º 15, São Paulo: Editora Abril, nov. 2004.

MISSE, Michel. Existe uma sociedade weberiana? In: **Revista Cult**. São Paulo, ed. Dossiê Cult. São Paulo: janeiro, 2011. Editora Bregantini.

Filmes

AMADEUS. Direção: Milos Forman. Warner Bros, 1984. DVD (160 min.). Cor.

APOCALIPSE, Now! Direção: Francis Ford Copopla. Universal, 1979. DVD (155 min). Cor.

CASANOVA e a Revolução. Direção: Ettore Scola. Walt Disney, 1982. DVD (122 min). Cor.

DANTON – O Processo da Revolução. Direção: Andrzej Wajda. Spectra Nova, 1983 (131 min). Cor.

GERMINAL, O. Direção: Claude Berri. Lume Filmes, 1993. DVD (170 min). Cor.

MARSELHESA, A.. Direção: Jean Renoir. Versátil, 1937. DVD (135 min). P&B.

MENTE Brilhante, Uma. Direção: Ron Howard. Paramount, 2001. DVD (135 min). Cor.

Músicas

BEN, Jorge. Hermes Trismegisto e sua Celeste Tábua de Esmeralda. In: **A Tábua da Esmeralda**. São Paulo: Philips, 1974.

BEN, Jorge. Os alquimistas estão chegando. In: **A Tábua da Esmeralda**. São Paulo: Philips, 1974.

Sítios de Internet

ELYSE. Marselhesa. Disponível em: < <http://www.elysee.fr/president/la-presidence/les-symboles-de-la-republique-francaise/la-marseillaise/la-marseillaise-de-rouget-de-lisle.637.html>>, acessado em 29 abr.2012.

FRANCE. A Marselhesa, canto revolucionário que se tornou hino nacional. Disponível em: <<http://www.france.fr/pt/conhecer/instituicoes-e-valores/simbolos-da-republica>>, acesso em: 12 jan. 2012.

HISTORY OF SWITZERLAND. Disponível em: <<http://history-switzerland.geschichte-schweiz.ch/>>, acesso em 20 mar.2012.